



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

FLAVIO HONORIO DA SILVA

**LINGUAGEM, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO:  
ENSINAMENTOS DE DEWEY PARA A PANDEMIA**

---

Londrina  
2020



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

**CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES**  
**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**



---

Londrina  
2020

FLAVIO HONORIO DA SILVA

**LINGUAGEM, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO:  
ENSINAMENTOS DE DEWEY PARA A PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Filosofia e Educação.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Leoni Maria Padilha Henning

Londrina  
2020

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UEL

S586L Silva, Flavio Honorio da.  
Linguagem, experiência e educação : ensinamentos de Dewey para a pandemia / Flavio Honorio da Silva. - Londrina, 2020.  
112 f.

Orientador: Leoni Maria Padilha Henning.  
Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.  
Inclui bibliografia.

1. Educação - Tese. 2. Linguagem - Tese. 3. Experiência - Tese. 4. Pandemia de Covid-19, 2020- - Tese. I. Henning, Leoni Maria Padilha . II. Universidade Estadual de Londrina. Centro de Educação Comunicação e Artes. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

CDU 37

FLAVIO HONORIO DA SILVA

**LINGUAGEM, EXPERIÊNCIA E EDUCAÇÃO:  
ENSINAMENTOS DE DEWEY PARA A PANDEMIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Londrina, como requisito para a obtenção do título de Mestre.  
Área de concentração: Filosofia e Educação.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Leoni Maria Padilha  
Henning  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Rafael Bianchi Silva  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

---

Prof. Dr. Tony Honorato  
Universidade Estadual de Londrina – UEL

Londrina, 04 de dezembro de 2020.

## **Dedicatória**

### **A Deus**

Pela companhia silenciosa e instigante no meu processo de crescimento e amadurecimento na busca por mim mesmo em meu caminhar

### **Ao meu pai Pedro Paulo da Silva (in memoriam)**

Pelo exemplo de luta, coragem, honestidade, perseverança e de extremo amor incondicional.

### **À minha avó Maria de Lourdes Ariello (in memoriam)**

Por tão grande amor que carregou por mim, gerado no seu coração.

## **Agradecimentos**

### **À Professora Dr<sup>a</sup>. Leoni Maria Padilha Henning**

Pelo incansável e inestimável exemplo de carinho, atenção e cuidados em meu processo de formação acadêmica.

Espero poder refletir, na minha história pessoal e profissional, os exemplos de competência, de ensinamentos e orientação que demonstrou durante esta trajetória.

### **Ao Prof. Dr. Tony Honorato**

Pelas contribuições valiosas, fundamentais e a colaboração para a consecução deste trabalho.

### **À Prof. Dr. Rafael Bianchi Silva**

Pela gentileza de fazer parte deste momento especial

### **Aos professores do Mestrado,**

Vocês foram fundamentais neste processo

### **Aos amigos e irmãos,**

Pelas palavras de apoio, críticas, ensino, companheirismo, paciência, enfim, pela amizade.

### **Aos colegas do mestrado, do Grupo de Pesquisa Positivismo e Pragmatismo e suas relações com a Educação**

Pela honra de ter compartilhado momentos tão intensos de alegrias, frustrações e sucessos.

SILVA, Flavio Honorio da. **Linguagem, experiência e Educação**: ensinamentos de Dewey para a pandemia. 2020.105 f. Dissertação/Tese (Mestrado/Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## RESUMO

A proposta deste trabalho de investigação sobre a filosofia de John Dewey está pautada em virtude da influência não somente da concepção de educação para o filósofo, mas, sobretudo, pela importância que a linguagem em conjunto com a experiência, oferecem para a melhor formação e aprimoramento do indivíduo na consolidação da vida em uma sociedade democrática. Frente a estas questões, este trabalho fez uma busca compreensiva por suas raízes teóricas. Tratando de analisar os conceitos supracitados buscamos entender como eles influenciam, em momentos marcantes para a continuidade da sociedade humana no modelo de vida democrático, ameaçado pelo evento da pandemia, em 2020. A investigação revelou que além da preocupação com uma educação que vise a maturidade para a vida em sociedade, deve haver a valorização das experiências como fator central colaborativo para o aprimoramento e assimilação, a partir dos conteúdos escolares, da importância da escola como ambiente propício e adequado para as vivências e o respeito às diferenças concernentes ao mundo fora do meio escolar. Isso favorece o processo de interação e continuidade das experiências, enriquecendo o indivíduo que esteja aberto a um aprendizado constante numa atitude de reavaliação das próprias situações que venha enfrentar na vida em contínua evolução. O estudo sugere ainda que esse estudo demandaria outras investigações mais aprofundadas. Procuramos desenvolver relações dos ensinamentos de Dewey, com o evento da pandemia, que atingiu não somente o Brasil, mas também muitos outros países, a necessidade de se colaborar para com a permanência e a continuidade da vida por meio de recursos temporários como o isolamento social, o uso de máscaras, álcool em gel. Observamos, contudo, o impacto desse evento na educação, com o necessário uso dos recursos da tecnologia e audiovisuais, o que nem sempre denotou uma sugestão favorável a muitos segmentos sociais. Pontuamos ainda o estabelecimento cada vez mais forte da democracia e os cuidados com a disseminação das falsas notícias utilizadas, infelizmente, como recurso de propaganda eleitoral e, a não valorização do conhecimento científico confiável, embora sempre revisável, como apontado por Dewey.

**Palavras-chave:** experiência; linguagem; educação; democracia; filosofia da educação; *fake news*; pandemia.

SILVA, Flavio Honorio da. **Linguagem, experiência e Educação**: ensinamentos de Dewey para a pandemia. 2020.105 p. Dissertação/Tese (Mestrado/Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2020.

## ABSTRACT

The proposal of this research on the philosophy of John Dewey is based on the influence, not only of the conception of education for the philosopher, but, above all, for the importance that language together with experience offer for the best formation and improvement of the individual in the consolidation of life in a democratic society. In the face of these issues, this work made a comprehensive search for its theoretical roots. Trying to analyze the aforementioned concepts, we seek to understand how they influence in remarkable moments for the continuity of human society in the democratic life model, threatened by the pandemic event in 2020. The investigation revealed that, in addition to the concern with an education that aims at maturity for life in society, there must be the valuation of experiences as a central factor. This is a collaborative role for the improvement and assimilation, based on the contents, of the importance of the school, as a conducive and adequate environment for the experiences and the respect for the differences that also exist in the world outside the school environment. This favors the process of interaction and continuity of experiences, enriching the individual who is open to constant learning in an attitude of and always reassessing the situations that he may face in preparation for a life that is constantly evolving. The study further suggests that this subject would require further investigations and more in-depth studies. We seek to develop relations with Dewey's teachings, also highlighting his relation to the pandemic event, which affected not only Brazil, but also many other countries, considering the need to collaborate for the permanence and continuity of life through temporary resources such as social isolation, the use of masks, alcohol gel, etc. We observed, however, but also the impact of this event on education, with the necessary use of technology and audiovisual resources, which did not always denote an appalling suggestion to many social segments. We also note the increasingly strong establishment of democracy and the care with the dissemination of the false news used, unfortunately, as a resource for electoral propaganda and has been meant as the failure to value reliable scientific knowledge, although always revisable, as pointed out by Dewey.

**Key words:** experience; language; education; democracy; philosophy of education; *fake news*; pandemic.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO 1: A LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COMO INSTRUMENTO DE CRESCIMENTO</b> .....	22
1.1 EXPERIÊNCIA, LINGUAGEM E EDUCAÇÃO DEMOCRÁTICA NO PROCESSO DE CRESCIMENTO INDIVIDUAL E COMUNITÁRIO.....	25
1.2 A DIMENSÃO SOCIAL DA EXPERIÊNCIA.....	35
1.3 A LINGUAGEM ENQUANTO MECANISMO DE VIDA EM SOCIEDADE .....	38
1.4 LINGUAGEM E EDUCAÇÃO NA PERSPECTIVA DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA.....	45
<b>CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO NA CONSOLIDAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA E A MEDIAÇÃO DA LINGUAGEM.</b> .....	52
2.1 A EDUCAÇÃO TRADICIONAL <i>VERSUS</i> A EDUCAÇÃO PROGRESSISTA .....	54
2.2 O PAPEL DA ESCOLA EM UM CENÁRIO DEMOCRÁTICO E A IMPORTÂNCIA DE UMA ATUAÇÃO RESPONSÁVEL E EDUCATIVA DOS PROFESSORES .....	67
2.3 IMPLICAÇÕES DAS IDEIAS DEWEYANAS NA VIDA ESCOLAR: UM EXERCÍCIO REFLEXIVO.....	79
<b>CAPÍTULO 3: AS CONTRIBUIÇÕES DE DEWEY DIANTE DAS QUESTÕES RESULTANTES DA PANDEMIA: EFEITOS SOBRE A LINGUAGEM</b> .....	87
3.1 ISOLAMENTO SOCIAL.....	88
3.2 EDUCAÇÃO ESCOLAR NA MODALIDADE REMOTA .....	91
3.3 DEMOCRACIA .....	96
3.4 O CUIDADO COM A DISSEMINAÇÃO DE FAKE NEWS .....	99
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	104
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	107

## INTRODUÇÃO

O envolvimento com os estudos filosóficos sempre esteve atrelado ao exercício de análise de conceitos trabalhados arduamente no decorrer da minha graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná, na cidade de Curitiba entre os anos 2006 e 2008. O percurso durante a graduação foi árduo, pois nesse trajeto, percebi a lacuna que a falta de contato com linhas filosóficas durante a educação básica deixou, dificultando a assimilação de saberes mais aprofundados – filosoficamente com maior grau de abstração – que necessitavam de conhecimentos prévios para que, de fato, fossem explorados. Como hoje, ligado à educação, a preocupação intensifica-se devido a possibilidade da total retirada desta disciplina da grade curricular como componente obrigatório.

Mesmo assim, ao longo da formação, os estudos filosóficos foram sendo aprofundados, considerando a primazia da interdisciplinaridade cujos conceitos presentes na História da Filosofia permitiram compreender o desenvolvimento do pensamento desde o período clássico até o período contemporâneo.

Durante a graduação, desenvolvi, além dos estudos normais próprios do curso, participei de pesquisas de iniciação científica, que tratava da análise das filosofias de Nietzsche e Foucault, sobre o nascimento, se assim podemos dizer, da alma moderna no interior do ser humano. Cada filósofo com sua abordagem específica, cujas visões diferentes foram discriminadas graças ao meu orientador Prof. Dr. Antônio Edmilson Paschoal (PUCPR), que tornou possível entender as diferentes nuances que estes pensadores desenvolveram e que, de modo particular, Nietzsche influenciou na filosofia de Foucault que mostra em sua obra “Vigiar e punir: o nascimento da prisão” (2005).

Ao longo deste estudo, o interesse pela Filosofia sempre crescente também oportunizou desenvolver o artigo que, posteriormente, foi apresentado em um evento na Universidade de São Paulo (USP), em 2007, no Centro de Ciências Humanas. O trabalho rendeu ainda a continuidade da iniciação científica por mais um ano, sob a orientação do mesmo professor, no entanto, agora abordando um novo trabalho que igualmente chamou a atenção não somente pelo tema, mas também pela sua relação e diálogo com a Literatura, especificamente, Dostoiévski.

Neste sentido, o novo trabalho de pesquisa foi estudar os níveis de ressentimento existentes no interior do ser humano e, para isso, utilizamos da obra

Memórias do subsolo (2008) do escritor já mencionado. No decorrer deste trabalho, discorri sobre os diferentes níveis existentes de ressentimento que foram pautados pela obra *Genealogia da Moral* (1998), de Friedrich Nietzsche, livro organizado em três dissertações, redigidas em formato de aforismos, sentenças sob as quais o filósofo alemão expõe seu estudo não somente histórico mas também filológico referente ao tema da moral e posteriormente sua crítica quanto ao nascimento desta ao longo da História.

Esse estudo interdisciplinar entre a Filosofia e a Literatura despertou em mim o desejo de dar continuidade a uma pesquisa posterior dessas duas formas de análise de pensamento, no ano de 2011, residindo em São Paulo. Ao longo dos estudos teológicos no Instituto São Paulo de Estudos Superiores, novamente tive a oportunidade de desenvolver pesquisas envolvendo o diálogo entre a Teologia e a Literatura russa, para uma temática bastante exigente e muito desafiadora no quadro da Teologia que era o da Antropologia Teológica. Esse estudo, fomentado por seminários, entre as diferentes artes como música, cinema, literatura e a pintura, continuei por dar prosseguimento no interesse em promover o diálogo, a fim de buscar uma nova compreensão sobre a relação que podemos estabelecer com o ser humano na Teologia.

Ao final do ano de 2015, optei por estudar, como disse anteriormente, o diálogo entre a Teologia e a Literatura russa. Desenvolvi uma análise sobre a capacidade de superação das adversidades da vida a partir de um olhar teológico e embasado a partir de um personagem da obra *O idiota*, de Dostoiévski, construído tendo como inspirações a pessoa de Jesus Cristo e a figura de Dom Quixote, de Miguel de Cervantes. Esse estudo foi possível aliado a um desejo pessoal de analisar a grande qualidade do ser humano em possuir a fé em que aparece no contato com as diversas realidades da existência, podendo instigar a uma atitude positiva frente a vida.

Esse trajeto de estudos não deixou de fazer parte da minha intenção de aprofundar a possível relação entre a Filosofia da Educação e a Literatura quando da minha participação no processo seletivo para o Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade Estadual de Londrina, no ano de 2017. No entanto, especificamente, em se tratando dos estudos no âmbito filosófico e teológico, percebi que a linguagem ocupa uma parte de suma importância no universo humano dado ao fato de que a compreensão acerca do uso da linguagem em diferentes espaços

possibilita um melhor domínio e visão que este valioso instrumento possibilita no interior das relações humanas.

Graças à participação nas reuniões do Grupo de Pesquisa “Positivismo e Pragmatismo e suas relações com a Educação” foi possível compreender as principais temáticas da filosofia de John Dewey e mergulhar nas ideias que eram muito apropriadas a várias realidades que até hoje são importantes de serem revisadas à luz da educação no cenário da sociedade brasileira e garantir que todos possam desenvolver suas habilidades para além de atender determinadas estruturas sociais, políticas, econômicas e educacionais.

A profundidade da temática relativa à linguagem e sua conexão com a educação se tornou possível de ser estudada e melhor compreendida a partir da filosofia de John Dewey, com o qual a partir de sua história pessoal e o contexto com o qual é gerado seu pensamento que nos detivemos para investigar e procurar também contribuir com a proximidade de seu pensamento para a nossa realidade educacional cheia de inquietações e necessitada de maiores aperfeiçoamentos.

Por isso, antes de nos determos sobre o estudo filosófico cabe expormos um pouco a história de nosso filósofo. John Dewey nasceu em 1859, na cidade de Burlington, região nordeste dos Estados Unidos. Atuou como professor nas Universidades de Michigan, Chicago e Columbia. O conjunto de sua produção, foi publicado, divulgado e traduzido em vários países. No Brasil, pelo menos até o final da década de 50, algumas delas foram traduzidas pelo seu discípulo e simpatizante de suas propostas educacionais, Anísio Teixeira.

Dewey envolveu-se em algumas questões sociais de sua época, tais como: os direitos dos professores, dos negros, do voto feminino e principalmente pela ampliação da Escola Pública. Há relatos de que pediu demissão da Universidade de Chicago quando tomou conhecimento de que a instituição estava alegando um processo de feminilização e desencorajamento de os homens frequentarem a universidade. E, numa outra situação quando a mesma Universidade proibiu a admissão de mulheres junto ao Corpo Docente, proibindo que elas ocupassem cargos de destaque na Universidade. Dewey foi um dos líderes de um protesto do qual participaram todas as mulheres da Universidade. Porém, o que forçou a sua demissão, foi o fato de a Escola Laboratório ter perdido sua autonomia após sua esposa Alice Chipman Dewey se tornar diretora.

A Escola Elementar Universitária, criada em 1896, conhecida como *Escola Laboratório* para crianças entre 4 e 13 anos, durante sete anos, serviu de experimentação às suas ideias pedagógicas. A Escola Laboratório buscou redefinir uma nova função para a escola a partir da experiência. Nessa escola, a sala de aula deveria ser um local onde as crianças pudessem formar grupos, criar planos e executar suas atividades sob a orientação do professor. Este deveria conduzir o aluno de acordo com a complexidade da sociedade, dando-lhe oportunidade de aprender da forma mais natural possível. Buscava-se habilitá-lo para que tivesse consciência e condições de enfrentar os obstáculos encontrados. A metodologia adotada procurava meios eficazes de aprender e ensinar, tendo o aluno como centro da educação, um agente ativo no processo de aprendizagem. Os princípios básicos eram: desenvolver a solidariedade, integrar aluno e sociedade, promover atividades que favorecessem a cooperação das crianças e formar o cidadão.

Pelo trabalho desenvolvido na Escola Laboratório e pelo conjunto de sua produção, pode-se inferir que Dewey tinha uma proposta de educação fundamentada no princípio de que a aprendizagem da criança deveria se dar num ambiente estimulador, de liberdade, organizado institucionalmente, voltado para as diferenças individuais e, acima de tudo, integrado com o próprio desenvolvimento da sociedade. A chave para o entendimento destas propostas está exatamente, na evolução material da sociedade, sendo a educação apontada, sob a perspectiva histórica, como alavanca para o desenvolvimento cultural da sociedade, na qual, no final do século XIX e início do século XX, e em decorrência das sucessivas crises econômicas, acentuavam-se as contradições e os conflitos sociais.

Com o intuito de entender as observações de Dewey referentes à estrutura educacional e, conseqüentemente, suas propostas para um incentivo e assimilação de uma educação progressiva, iremos pautar nossa pesquisa na leitura e fichamento algumas de suas principais obras, tais como *Democracia e Educação: Introdução à Filosofia da Educação* (Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1959), *Experiência e Educação* (Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1971), *Como pensamos: como se relaciona o pensamento reflexivo com o processo educativo, uma reexposição* (Trad. de Haydee Camargo Campos. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979), *Experiência e natureza* (Trad. de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme, Anísio Teixeira, Leônidas Gontijo de Carvalho. São Paulo: Abril Cultural, 1980), todas elas traduzidas em português pelos tradutores mencionados em

cada uma das obras utilizadas e apontadas para a investigação e execução desta dissertação, além de consultar outras obras de comentadores, sejam eles artigos e dissertações.

O percurso percorrido através destas leituras e fichamentos ofereceram uma extensa imersão às ideias e seus respectivos olhares que possibilitaram perceber, a emergência para uma adequada transformação das múltiplas realidades que ainda hoje entendemos serem necessárias após seus escritos visto que as problemáticas que ainda encontramos como atuais e exigem por parte de todas as pessoas atitudes e um ímpeto para que a educação seja a chave mestra dessas mudanças tão significativas.

Por essa razão, a fim de que seja melhor compreendido o pensamento filosófico de Dewey precisamos entender o contexto histórico-social que se passa a vida e a sociedade americana e, por sua vez, global, em meados do século XIX. O crescimento da industrialização americana no início do século XIX aumentou drasticamente após a Guerra Civil Americana, onde o país passou por uma Revolução industrial. Técnicas mais modernas, rápidas e eficientes de produção industrial aumentaram drasticamente a capacidade de produção das fábricas americanas. A construção de uma grande malha ferroviária ao longo do país fez com o transporte de produtos de um ponto a outro do país tornasse prático e rápido. Inventores desenvolveram diversos novos produtos. O comércio por atacado e varejo do país prosperou, e grandes empresas surgiram. Durante este período, o crescimento industrial dos Estados Unidos rendeu grandes efeitos. Cidades tornaram-se os principais centros econômicos do país, e a indústria de manufatura e finanças superaram a agricultura e a pecuária como as principais fontes de renda dos Estados Unidos. O processo de industrialização elevou drasticamente a migração rural.

Economicamente, as desigualdades sociais eram bastante acentuadas. Porém, é importante registrar que essas diferenças internas cederam lugar a um sentimento de soberania nacional. Diferente de outras nações europeias, nos Estados Unidos, assegurava-se a unidade nacional pelo culto aos princípios básicos da Declaração da Independência, de 1776, em que a liberdade, a democracia, o sentimento de solidariedade se constituíam ideais a serem alcançados, embora, na prática, esses sentimentos não se estendessem a toda a sociedade, pois escravos, operários e mulheres não usufruíam dos mesmos direitos, estavam excluídos de todo processo político.

Diante de tal quadro, a burguesia mantinha-se solidária dentro de seu próprio país e também fora dele, no sentido de que os empresários, ao expandirem seu capital, buscavam aliar-se com outros empresários, formando cartéis, trustes e monopolizando a distribuição de bens e serviços. A mesma leitura pode ser feita com o ideário da liberdade, ou seja, eram livres para indicar preços, valores, pagar salários ou não para os empregados. Era visível a diferença entre as classes, entre os diferentes segmentos sociais; no entanto, a economia, motor do desenvolvimento do país, parecia garantir oportunidades a todos, principalmente com o grande desenvolvimento industrial que reduzia o número de desempregados e aumentava a produção e a comercialização para outros mercados.

Esse contexto insere-se no novo estágio do capitalismo, caracterizado pelo Imperialismo no final do século XIX e início do século XX, em que a concorrência por mercados, o empreendimento na tentativa de monopolizar mercados, a conquista e a submissão de novos territórios impulsionavam uma política armamentista cada vez maior entre as nações.

O processo histórico permite observar que o capitalismo se desenvolveu em fases diferentes, mas manteve o seu caráter essencial na sua forma de acumulação. Isso significa dizer que a Revolução Industrial gestou o Imperialismo e o Imperialismo gestou a Primeira Guerra Mundial.

O grande desenvolvimento econômico, obtido pelos Estados Unidos, foi estimulado pela Primeira Guerra Mundial e orientado pelo modelo de produção liberal, favorecido pelo Estado que se ajustava ao "*laissez faire, laissez aller, laissez passer*"<sup>1</sup>, que significa literalmente "deixai fazer, deixai ir, deixai passar".

Apesar do desaparecimento de milhões de empregos, predominava a crença na "mágica" da tecnologia. Isso significa dizer que a oferta criava a sua própria demanda e que a maior oferta de bens mais baratos estimulava o consumo de bens produzidos, que estimulavam maior produção. Assim, um volume maior de bens vendidos compensaria a perda inicial do emprego em certos setores, e os consumidores, comprando outros produtos, estimulavam mais a produtividade e o aumento de emprego em outras áreas da economia.

---

<sup>1</sup> *laissez faire, laissez aller, laissez passer* é uma expressão francesa que simboliza o liberalismo econômico, em que o mercado deve funcionar de modo livre, sem a interferência do Estado, sem a aplicação de taxas ou subsídios, tendo por finalidade a proteção aos direitos de propriedade. Esta filosofia teve seu início tanto nos Estados Unidos como na Europa entre o final do século XIX e início do século XX.

Na prática, os resultados foram outros. O grande número de trabalhadores demitidos provocou a queda nas vendas. Com a falta de compradores, vários setores se empenharam em investir na publicidade para forçar a venda de seus produtos, apelando, inclusive, para aqueles que ganhavam mais comprarem mais.

A preocupação com o desemprego emergente atingiu o setor empresarial. A produção industrial vinculada ao taylorismo e ao fordismo, os quais, até então, eram considerados como modelo padrão de produtividade e lucro, entra num ciclo de indefinições. Por um lado, o desemprego contribuía para a redução do mercado interno, por outro lado, as exportações para os países europeus diminuiriam com a retomada do crescimento industrial europeu. A insistência norte-americana em manter o mesmo ritmo de produção mascarava uma crise que já estava sendo gerada pelo próprio sistema capitalista. Esse quadro adquiriu proporções maiores após a falência de algumas empresas. As ações de algumas delas tiveram uma diminuição de valor e, com medo de um prejuízo ainda maior, os investidores colocaram à venda suas ações na Bolsa de Valores. Dessa forma, a desvalorização das ações foi ainda maior, culminando na Quebra da Bolsa de Valores em 1929.

A crise econômica americana, também denominada “Grande Depressão” exigiu novas formulações econômicas. A defesa da intervenção estatal na economia sugeria um comportamento econômico moral, regulador de mercado e, ao mesmo tempo, um freio ao *“laissez faire, laissez aller, laissez passer”*. A intervenção do Estado na economia, após a crise de 1929, foi apontada como a saída para a superação da crise. O Estado passou a propor medidas para reorganizar a economia e a sociedade, porém sem eliminar as bases da economia capitalista, assentadas nas leis de mercado.

Portanto, as sucessivas crises econômicas não provocaram uma ruptura com a concepção liberal, impulsionaram apenas certos ajustes na condução econômica do modelo capitalista. Nos Estados Unidos, a opção por um ajuste intervencionista não abandonou alguns pressupostos básicos do liberalismo. Assim, o liberalismo, como idéia aplicada à realidade concreta, ficou dividido, internamente, em duas correntes de pensamento. A primeira, apegada à ideia de liberdade como direito natural, agrupava aqueles que rejeitavam qualquer ação governamental que controlasse uma política social. A segunda defendia o princípio de que a sociedade organizada deveria usar os seus poderes para estabelecer as condições para que as multidões participassem dos vastos recursos materiais ou, em outras palavras, permitir a todos participarem, legalmente, da distribuição de bens materiais.

Com essa retrospectiva histórica, se torna claro a posição de Dewey quanto às suas ideias educacionais para o enfrentamento dessas realidades sociais que estavam presentes e que devem ter afetado a dinâmica educacional e igualmente a perspectiva democrática que o filósofo defende como um direito de igualdade a todos, independentemente da condição econômica. Para ele, é preciso que seja dado os devidos instrumentos adequados para sua capacitação e desenvolvimento humano de todos.

A discussão em torno da busca pelo ideal democrático que iremos apresentar a partir do pensamento filosófico de Dewey é pautado também pelos seus desdobramentos como: na educação em geral, a linguagem e na proposta pedagógica da educação progressiva como aposta para uma formação educacional essencialmente democrática oferecida a todas as pessoas indistintamente.

A importância de se analisar alguns conceitos apontados nas obras filosóficas de Dewey foi facilitada pela compreensão de suas influências quanto ao pensamento reflexivo tais como: na concepção de educação, na experiência, no modo de vida democrático e na linguagem. Através destes pontos, procuramos enfatizar a forma com que Dewey destacava a partir das realidades de seu tempo, as suas preocupações tendo em vista o alcance para um adequado e igualitário processo de desenvolvimento das aptidões humanas em vista das realizações individuais e sua contribuição para com o comunitário.

Tal aspecto em que se relaciona a educação e a democracia também são temas que influenciaram, aqui no Brasil, o pensamento de Anísio Teixeira e também de Paulo Freire quanto ao objetivo de conferir à educação um caráter transformador. Assim como Dewey, os autores brasileiros defendem em suas obras uma real alteração das realidades excludentes, seja através da educação, como também por meio dos instrumentos daí utilizados para se alcançar esta finalidade, como é o caso da linguagem enquanto um instrumento por excelência na divulgação das ideias e posturas pessoais no contato com os demais membros da sociedade democrática.

De modo particular, por exemplo, podemos citar Paulo Freire que demonstrou que a linguagem se constitui em um problema educacional quando, por uma educação opressora há o impedimento a algumas pessoas de fazerem o uso justo e equânime da palavra, dificultando-se o seu acesso, configurando-se assim como um tipo específico de violência (FREIRE, 1978). Nesse contexto, os agentes políticos não concebem a participação democrática de todos nas decisões de interesse geral

humanista, sobretudo, no que se refere às pessoas em situações de vulnerabilidade social, econômica e educacional a fim de poderem defender questões que poderiam ser melhor discutidas por meio de uma linguagem mais acessível e próxima das suas realidades, como ainda, facilitando a elas a aquisição dessa indispensável ferramenta de comunicação.

Além do que já foi exposto, há que considerar também o fato de a democracia ser um valioso e poderoso mecanismo de inserção social, tendo em vista que tal regime de vida deve contemplar toda população, de forma igualitária, participativa e justa, sem discriminação ou exceção. Por esse motivo, resta-nos saber: Até que ponto é possível um regime enquanto atributo de irrestrita humanização, pautado pela discussão aberta e concreta acerca das problemáticas que atingem a grande parte das pessoas em suas respectivas realidades sociais, econômicas, políticas e culturais, conduzida de forma clara e objetiva por meio do uso de uma linguagem altamente disseminadora de ideias e propostas?

Concomitantemente, a forma com que temos visto o uso da linguagem de forma descarada e desonesta na disseminação de informações e julgamentos com respeito a inúmeras situações e fatos do cotidiano, colaboram para confundir mais que esclarecer, dividir mais que unir, segregar atitudes de ódio e discriminação aos invés de restabelecer laços é um sinal claro de que a linguagem tem sido utilizada como um muro ao invés de ponte, deixando um sentimento e uma sensação bastante delicada de que este recurso que poderia ser um importante instrumento para consolidar a ligação entre a linguagem e a educação, tem feito exatamente o contrário.

Em virtude do que foi apresentado anteriormente, decidimos por fazer um estudo calcado na análise da relação da linguagem com a experiência como fundamento para o estabelecimento da democracia. Para dar cabo a esse intento, recorreremos a John Dewey (1859-1952), o conhecido filósofo e educador pragmatista norte-americano que tratou do assunto.

Tendo em vista a dedicação do referido autor na temática da democracia e educação, em cuja relação observamos a importância da linguagem, objetivamos encontrar em seu pensamento os elementos necessários para a compreensão deste fator de nosso interesse. Assim, procedemos situando a linguagem na experiência, uma vez que, para o autor, o ser humano é um ser de experiência e de comunicação, devendo aprimorar tais características pela educação se, de fato, intentar a formação democrática. Nesse sentido, nosso trabalho intitulado *Linguagem, experiência e*

*Educação: ensinamentos de Dewey para a pandemia* procura desenvolver os principais traços da linguagem no âmbito natural, educacional e sociopolítico, e, de modo particular, os ensinamentos que foram adquiridos com a incidência da pandemia de Covid-19.

Ao ter analisado materiais a respeito dos conceitos de experiência e linguagem, observamos que a experiência é o resultado do convívio no ambiente natural e social e das relações humanas que aí acontece, sendo um importante fator a ser considerado no tocante ao ideal democrático de uma sociedade. Quanto à linguagem, se traduz em estabelecimento de comunicação de ideias e a significação de conceitos próprios que nela transitam, cujas relações que estabelecem entre si e com o mundo ampliam o seu uso melhorando a compreensão das situações comuns ao convívio comunitário. De forma especial, compreende-se que a linguagem é um importante instrumento de interação social entre os indivíduos, possibilitando a troca e o aprimoramento do pensamento que se utiliza da linguagem como veículo de transmissão de ideias.

Além disso, observa-se que a linguagem está necessariamente relacionada ao uso na obtenção de resultados práticos e úteis aos indivíduos. De modo particular, a linguagem ocupa uma centralidade ao levar em consideração que seu uso é necessário à vida assim como a educação pois fornece um estreito vínculo social e comunitário.

Por essa razão, a linguagem é, por algumas vezes, tomada em um sentido depreciativo pois, se distorcida de um contexto para o qual foi utilizada, podendo se transformar em mecanismo de opressão e calúnia, julgamento e acusação e provocar questionamentos acerca do uso inadequado no trato da convivência entre as pessoas.

Há que se observar que, na atualidade em que se situam as relações humanas e a forma de apropriação da linguagem, esta deveria ser vista como um importante meio de humanização para a promoção das pessoas e da própria sociedade enquanto possuidora de instrumentos sofisticados possibilitadores da expansão da comunicação.

Contudo, por sua vez, o mau uso da linguagem gera problemas que atingem a todos indistintamente dado ao fato de que, em pleno século XXI, a disseminação das

chamadas *fake news*<sup>2</sup> provocou a importância cada vez maior em se procurar a real intencionalidade por meio do uso das palavras e a maneira com que a comunicação foi tomada em detrimento de algum grupo para fortalecer sua posição no *status quo* dominante.

Por essa razão, valida-se o peso a ser considerado ao tratarmos da relação entre a linguagem e a educação, haja vista que a linguagem se situa como recurso inerente ao convívio social e comunitário e, especificamente, no âmbito educacional, como explicitação de um meio em que se exerce a dimensão política como é o caso do ambiente educacional.

Após a exposição de todos os elementos considerados importantes para a compreensão acerca da mediação entre a linguagem e a educação, nosso trabalho propõe-se a discutir a seguinte questão: *Qual é o papel da linguagem, para Dewey, enquanto experiência compartilhada no contexto da educação, como fonte de humanização e transformação das realidades existentes nos diferentes âmbitos da vida comunitária (natural, humana, social, política e educacional) em vista do desenvolvimento de uma educação democrática e seus ensinamentos para o confronto da pandemia?*

Sendo assim, compete ao homem sustentar e apoiar a fé democrática na capacidade que os seres humanos possuem de julgar e agir com inteligência, desde que lhes sejam oferecidas condições apropriadas. Em razão disto, todos têm direito à igual oportunidade de compartilhar, por meio da inteligência comum a todos, da construção do bem comum. Nesse contexto, acreditamos que a democracia é a confiança na natureza do homem tal qual se apresenta, independentemente de raça, cor, sexo, e outros atributos condizentes.

Isto é reforçado cada vez que o mundo humano constituído por um modo democrático de viver referente a um sistema de valores, colabora para a consolidação de normas da vida comunitária onde cada um tem interesse em atuar com seus semelhantes para assim poder sentir-se mais forte, mais eficiente e mais útil à comunidade.

---

2 O termo em inglês *fake news* se tornou popular em todo o mundo com o intuito em disseminar informações falsas que são publicadas, principalmente, em redes sociais, seja com o intuito de atacar e/ou desmoralizar personalidades políticas ou cidadãos comuns, ocasionando, em alguns casos, ataques cibernéticos.

A partir das premissas elencadas acima, as quais considero propulsoras da motivação inicial em pesquisar sobre a temática da “linguagem e a experiência como elementos partícipes na dinâmica da educação democrática”, traçamos como objetivo geral – desenvolver os principais traços da linguagem em consonância à experiência no âmbito humano, natural, social, político e educacional. Para que, de fato, esse objetivo seja alcançado, é necessário compreender a linguagem como instrumento de mediação e de promoção do crescimento individual e comunitário possível de ser realizado no interior da sociedade democrática, mas também, investigar a importância da linguagem para fundamentar seu uso e alcance para o desenvolvimento de uma educação democrática.

Deste modo, a investigação de nossa pesquisa será pautada a partir do trabalho conceitual da linguagem e experiência, e isto será feito por meio de leituras, fichamentos, análises e relações dos conceitos citados com o problema, a saber, em que medida a linguagem implica no compartilhamento das experiências e qual a sua força e limitações no aprimoramento formativo e político? Considerando a grande relevância da linguagem no âmbito da experiência humana e social, no entendimento do processo educacional, base da teoria da Filosofia da Educação de John Dewey, esperamos que o presente trabalho possa oferecer principalmente subsídios teóricos no esclarecimento dos cuidados da linguagem nas relações educacionais.

Como forma organizacional do texto, propomos três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “A linguagem na experiência educativa como instrumento de crescimento”, trata de analisar o processo em que a educação por meio do uso da linguagem, torna-se um importante instrumento para o crescimento individual e que abrange o aspecto individual e comunitário. Para isso, abordamos em primeiro lugar a relação existente entre a experiência e a educação concomitante ao uso da linguagem como recurso que possibilita a interação entre o homem e a sociedade enquanto indivíduo natural e social.

O segundo capítulo discutirá “A educação na consolidação de uma sociedade democrática e a mediação da linguagem”, em que abordamos a importância do ambiente escolar para a consolidação de uma educação que leva a uma sociedade eminentemente democrática a partir de seus alicerces.

O terceiro capítulo irá abordar as contribuições da filosofia de Dewey para refletirmos sobre os impactos do evento da pandemia, no ano de 2020, sobretudo, no

que diz respeito à educação, ao isolamento social, à democracia e, por fim, à questão da disseminação de fake news na sociedade.

Para finalizar, apresentamos as obras utilizadas diretamente em nossa exposição, em que destacamos as obras do próprio autor em apreço, como outras referências que nos oferecem subsídios importantes para o enfrentamento do problema central de nossa pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 – A LINGUAGEM NA EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COMO INSTRUMENTO DE CRESCIMENTO**

A nossa intenção neste capítulo se concentra na análise entre a experiência e a linguagem no interior das relações humanas construídas nos diversos ambientes a que somos partícipes ao longo de nossa vida, desde a infância no seio familiar até a vida adulta nos diferentes ambientes dos quais, de uma forma direta ou indireta, fazemos parte e, desde então construímos o processo de crescimento e amadurecimento para a vida em sociedade.

A dinâmica das relações pessoais a que estamos sujeitos no circuito de convivência no interior de uma sociedade em consolidação, se perfaz, idealmente mediante o estabelecimento de uma relação de igualdade e, fundamentalmente, democrática. O processo que se faz necessário para se alcançar essa relação e sintonia entre os diferentes setores, seguimentos e grupos que constituem um corpo social deve ser construído a partir de um diálogo pautado no debate de ideias das pessoas que compõem a sociedade e, assim, percebam a existência de valores e posicionamentos multifacetados.

Dessa forma, o pensamento pragmatista através da filosofia de John Dewey nos ajuda a pensar e a refletir acerca de como perpassar os modos tradicionais de pensar para fazer um caminho de tessitura, e não de conflito e separação, incorporando à vida cotidiana a criação de novas ideias para lidar com o mundo com o qual vivemos, em um processo de constantes mudanças.

Por esse motivo, é importante ter a compreensão de que, para o estabelecimento de uma forma de vida mais adequada ao convívio entre todos é importante ressaltar o aspecto da formação educacional desde a base no interior do seio familiar e, posteriormente, no âmbito social das relações interpessoais e em seus variados grupos organizados, sejam eles, civis, religiosos, científicos e outras expressões da vida em uma comunidade política, a fim de estabelecer o modo de viver em uma sociedade democrática. Porém, há que se reforçar que nesse caminho feito por todas as pessoas, que participam desta estrutura social organizada, entendemos assim que, “[...] todos são responsáveis pela condução de seus destinos particulares desde que mantenham em vista a realização do bem comum. Ademais, exige de cada indivíduo, em sua particularidade, a devida tolerância para com as diferenças de opiniões e crenças” (AMARAL, 1990, p. 65).

Nesse sentido, Dewey estabelece o princípio de continuidade da experiência segundo o qual deverá haver um entrelaçamento dessas diversas experiências obtidas e realizadas ao longo da vida. Assim, a educação deverá ser a reconstrução da experiência, em seus esforços de considerar todo o material simbólico que o educando traz de sua vivência exterior à escola, para promover um sentido em sua subjetividade a respeito da vida individual e coletiva.

Desta forma, no que se refere à educação observamos que ela pode ser protagonista para que haja uma melhor compreensão no tocante a fomentar e promover o ideal de vida compartilhada e socialmente almejada. Entendemos, deste modo, que através do estabelecimento de um diálogo pautado pela abertura de ideias e pensamentos podemos contribuir para o desenvolvimento de pessoas que vejam também nisto sua responsabilidade quanto a um processo gradual de amadurecimento e crescimento e, posteriormente, esperar que haja uma contribuição para a consolidação de uma sociedade democrática.

A educação em um contexto mais amplo no trato das relações sociais, proporciona a cada indivíduo uma forma de ver o mundo em suas diversas realidades. No seio de um modo de viver democrático,

[...] a vida que se coaduna com os moldes democráticos, requer a crença em certos valores, modos de ação, objetivos que são verdadeiros porque são bons, e são bons porque tornam a vida melhor. Esses valores são aqueles que regulam a conduta. [...] De acordo com as normas da vida social, cada um tem interesse em atuar em comum com seus semelhantes para assim poder sentir-se mais forte, mais eficiente e mais útil à comunidade (AMARAL, 1990, p. 66-67).

Por essa razão, é importante recordar que, segundo Amaral (1990), Dewey entende a sociedade como sendo o processo em que ocorre a associação de experiências, ideias emoções e valores transmitidos e tornados comuns. Em função de seu papel transformador,

A educação pode ser pensada como um dos aspectos mais importantes da cognição humana. Por este processo, ao homem é possível apreender noções comuns e inerentes às peculiaridades de seu grupo social. A capacidade de pensar torna o homem capaz de refletir sobre o mundo e sobre si mesmo, desta forma lhe é fornecido a capacidade de transformar a natureza ao seu redor e se transformar (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 137).

Ao partir dessa compreensão sobre a importância da educação na formação intelectual dos indivíduos em todo o decorrer de sua vida e no contato com as demais pessoas, espera-se que ela aponte para um caráter de emancipação e transformação do indivíduo, promovendo, assim, uma formação crítica e consciente, assim o indivíduo torna-se capaz de refletir sobre o mundo e conseqüentemente ser um agente ativo de transformação ativo de seus atos e não mero coadjuvante (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 138).

O destaque dado por Dewey com respeito à educação nos ajuda a entender que este pensador foi um “[...] autêntico ativista social, tanto no estrito espaço acadêmico como fora dos muros da universidade” (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 138) e, por esse motivo, o processo educacional possui uma grande importância no aspecto de viabilizar a qualidade das experiências (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 141).

Diante disso, observamos que o autor enfatiza, educação como reconstrução da experiência, já que podemos ter experiências deseducativas uma vez que impedem ou limitam as possibilidades para novas experiências. Ou como diz o nosso filósofo, ao afirmar que “[...] uma experiência pode ser tal que produza dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida, restringindo, portanto, a possibilidade de futuras experiências mais ricas” (DEWEY, 1979, p. 14).

Quando nos propomos a discutir, investigar e compreender o significado das situações e suas repercussões em cada um de nós, observamos que se faz necessário instigar a busca pela solução mais adequada de cada situação a fim de que haja um favorável e considerável crescimento individual e, conseqüentemente, comunitário.

Dessa forma, a nossa análise será pautada em delinear elementos que consideramos importantes para o alcance de uma educação adequada e fortemente empenhada a formar pessoas capazes de responder às situações e realidades múltiplas e, assim, proporcionar um amadurecimento e um crescimento de tal modo que eles possam ser capazes de refletir sobre sua ação e interação com os demais na vida em sociedade.

## 1.1 Experiência, linguagem e educação democrática: uma base para o crescimento individual e comunitário.

Tratando de aprofundar a compreensão acerca da linguagem, cabe-nos salientar o intercâmbio que ocorre na relação entre o homem e a natureza, ou seja, a interação que é efetuada entre eles. Entendemos que, inicialmente, o ato de pensar não é algo ordenado, concatenado com ideias claras, mas, sim, enquanto estas servem “[...] para guiar e organizar observações, recordações e experimentações ulteriores” (DEWEY, 1979, p. 176). Em razão disso, no tocante à interação entre o homem e a natureza, observamos que “[...] graças ao desenvolvimento da linguagem e dos símbolos, essas interações são dirigidas a consequências previstas, elas adquirem a qualidade de interações inteligentes, o que abre caminho para o surgimento da pesquisa humana capaz de solucionar problemas (CABRAL, 2016, p. 19).

A inteligência, enquanto instrumento ordenador, considera o papel que o ser humano realiza para o adequado desenvolvimento humano e social. Como agente de transformação em meio às múltiplas realidades, o indivíduo influencia na forma como estas serão observadas e gerenciadas por ele de forma madura e inteligente, proporcionando o equilíbrio no interior das relações humanas.

Para Dewey, portanto, o meio em que os seres humanos vivem, atuam e investigam, não é puramente biológico, mas é também cultural. Das relações entre os seres humanos surgem problemas que induzem a investigar, e os órgãos para enfrentar estes problemas não são só os olhos e os ouvidos, mas também sentidos e significados, que se desenvolvem no curso do viver, junto com os modos de formar e transmitir a cultura e todos os seus componentes (CABRAL, 2016, p. 20).

Dentre estes instrumentos que o homem possui, observamos que o fator da linguagem ocupa grande importância na relação com a solução de problemas de caráter comunitário, pois conforme, deste modo, a simbolização e a linguagem permitem que o conhecimento seja condensado e, conseqüentemente, a experiência seja transmitida e transformada (CABRAL, 2016, p. 20). Além disso, Dewey observa na linguagem um fator cultural muito importante, haja vista que com o uso de símbolos em seus respectivos sentidos, torna-se possível planejar e organizar uma ação

coletiva que produza amplo alcance e efeitos duradouros a toda uma comunidade (CABRAL, 2016, p. 21).

Ao apresentarmos as relações da linguagem, enquanto experiência compartilhada, acrescentamos a natureza e o homem, como reveladores da ideia de que, [...] a experiência não envolve apenas um organismo, mas também o ambiente no qual está inserido, um meio no qual ele age e se move (CABRAL, 2015, p. 172).

Por outro lado, quando abordamos a relação entre a linguagem e a experiência, enxergamos nesse sentido um processo que é chamado por Rodrigues como ação educativa que visa preparar os indivíduos em crescimento, especificamente, as crianças e os adolescentes a fim de que, ao

[...] papéis sociais relacionados à vida coletiva, à reprodução das condições de existência (trabalho), ao comportamento justo na vida pública e ao uso adequado e responsável de conhecimentos e habilidades disponíveis no tempo e nos espaços onde a vida dos indivíduos se realiza. Ao redor desses aspectos se desdobra o conjunto das ações educativas a serem desempenhadas pelos sujeitos educadores, entre eles a escola (RODRIGUES, 2001, p. 4).

Assim, buscamos enfatizar que, como necessidade da vida social, o ensinar e o aprender constituem-se como elementos essenciais no processo educacional diante da permanente ocorrência de situações e a conseqüente circulação de reações, de experiências e de conhecimentos que formam a vida em comum dos homens. Isso lhes permite a contínua renovação de suas existências encaminhadas no processo da reflexão, visto que em “[...] qualquer pensamento reflexivo, há unidades definidas, ligadas entre si de tal arte que o resultado é um movimento continuado para um fim comum” (DEWEY, 1979, p. 14).

Quando abordamos a relação do homem com a sociedade, há que se atentar para o fato de que o contato com ela se dará através de grupos mais próximos a sua convivência como a família e a escola e, por meio destes grupos, ele será preparado para agir em um processo de contínuo desenvolvimento, tendo como objetivo a capacidade aumentada para assumir gradualmente as responsabilidades de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento mental e físico que se seguirem tornando o indivíduo mais apto a lidar com as exigências do futuro.

Sabemos que tal desenvolvimento não é coisa que se torne completa definitivamente numa determinada ocasião, mas trata-se de um evento que será

conduzido paulatinamente em um determinado ambiente, na escola ou fora dela, a qual fornece as condições que ponham em ação as aptidões do imaturo em constante evolução. Assim, as disposições do indivíduo poderão ser melhor empregadas tornando as experiências mais ricas e significativas possível.

Deste modo, entendemos que sendo a educação o recurso pelo qual o pensamento se efetiva e se incorpora à vida, torna-se, também, o processo pelo qual o homem se transforma, verdadeiramente, em um indivíduo dotado de inteligência e capaz de construir uma reflexão e de perfazer a reconstrução da própria experiência, consolidando-se como um indivíduo responsável pelas suas ações, pela sua vida.

Em virtude disto, Dewey através de sua filosofia, busca defender uma sociedade onde a interação entre os seres humanos venha a ser mais ativa e contínua tendo em vista a realização do bem comum que se traduz no restabelecimento de uma “mais harmoniosa” continuidade entre o homem e a natureza.

Este princípio de continuidade a que fazemos referência, diz respeito, em um âmbito educacional, ao papel de colaborar para que em todas as oportunidades de experiência e crescimento intelectual e vivencial, as pessoas possam ter em conta que as situações poderão colaborar e contribuir para o preparo de experiências posteriores.

Assim, seja quanto ao passado como ao futuro, cada situação deve oferecer um sentido de crescimento, continuidade e reconstrução da experiência. Isto é reforçado pela maneira com que Dewey expõe sua compreensão acerca do princípio de continuidade ao afirmar que este “[...] aplica-se sempre que tivermos de discriminar experiências de valor educativo e experiências sem tal valor”. (DEWEY, 1971, p. 23)

Em outras palavras, o filósofo quer dizer que

[...] a formação de atitudes tanto emocionais, quanto intelectuais; envolve toda nossa sensibilidade e modos de receber e responder a todas as condições que defrontamos na vida. Desse ponto de vista, o princípio de continuidade na experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes (DEWEY, 1971, p. 26).

Deste modo, observamos que Dewey ao abordar o princípio da continuidade como uma forma de compreensão da maneira com que podemos aprender a responder à situações, entendemos também que tal princípio pode ser levado em consideração no interior do ambiente da sala de aula na relação entre o professor e o

aluno a partir da sua preocupação com a maneira com que as características objetivas da educação são pautadas.

Em primeiro lugar, o conteúdo das matérias deve derivar das experiências comuns da vida, o que está ligado de imediato com a importância da experiência. O segundo princípio estabelece que os conteúdos das matérias de estudo devem ser desenvolvidos progressivamente de acordo com a maturidade do aluno (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 143)

Caso isso não ocorra pode afetar o desenvolvimento de um raciocínio crítico e real sobre inúmeras situações de tal maneira que foram apreendidas em um compartimento fechado, distante e desconexo o que não validará as experiências num sentido de preparação genuína.

Em face deste detalhe, cumpre a todas as pessoas envolvidas no desenvolvimento e no crescimento educacional do estudante, em todos os grupos sociais a que este faça parte, favorecer que a atitude a ser formada com maior empenho seja o desejo de continuar a aprender e vencer as circunstâncias e vicissitudes naturais que porventura venham a ser encaradas ao longo de sua vida.

Para melhor compreendermos o processo de interação entre o ser humano e o seu meio, procuramos explicitar de uma outra maneira o efeito gerado pelo princípio citado, e conseqüentemente, as atribuições concomitantes do princípio de continuidade, segundo as palavras de Konzen:

Ao defender a “interação” como princípio universal e ao reconhecer a existência de variações formais na funcionalidade dos entes, Dewey pretende romper com a ideia da existência de uma “ruptura” entre o natural e o humano, sobre a qual repousa a hierarquização das espécies e das classes sociais, substituindo-a pelo princípio do desenvolvimento contínuo, que lhe permite democratizar e pluralizar as relações naturais. Assim, o princípio da “continuidade” expressa a unidade longitudinal do desenvolvimento natural, enquanto o princípio da “interação” traduz a especificidade da funcionalidade dos entes e confere-lhes historicidade (KONZEN, 2012, p. 288).

Estando em interação, a pessoa pode desenvolver seus conhecimentos na relação junto ao meio, como também pode vislumbrar o contato entre as diferentes espécies no certame da natureza proporcionando, por sua vez, uma historicidade que impactará no desenvolvimento do indivíduo.

Neste intuito, Dewey afirma que cabe ao educador estimular a percepção que “[...] as condições do meio modelam a experiência do aluno, mas também de reconhecer nas situações concretas que circunstâncias ambientes conduzem a experiências que levam a crescimento” (1971, p. 32). Por essa razão, enfatiza que o princípio de interação

[...] atribui direitos iguais a ambos os fatores da experiência: condições objetivas e condições internas. Qualquer experiência normal é um jogo entre os dois grupos de condições. Tomadas em conjunto, ou em sua interação, constituem o que se chama *situação* (DEWEY, 1971, p. 34-35, grifo do autor).

Tal princípio é de suma importância pois interessa empreender o aspecto da educação como elemento de crescimento, no trato da apreensão entre as experiências trazidas pelos alunos em sala e, conseqüentemente, o aprimoramento dos conhecimentos adquiridos a partir do contato e diálogo estabelecidos com o professor, em um movimento contínuo e sempre presente.

O pensamento deweyano aponta, então, para a própria questão da idiosincrasia dos indivíduos. Por mais que possa parecer óbvio ao educador contemporâneo, cada criança é um ser único, construída – e em constante transformação – por meio de seu contexto social, sua cultura e os valores morais. Essa construção é nutrida na contínua articulação entre teoria e prática ou, em outros termos, entre experiência e educação (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 144).

Conforme nos diz Dewey, em sua obra *Experiência e Educação* (1971), assim como o princípio de interação com suas características próprias de capacitação, também temos presente que o princípio de continuidade atua, em cada caso, na qualidade da experiência, mesmo assim, não se pode negar que há riscos de que este último princípio possa imobilizar a pessoa em um nível baixo de desenvolvimento, de tal sorte a limitar sua capacidade de crescimento. Contudo, é preciso igualmente ter a mesma confiança de que

[...] se uma experiência desperta curiosidade, fortalece a iniciativa e suscita desejos e propósitos suficientemente intensos para conduzir uma pessoa aonde for preciso no futuro, a continuidade funciona de modo bem diverso. Cada experiência é uma força em marcha. Seu valor não pode ser julgado se não na base de para que e para onde se move ela (DEWEY, 1971, p. 29).

Dito de outro modo, entendemos que, nos princípios de interação e continuidade

Uma experiência é o que é, por que uma transação está ocorrendo entre um indivíduo e o que, ao mesmo tempo, é o seu meio, podendo este constituir de pessoas com quem esteja conversando sobre um tópico ou acontecimento. (...) O meio ou o ambiente, em outras palavras, é formado pelas condições, quaisquer que sejam, em interação com as necessidades, desejos, propósitos e aptidões pessoais de criar a experiência em curso (DEWEY, 1971, p. 36-37).

No decurso da interação “inteligível” entre o homem e o meio social, como uma especificidade humana,

Dewey enfatiza que também o homem interage com um ambiente. Não, contudo, com um ambiente puramente físico, mas cultural, que faz com que suas ações se desenvolvam a partir de um universo valorativo veiculado pela cultura e pela tradição. Embora continuem interagindo com coisas naturais, trata-se de interações cada vez mais mediadas por produtos culturais (KOZEN, 2012, p. 291).

Com isso, queremos apontar que “[...] a natureza inclui em seu seio o homem em todas as suas fases de desenvolvimento. O seu crescimento é um acontecimento natural, sua vida é um processo natural, sua morte, um fato tão natural quanto seu nascimento” (AMARAL, 1990, p. 49-50). Contudo, há os elementos culturais imiscuídos na natureza com a qual o homem se relaciona, por exemplo, o patrimônio social de um grupo e padrões dos comportamentos humanos e que envolve: conhecimentos, experiências, atitudes, valores, crenças, religião, língua, hierarquia, relações espaciais, noção de tempo, conceitos de universo os quais podemos dizer a própria vida em sociedade é um reflexo desta herança cultural e natural a que estamos inseridos e que faz parte do convívio humano.

No decurso da educação, inúmeros caminhos podem ser feitos, mas devemos ter em consideração o alcance com o qual atingimos os objetivos a que nos dedicamos, a partir de uma teoria ou da escolha de uma dada coletânea de conceitos. Diante disso, nosso trabalho pontua o autor mencionado e os conceitos caros à sua proposta filosófico-educacional. Nesse sentido, a experiência se mostra como um valioso e importante instrumento em que cada um de nós consegue absorver e abstrair um novo aprendizado, sempre levados pelas transformações que a sociedade e a natureza realizam em seu constante dinamismo.

Desse modo, a educação deve dar ao indivíduo condições de pleno desenvolvimento, proporcionando-lhe a participação em atividades que contribuam para o seu crescimento pessoal e social. É, neste sentido, que a educação é social, processando-se por meio da participação, da conquista de um modo de agir comum, em que nada se ensina, nem se aprende, senão por meio de uma compreensão comum ou de uso comum pautado no entendimento compartilhado em vista de um modo de vida associado. Em outras palavras, “[...] somente por meio da ação cooperativa [...] pode-se controlar o ambiente físico e social com o intuito de torná-lo mais adequado à vida” (CUNHA, 1994, p. 35).

Ressaltamos, por assim dizer que, sendo o homem uma criatura natural e social,

[...] depara-se vivendo não em outro mundo mas em uma parte ou aspecto diferente de um e outro mundo. O que aprendeu como conhecimento ou habilitação em uma situação torna-se instrumento para compreender e lidar efetivamente com a situação que se segue. Uma personalidade completamente integrada, por outro lado, só existe quando as sucessivas experiências se integram umas com as outras e pode ela edificar o seu mundo como um universo de objetos em perfeito relacionamento (DEWEY, 1971, p. 37-38).

Não necessariamente se trata de um aprendizado que será embasado exclusivamente por questões científicas, mas, que possui seu valor enquanto tal por nos fazer compreender as diversas situações que volta e meia podem repercutir em nosso agir reflexivo e na troca de pensamentos com outras pessoas. Isto é resultado das diversas maneiras de se lidar com as experiências pois

[...] a experiência não se processa apenas dentro da pessoa. Passa-se aí por certo, pois influi na formação de atitudes, de desejos e propósitos. Mas esta não é toda a história. Toda genuína experiência tem um lado ativo, que muda de algum modo as condições objetivas em que as experiências se passam (DEWEY, 1971, p. 31).

Em virtude desse importante aspecto da experiência, apontaremos como Dewey “[...] desfaz a dicotomia entre o indivíduo e a sociedade” (CUNHA, 1994, p. 35), ao entender que “[...] nesse sistema político, o caráter individual é social, uma vez que os fins coletivos brotam da ação conjunta, da experiência e não constituem uma estranha imposição” (CUNHA, 1994, p. 36).

Enquanto recorremos a uma abordagem das relações entre a linguagem e a experiência para o desenvolvimento de uma efetiva educação democrática cabe salientar que tal processo só poderá ocorrer na medida em que as pessoas detiverem em si mesmas a busca por consolidar o ideal democrático, não apenas como um discurso demagógico mas, concretamente realizável e assumido por todos, haja vista que isso possibilitará construir uma sociedade que, apesar de suas inúmeras diferenças de ideias, posicionamentos ideológicos, religiosos, raciais e tradições que a constituem, compreende a necessidade de uma senso comunitário.

Por isso, enalteçemos o aspecto do ideal democrático, tendo em vista que o ser humano enquanto ser social, está em constante interação e contato com os demais e há uma troca de ideias, pensamentos e reflexões. Tais fatores se incorporados a um modo de vida compartilhados e em torno dos interesses comuns, poderão promover por meio do pensamento reflexivo, a consolidação e a constituição de uma sociedade com ideais democráticos bem ajustados segundo os quais todos poderão desenvolver suas aptidões e potencialidades para contribuir com esse corpo social.

Ressaltamos ainda que o ideal democrático fortemente defendido por Dewey, se apoia na ideia de igualdade que carrega consigo outro propósito igualmente imprescindível para sua concretização, o ideal de liberdade. Este ideal que apontamos se circunscreve no tocante às relações humanas haja vista que a liberdade está inserida de acordo com os padrões verdadeiramente democráticos de viver. Desta forma, identificamos que algumas atitudes podem ser consideradas como uma afronta à liberdade e, conseqüentemente, à forma democrática de vida como a intolerância, os insultos por divergências de opiniões políticas, religiosas ou comerciais, bem como por diferenças de raça, cor, situação financeira ou grau de cultura.

Diante da relação entre si e a natureza, na construção de uma harmônica continuidade entre os seres presentes na realidade, o homem pode perceber, como nos diz Amaral

[...] as extraordinárias diferenças que caracterizam as atividades e as realizações dos seres humanos em relação às outras formas biológicas, diferenças essas previstas, pela liberdade que permeia o relacionamento entre os membros da "sociedade universal" (AMARAL, 1990, p. 51).

Gradativamente, no processo de relacionamento entre o homem e a natureza como sendo um ser natural e social, é que se consolidará o processo de crescimento, permitindo que o ajuste entre eles se torne perfeito. Segundo Amaral, isto ocorre em razão de a natureza possuir em seu interior um valioso potencial de experiências, não possibilitando desperdiçar os valores mais caros. A comentadora recorda que, para Dewey, a relação entre a natureza e o homem enquanto criatura natural é também dotado de aspirações.

A natureza, portanto, proporciona material para a encarnação de ideais. A natureza, se me permite a expressão, é idealizável. Presta-se para certas operações com as quais se aperfeiçoa. O processo não é passivo. Ou melhor, a natureza proporciona, não tanto gratuitamente quanto em resposta a uma busca, meios e materiais com os quais incorpora à existência os valores que a nosso juízo possuem uma qualidade suprema. Pela escolha o homem decide o emprego do que a natureza lhe fornece e estabelece seus fins (AMARAL, 1990, p. 52).

Isto se consolida mais ainda quando percebemos que o contato do homem para com a natureza inclui

[...] não somente as coisas, como também as relações, a mudança como a permanência, a espontaneidade como a necessidade, o regular como o novo, a morte como o nascimento, os elementos permanentes como os acontecimentos em mudança, [esgotando] todo o significado da palavra dentro do pensamento deweyano. (AMARAL, 1990, p. 53, acréscimo nosso)

Ao partirmos do pressuposto de que a natureza em toda a sua complexidade de eventos e situações adversas, possibilita, por sua vez, um aprendizado basilar ao homem a cada momento, constituindo condições de crescimento. Não há a separação entre experiência e natureza, mas, ao contrário, sim uma fusão de ambas, especialmente, quando se trata da experiência humana. Isto posto temos que considerar o desaparecimento do abismo entre pensamento e realidade.

Deste modo, “[...] o homem não se dissolve em meio ao processo contínuo da evolução universal, mas é o próprio elemento controlador do referido processo graças à sua experiência inteligente” (AMARAL, 1990, p. 55). Podemos então acreditar que Dewey apoia a fé democrática na capacidade que os seres humanos possuem de julgar e agir com inteligência desde que lhe sejam oferecidas as condições apropriadas.

Isto se torna imprescindível pois, para Cunha (1994, p. 35), o que define a essência da democracia é seu caráter de vida compartilhada, haja vista que nesse sistema político, as necessidades individuais, por mais divergentes que sejam, encontram seu ponto de convergência mediante os propósitos do trabalho cooperativo.

Este fator nos mostra o seu caráter mais efetivo ao refletirmos que cada um de nós, enquanto cidadãos, somos responsáveis pela condução de nossos destinos particulares a fim de que alcancemos a realização do bem comum mediante a prática da tolerância frente às diferenças de opiniões e crenças que existem no interior de uma sociedade.

Para que este ideal de sociedade democrática seja alcançado, interessa-nos observar que “[...] quando dissemos que o mundo criado por Dewey está constituído por um sistema de valores [...] estávamos nos referindo aos valores pertinentes ao modo democrático de viver” (AMARAL, 1990, p. 65). A discussão em torno da compreensão da análise de valores decorre exatamente de sua utilidade quanto ao seu uso no tocante às relações humanas e, consideravelmente, no que é absorvido em termos de experiências avaliando-se os fins a que se pretende e seu alcance.

Desse modo, o homem vive num ambiente social, e o que ele faz e pode fazer depende dos desejos, exigências, aprovação e reprovação dos outros, o que exige uma constante reflexão acerca de suas ações. Compreendemos assim que “[...] todos são responsáveis pela condução de seus destinos particulares desde que mantenham em vista a realização do bem comum. Por outro lado, exige de todos a devida tolerância para com as diferenças de opiniões e crenças” (AMARAL, 1990, p. 65).

Não se pode deixar de ressaltar que a preferência pelo ideal democrático, enfatizado por Dewey, está pautado na força com que este mesmo ideal encontra em espaços considerados apropriados para sua difusão. Deste modo, há que se promover de forma efetiva, a qualidade da experiência humana como, por exemplo, na escola, na imprensa, no púlpito, na tribuna, nas leis e nas assembleias legislativas, onde a democracia seja por excelência a melhor das instituições sociais, conforme os dizeres do filósofo norte-americano.

Além disso, devemos ter em mente que o ideal de uma sociedade vislumbrada e desejada por Dewey carrega consigo um sistema de valores pertinentes a este modo de viver em sociedade, que regem a ação e tornam a vida melhor num modo democrático de viver. Este é um ponto crucial nesta discussão, pois é o que garantirá

um perfil identitário de uma educação diferenciada de outros modelos que se colocam, muitas vezes, em oposição ao modelo democrático.

Encontramos em Dewey o tema acerca do respeito às liberdades individuais nas relações humanas e o risco de que o ser humano sofra métodos de repressão ou força podendo, por sua vez, fazer com que tais atitudes coloquem em pauta a força das experiências. Se considerado o princípio de continuidade da experiência, como critério de discriminação e preparação para quaisquer eventos ou situações, poderá haver uma atitude mais coerente e responsável frente às ameaças do ideal democrático.

E, para que se alcance o ideal de vida no interior da sociedade democrática, caberá ao homem dotado de sua inteligência permitir que se estabeleça entre os seres humanos a comunicação livre e plena entre os indivíduos, conferindo realidade à opinião comum, à vida social, portanto, estabelecer a necessidade de uma combinação entre a inteligência humana e da vida comunal, no terreno da democracia.

Dessa forma, o que iremos discutir no próximo tópico envolverá como a dimensão social da experiência interfere na relação com a sociedade democrática como parte de um processo educativo com o qual as pessoas desenvolvem um senso crítico e expressam de forma livre suas opiniões a fim de que, pautadas por seus interesses, busquem consolidar a reflexão em vista do bem comum permanentemente.

## 1.2 A dimensão social da experiência

Com respeito ao processo educativo e instrutivo com o qual as pessoas acreditam viver em uma sociedade que se intitula democrática, entendemos que a escola deveria, por conseguinte, favorecer a experiência pessoal em virtude do modelo de sociedade que se defende como democrática e, desta forma, contribuir para reduzir as rígidas divisões em classes ou grupos dentro da sociedade.

Em se tratando do certame dos valores que venham compor a vida em sociedade, Dewey em um trecho da obra *Democracia e Educação* (1959), reconhece que alguns padrões de valores ensinados e absorvidos podem ocasionalmente perder a força de sua expressão, dado as circunstâncias que possam questionar a integridade e sustentabilidade dos mesmos no decurso da vida adulta.

Todos os adultos adquiriram no decurso de sua experiência e educação certas medidas do valor de várias espécies de experiência. Aprenderam a considerar como coisas moralmente boas a honestidade, a amabilidade, a perseverança e a lealdade; e como certos valores estéticos, certos clássicos da literatura, da pintura, da música e assim por diante. Não somente isto; mas aprenderam também certas regras para estes valores: a regra áurea para a moral: a harmonia, o equilíbrio, etc., a proporcionalidade de elementos nas obras estéticas; a objetividade, a clareza, a sistematização nos trabalhos intelectuais. Estes princípios são tão importantes, por equivalerem a padrões para aferirem o valor das novas experiências, que os pais e professores sempre tendem a ensiná-los diretamente aos jovens. Eles se esquecem do perigo de que os padrões assim ensinados sejam *meramente simbólicos*, isto é, grandemente convencionais e verbais. Para o indivíduo agir sem obedecer aos padrões correntes, é preciso que ele tenha pessoalmente e especificamente “apreciado” quais as coisas profundamente significativas em dadas as situações concretas (DEWEY, 1959, p. 257, grifos do autor).

Tratando-se da teoria dos valores educacionais que compõe uma sociedade e seus membros, devemos subentender que,

[...] não só o estudo da natureza da apreciação para fixar a medida das subsequentes avaliações, mas também o estudo das direções especiais em que ocorrem essas avaliações. Dar valor significa primacialmente apreciar-se, ter-se em estimação; mas em segundo lugar quer dizer apreçar, avaliar no sentido de dar o preço ou de calcular o valor. Isto é, significa no primeiro sentido o ato de termos em estima alguma coisa, de nos ser cara essa coisa, e também a julgar a natureza e a grandeza de seu valor, comparado com alguma outra coisa (DEWEY, 1959, p. 261-262).

No entanto, ao sermos questionados quanto às nossas escolhas e seus valores intrínsecos há que se ter presente que estes

[...] não são objetos de julgamento, não podem (por serem intrínsecos) ser comparados ou considerados maiores ou menores, melhores ou piores. São inalienáveis, inestimáveis; e, se alguma coisa for inestimável não será nem mais nem menos do que outra coisa também inestimável. Deparam-se, entretanto, ocasiões em que é necessário escolher, em que precisamos abandonar uma coisa para tomar outra. Esta circunstância cria uma ordem de preferência, um maior e um menor, um melhor e um pior. As coisas que já foram julgadas pelo seu valor terão de ser estimadas em relação a uma terceira coisa, a algum fim ulterior. Relativamente a este, elas são meios, ou valores instrumentais (DEWEY, 1979, p. 262).

Por mais que insistamos na capacidade instrutora da educação e, conseqüentemente, na força com que a experiência colabora para a formação do indivíduo, há que se observar que a qualidade da experiência, conforme nos diz Dewey, possui dois aspectos: o imediato, ser agradável ou não e o mediato, conforme sua influência sobre experiências posteriores.

No que diz respeito ao efeito que uma experiência causa na pessoa, no âmbito escolar, trata-se de um desafio ao educador pois caberá a ele dispor para que tais experiências não repugnem o estudante e mobilizem seus esforços, não sendo agradáveis apenas momentaneamente, mas, ao contrário, o enriqueçam e o armem para novos momentos.

Isto somente se realizará quando nos atentarmos ao aspecto gerado pelo intercâmbio entre os indivíduos e as condições do meio em que vivem. Este detalhe é reforçado ao compreendermos que há uma clara necessidade da troca de experiências entre as gerações mais novas para com as mais velhas a fim de assegurar que seja proporcionado o desenvolvimento de uma comunicação clara entre os membros em relação ao meio ambiente no decurso da sociedade democrática.

A importância que deve ser levada em consideração quanto a esta troca de experiências se estabelece quando há o interesse manifesto pelas gerações mais novas a fim de se estabelecer um enriquecimento no processo de amadurecimento e crescimento. Junto a este processo, observamos que a educação se configura como um importante aliado à experiência democrática tendo em vista que a democracia

[...] é uma forma pessoal de vida, controlada não apenas pela fé na natureza humana em geral, mas também pela fé na capacidade que os seres humanos possuem de julgar e agir inteligentemente, quando condições apropriadas lhe são fornecidas (AMARAL, 1990, p. 81).

Essa observação quanto ao papel da democracia em sua relação à experiência possui um peso, pois, no interior das relações humanas, a experiência ao deter consigo a qualidade de tentativa subentende

[...] mudança, mas a mudança será uma transição sem significação se não se relacionar conscientemente com a onda de retorno das conseqüências que dela defluam [...] A experiência é, primariamente, uma ação ativo-passiva; [...] Ela inclui a cognição na proporção em

que seja cumulativa ou conduza a alguma coisa ou tenha significação (DEWEY, 1959, p. 152-153).

Segundo Amaral (1990, p. 83) Dewey deposita no esforço humano em sua relação com a democracia a intenção de efetuar uma transformação no cenário social de tal modo que procure consolidar os valores inerentes à sociedade por meio de um adequado contato

[...] entre a experiência e a natureza, entre ideal e o real, desde que, tanto uma como outra, ou tanto um como outro espalhem a verdade da crença democrática, onde tudo se apresenta, coerentemente, na mais perfeita continuidade. Como vimos, o verdadeiro e o justo são uma e mesma coisa, porque ambos se ligam à ação humana e, como não poderia deixar de ser, ambos são avaliados de acordo com os padrões democráticos que permeiam o mundo. Estes, como sabemos, depositam, toda a sua força e autoridade na flexibilidade das interações sociais (AMARAL, 1990, p. 83).

A partir do que expusemos neste estudo acerca da experiência e a sua dimensão social enquanto um processo formativo, no seguinte tópico iremos desenvolver uma análise sob o quanto a linguagem em consonância com a educação no curso da vida em sociedade favorece o estabelecimento de mecanismos de interação e, por meio dela, promover uma compreensão cada vez mais consistente do ideal de democracia.

### 1.3. A linguagem enquanto mecanismo de vida social

Dentre os vários instrumentos que os seres humanos possuem para estabelecer relações em um âmbito comunitário, a linguagem se ocupa de dirigir e expressar as impulsões no ato de compartilhar ideias, pensamentos e sempre estar suscetível a uma revisão de discursos e sua possível readaptação.

Temos consciência de que por meio da linguagem, pode haver a ampliação da experiência, mas nem por isso ela se subordina ao caráter de compreensão mútua, que permitiria, por sua vez, a reconstrução imaginativa da experiência comum ou compartilhada que representa.

Para Dewey, a experiência é ampliada por um processo de reconstrução imaginativa. As novas aprendizagens estão ligadas às primeiras experiências reais. É graças a essa função de ampliação da experiência que a língua se torna o instrumento

por excelência de educação. E, compreendida assim, é ela uma das ilustrações mais fecundas da ação educativa.

A importância da linguagem para a aquisição de conhecimentos é, sem dúvida alguma, a causa principal da noção comum de que o conhecimento se pode transmitir diretamente de uma pessoa a outra pessoa. Figura-se-nos quase que, introduzir uma ideia no espírito de alguém, seja como fazer um som ferir os seus ouvidos. Desta maneira, a comunicação do pensamento se assemelharia a um processo puramente físico (DEWEY, 1959, p. 15).

Todo o universo particular está envolvido em diversos modos de sentir e de viver e, também, com a aprendizagem, que é um processo contínuo de reconstrução da experiência. É preciso, no entanto, oferecer ao indivíduo condições para que a sua vida tenha continuidade, em termos de desenvolvimento, o que implica reproduzir crenças, hábitos e ideias de uma geração para outra e, ao mesmo tempo, renovar esse conjunto de elementos definido como cultura.

É importante ressaltar que no âmbito da vida em sociedade esta “[...] não só continua *pela* transmissão, *pela* comunicação, como também se pode perfeitamente dizer que ela é transmissão e é comunicação” (DEWEY, 1959, p. 4, grifos do autor). Além disso, corresponde aos homens que vivem em sociedade terem a consciência de que “[...] a comunicação é o meio por que chegam a possuir coisas comuns” (DEWEY, 1959, p. 4) e que isso diz respeito aos objetivos, crenças, aspirações, conhecimentos, enquanto um modo comum de compreender e consolidar a comunidade ou sociedade.

Sendo a democracia um modo de viver em sociedade como temos visto na filosofia de Dewey, entendemos que a sua consolidação se dá por meio de uma associação humana a partir do momento em que as diferenças, sejam elas divergentes ou convergentes, partem do pressuposto de que o ideal democrático é uma construção exatamente por permitir que tais diferenças sejam elas de cunho político, social, religioso e de outras tradições possam interferir também na dimensão axiológica de cada pessoa. Ou seja, podemos assim dizer que os interesses do indivíduo e as exigências sociais constituem aspectos complementares que dão significado e direção tanto ao comportamento do indivíduo quanto ao da sociedade.

A fim de esclarecer a importância da sociabilidade e da comunicação em virtude de interesses comuns, Dewey explicita como é o funcionamento orgânico e

coordenado de uma máquina em toda a sua estrutura mecânica, mas que pode servir de exemplo para que de igual modo a sociedade, mesmo em sua diversidade, pode formar uma comunidade.

As partes de uma máquina funcionam em conjunto para a obtenção de um resultado comum, mas não formam por isso uma comunidade. Se, entretanto, tivessem conhecimento do fim comum e se interessassem na sua consecução, regulando, cada qual, com esse fito, sua atividade especial, constituiriam uma comunidade. Isto, porém, envolveria comunicação (DEWEY, 1959, p. 5).

É importante termos em consideração que a linguagem já foi considerada algo como um simples instrumento de comunicação que externalizava a mera percepção que havia entre as pessoas deixando de lado o posicionamento subjetivo que as falas carregavam enquanto visão e compreensão acerca de determinados assuntos. Porém, há que se reforçar que a linguagem possui um valor inestimável uma vez que ela se enquadra no aspecto de experiência compartilhada e isso agrega por essa razão uma dimensão social bastante influente.

Por isso, a influência quanto à relação linguagem e realidade possuem um contributo tendo em vista que a sua apropriação para o estudo e aplicação efetiva enquanto análise de situações adversas se mostra cada vez mais próxima da necessidade de se pautar as relações a partir do compartilhamento de ideias.

É exatamente no tocante ao uso ordinário da linguagem que ela se encaixa quanto à maneira com que Dewey se apropria dela para explicar sua relação em conjunto com outro conceito anteriormente abordado, o da experiência, mas que, juntos estruturam a forma de ver e ler o mundo, a realidade em si.

Logo, a dimensão da experiência em contato com a linguagem

[...] significa algo diretamente relacionado com o mundo da vida (que é ao mesmo tempo individual e comunitária). A linguagem entraria aqui na forma da *experiência compartilhada*, por isso mesmo ela tem uma dimensão social bastante arraigada [...]. De modo simples, a linguagem é uma forma de ação e transformação do mundo (SOUZA, 2016, p. 15, grifo do autor).

Por isso, a compreensão acerca da linguagem e sua conectividade com a realidade e no contato para com as pessoas, servirá como um importante meio de

promover o diálogo e o compartilhamento de ideias, pensamentos e, em virtude disto, corroboramos essa interdependência com a seguinte afirmação de Souza:

A comunicação, na perspectiva deweyana, leva em conta a dimensão do *falar* e do *perceber*. As coisas apresentam-se aos indivíduos e aos grupos humanos como fenômenos, que são percebidos, reconhecidos e experimentados. Isso tudo em uma dimensão lógica e comunicacional que remete ao horizonte da significação e da definição das coisas. O objeto precisa ultrapassar a sua dimensão física e chegar à inteligibilidade humana de tal modo que faça sentido aos indivíduos (SOUZA, 2016, p. 15, grifo do autor).

Dessa forma, observa-se que a linguagem objetivamente direciona seu uso em vista da promoção da interação social, como valioso instrumento que possui uma funcionalidade de dirigir o diálogo entre as pessoas. Segundo Souza, para Dewey, a linguagem e seu uso não se restringem a um único espaço, mas em distintos espaços para melhor conformação em um determinado contexto.

Dewey mostrou a linguagem como *instrumento* da interação *social* entre os indivíduos. A linguagem é necessária para a vida comum, ou seja, a *associação*, a formação dos grupos ou comunidades humanas. Podemos compreender a linguagem como um meio de *direção social*. Há também a dimensão da consecução de resultados práticos e úteis aos indivíduos (SOUZA, 2016, p. 17).

O entendimento acerca da aplicação da linguagem em distintos setores e instituições reforça que a ideia de que há a necessidade de discussão sobre o espaço em que

A interação e as instituições sociais foram tratadas como produtos de um já pronto talento *específico* físico ou mental de um indivíduo autossuficiente no qual a linguagem age como emissário mecânico no transporte de observações e ideias que possuem existência prévia e independente (DEWEY, 1980, p. 31, grifo do autor).

Além disso, é importante salientar o aspecto formativo e educacional que a linguagem oferece enquanto instrumento que permite transmitir e adquirir ideias segundo o princípio de que as coisas adquirem significação quando usadas em uma experiência partilhada ou em uma ação conjunta. Caso contrário, quando não atingem sua função instrutiva, as palavras servirão meramente como estímulos físicos não tendo, portanto, significação ou valor intelectual.

Por este motivo, a dimensão da linguagem não se torna atributo exclusivo da escola, mas, ao contrário é inerente à vida. Por sua vez, as crianças fazem uso da linguagem no decorrer de seu convívio escolar com maior intensidade. Assim, podemos compreender que a linguagem é, efetivamente, uma necessidade de vida na mesma proporção com que a educação possui sua importância na dinâmica das relações interpessoais.

Cabe dizer ainda que, a compreensão sobre um determinado assunto se estabelece a partir de diferentes modos de maneiras de interpretar um fato ou situação e que, por este motivo, o indivíduo reflete acerca dos elementos recebidos de outrem. Não obstante, temos a percepção que Dewey faz a respeito do aspecto resultante do diálogo estabelecido entre as pessoas, e que

Por causa do conversar, dar e receber social, posturas orgânicas várias passam a constituir uma reunião de pessoas ocupadas em conversar, conferenciando umas com as outras, em trocar experiências diversas, em ouvir-se mutuamente, bisbilhotando, acusando e escusando (DEWEY, 1980, p. 31).

Isto fica mais claramente compreensível se nos detivermos quanto ao aspecto da verdade que é relacionada ao uso da linguagem enquanto um arranjo linguístico que serve a todas as pessoas e suas comunidades e relações humanas no decorrer da sua existência.

Devido a essa atribuição da relação entre a linguagem e a tentativa do estabelecimento de verdade feita por Dewey, que ele, enaltece a descoberta concomitante da funcionalidade feita pelos pensadores modernos em correlacionar a experiência interior que, outrora, era identificada com o empirismo e que, no entanto, não detinha um caráter de foro íntimo, mas, passa a ter um destaque no processo de dar uma nova significação na relação com a natureza dos eventos.

A descoberta moderna da experiência interior, de um domínio de eventos puramente pessoais, sempre sob o comando dos indivíduos e a estes pertencentes de modo exclusivo e gratuito para efeitos de refúgio, consolo e enternecimento, representa também uma descoberta importante e capaz de propiciar liberações. Implica nova valoração e sentido da dignidade na individualidade humana, um sentido de que um indivíduo não é simples propriedade da natureza, jogado num contexto de acordo com um esquema independente dele, tal como um objeto guardado em seu devido lugar, mas que acrescenta algo, que representa uma contribuição (DEWEY, 1980, p. 33).

Isto quer dizer que, não há como dissociar um evento enquanto experiência pessoal sem que haja propriamente a sua expressão propriamente dita por meio de um discurso em meio aos demais, pois, torna-se claro que

A linguagem é uma função natural da associação humana, e suas consequências interferem com outros eventos, físicos e humanos, conferindo-lhes significado ou significação. Os eventos, na medida em que são objetos, ou coisas significantes, existem em um contexto no qual adquirem novos modos de operação e novas propriedades (DEWEY, 1980, p. 33).

Por esta razão, a linguagem adquire cada vez mais significado se este vier acompanhado do uso contextualizado das palavras que irão, por sua vez, dar uma melhor compreensão dentro de contextos particulares. Em outras palavras, observa-se que, para Dewey, a relação entre as palavras e o dinheiro situa-se na associação em que ocorrem as trocas culturais que ambos os elementos favorecem entre os indivíduos, assim a linguagem se relaciona com a iminente interação dos seres humanos. Assim, esta relação interação e linguagem na verdade,

É liberação e amplificação das energias que constituem a mencionada interação, e que confere a elas a qualidade adicional do significado. A qualidade do significado assim introduzida é estendida e transferida, atual e potencialmente, dos sons, movimentos e traços, para todas as outras coisas da natureza (DEWEY, 1980, p. 33-34).

Para Dewey, a noção entre a linguagem e sua correlação com o significado e a interação social não difere de outros modos de interação existentes na natureza. Ao contrário,

Cada coisa que existe, na medida em que é conhecida e cognoscível, encontra-se em interação com outras coisas. É associada, tanto quanto solitária e singular. O agrupamento dos indivíduos humanos em associações não é, portanto, fato novo e sem precedentes; é a manifestação de um lugar-comum da existência. A significação reside não no simples fato da associação, portanto, e sim nas consequências que decorrem dos distintos modelos de associação humana (DEWEY, 1980, p. 34).

Por este motivo, no que diz respeito ao papel da linguagem como mediadora da compreensão de determinados assuntos e com quem se coloca a dialogar, é reforçada ao tomarmos em consideração que

O significado, de fato, não é uma existência psíquica; é primordialmente uma propriedade do comportamento, e secundariamente uma propriedade dos objetos. Mas o comportamento do qual ele é uma qualidade é um comportamento distintivo; cooperativo, de vez que a resposta ao ato do outro envolve ao mesmo tempo é válido para cada uma das partes implicadas. [...] A inteligência e o significado são consequências naturais da forma peculiar que a interação algumas vezes assume no caso dos seres humanos (DEWEY, 1980, p. 37).

Como forma de reforçar e corroborar esta interação entre as partes envolvidas em uma determinada noção referente ao campo da linguagem, cabe recordar, segundo Dewey, que o fundamental na linguagem “[...] é a comunicação, o estabelecimento de cooperação em uma atividade na qual há parceiros e na qual a atividade de cada um é modificada e regulamentada pela relação de parceria” (1980, p. 37).

Em uma sociedade, deve-se entender que

[...] o discurso é instrumental e consumatório. A comunicação é a troca que alcança algo desejado; envolve reivindicação, apelo, ordem, obtendo o desejado a custo mais baixo do que o faria o trabalho pessoal, desde que conta com a assistência cooperativa de outros. A comunicação é também uma intensificação imediata da vida, fruída em si própria (DEWEY, 1980, p. 39).

Isto implica em afirmar que a linguagem “[...] é sempre uma forma de ação, e em seu uso instrumental é sempre um meio de ação organizada para um fim, enquanto, ao mesmo tempo, encontra em si própria todas as recompensas de suas consequências possíveis” (DEWEY, 1980, p. 39).

A compreensão da efetiva interação e influência da linguagem na organização e na dinâmica do discurso é estabelecida pela estrutura já conhecida que pressupõe uma conectividade entre os seres humanos no tocante ao diálogo, como diz Dewey:

A linguagem é especificamente um modo de interação de pelo menos dois seres, um dos quais fala enquanto o outro ouve; pressupõe um grupo organizado ao qual pertencem tais criaturas, e do qual hajam adquirido seus hábitos de linguagem. Por esta razão, trata-se de um

relacionamento, não de algo com caráter particular (DEWEY, 1980, p. 40).

Esta interatividade entre as pessoas exigirá observar e analisar, portanto, como a linguagem passa a ocupar também seu papel de construção do pensamento no cotidiano da vida em uma sociedade de caráter democrático, onde as diversas nuances e posturas buscam consolidar seu posicionamento compreendendo que “[...] a linguagem e suas consequências são caracteres assumidos pela interação natural e pela conjunção natural em condições precisas de organização” (DEWEY, 1980, p. 40).

Por esta razão, no próximo tópico iremos abordar como a linguagem assume um papel educativo em vista da organização da sociedade democrática como forma de perscrutar a que pese o fato de que “[...] pessoas e coisa têm de servir de modo semelhante como meios numa consequência comumente partilhada. Tal comunidade de participação é o significado” (DEWEY, 1980, p. 40). Assim, a abordagem que nos propomos a fazer é discutir como a linguagem em consolidação com a educação pode contribuir para gerar uma sociedade que se constitua como democrática alcançando a todas as pessoas.

#### 1.4 A linguagem e a educação na perspectiva para uma sociedade democrática

No decorrer da vida em sociedade, compartilhamos de momentos com os quais temos a tendência a observar mais o alcance das experiências e o quanto isto foi elucidativo na medida em que proporciona um crescimento no âmbito pessoal e nas diversas áreas que compõem o círculo de relações existentes entre as pessoas. Por esta razão,

Tudo depende da *qualidade* da experiência por que se passa. A qualidade de qualquer experiência tem dois aspectos: o imediato de ser agradável ou desagradável e o mediato de sua influência sobre experiências posteriores. O primeiro é obvio e fácil de julgar. Mas, em relação ao *efeito* de uma experiência, a situação constitui um problema para o educador. [...] Assim como nenhum homem vive ou morre para si mesmo, assim nenhuma experiência vive ou morre por si mesma. Independentemente de qualquer desejo ou intento, toda experiência vive e se prolonga em experiências que se prolongam (DEWEY, 1971, p. 16, grifo do autor).

Por isso, não podemos dissociar em hipótese alguma a importância de se relacionar as palavras “ambiente” e “meio”, pois irão auxiliar o indivíduo na formação de sua ação. Tal aspecto é, de grande valor, pois, para Dewey, tais conceitos possuem seu peso e seu valor na medida em que permitem compreender que um determinado ambiente circunscreve e favorece o diálogo pautado pelo respeito entre as pessoas ainda que o meio sob o qual se procure firmar tal contato não seja o de pessoas convictas de um mesmo modo de pensar e raciocinar, mas, que apoiados em um ideal democrático possam chegar a um denominador comum para que toda a sociedade venha a ganhar em respeito e direito de oportunidades. Assim, cada um irá adotar gradativamente certo modo de proceder, certas disposições mentais para a ação (DEWEY, 1959, p. 12).

Desta forma, o crescimento individual e, conseqüentemente, comunitário é um processo que ocorre em face a importância com que conciliamos o papel da educação através do uso de uma linguagem, seja ela verbal ou não, por meio do compartilhamento de posturas, pensamentos. Para melhor compreendermos a relação que fizemos nos ocupamos em tomar em consideração o que Anísio Teixeira com seu manuscrito *A Pedagogia de Dewey* (1980) nos faz observar

[...] quando consideramos que a vida social é um complexo de crenças, costumes, instituições, ideias, linguagem, lenta e laboriosamente adquiridas e solícitamente transmitidas das mãos dos mais velhos para a dos mais novos. Sem essa permanente transmissão de valores entre a geração adulta e a geração infantil, os grupos sociais depressa retornariam às mais absolutas condições do primitivismo (TEIXEIRA, 1980, p. 117).

Tal pensamento se adequa exatamente na afirmação de Dewey, quando reflete sobre o círculo de relações que ocorrem no ambiente social, pois sendo o homem um ser em constante contato e interação para com os demais indivíduos, é importante destacar que cada pessoa se encontra intimamente

[...] ligado a outros seres [e] não pode desenvolver a própria atividade sem tomar em linha de conta a atividade dos outros. Esta constitui a condição indispensável para a realização de suas tendências. [...] Conceber a possibilidade da atividade de um indivíduo como consistindo em atos isolados seria o mesmo que tentar fazer ideia de um comerciante a comprar e a vender, isolado dos demais homens. (DEWEY, 1959, p. 13, acréscimo nosso).

Deste modo, este caráter instrutivo e formativo da vida em sociedade ganha mais força, quando

[...] esse ensinar e aprender que constituem a educação, como o seu próprio modo de ser, o próprio processo de vida coletiva, em essência, consiste em ensinar e aprender. É a permanente circulação de reações e de experiências e de conhecimentos que forma a vida em comum dos homens, e que lhes permite a perpétua renovação de suas existências, por uma perpétua reeducação (DEWEY, 1980, p. 118).

Percebemos nesse imbróglio de relações que ocorrem no meio humano, a necessidade precípua da Educação que terá como papel dar forma e direção a essas interações. Nesse sentido, é importante ter em consideração que o papel que tanto na educação quanto no uso da linguagem, salienta-se a importância de se estabelecer um diálogo no qual

[...] a fé democrática na igualdade nada mais é que a fé na oportunidade que cada um tem de indistintamente contribuir para a realização do bem de todos. No entanto, só a igualdade de oportunidades não basta para impulsioná-los rumo à cooperação (AMARAL, 1990, p. 75).

Por essa razão, a fim de que sejam alcançada a possibilidade de obter a realização comum a todas as pessoas é necessário também entender que a estrutura da sociedade dita democrática deve favorecer uma compreensão que nos faça possuir uma noção de que assim como a crença religiosa busca colaborar para com o homem na condução de sua vida por meio de valores religiosos, por sua vez, a crença intelectual, explicitamente, deve também fazer frente à vida em sociedade, sobretudo, se esta estiver pautada sob os moldes democráticos que irão direcionar modos de ação a fim de tornarem a vida melhor.

A nosso ver, as crenças intelectuais dizem respeito mais propriamente às crenças morais e como tal à atuação prática em que cada um saberá como atuar em comum com os seus semelhantes para assim poder sentir-se mais forte, mais eficiente e mais útil à comunidade.

E mais ainda, o contributo dado à sociedade será mais facilmente diagnosticado a partir do momento em que “[...] ouvirmos falar em satisfação vital como critério de determinação da verdade, já saberemos que se trata daquela

satisfação peculiar aos seres humanos que vivem associados e em constante comunicação com vistas à realização do bem comum” (AMARAL, 1990, p. 67).

Para a comentadora, a ideia que subjaz à obra de Dewey é a de um modelo de uma sociedade no qual se reflita um mundo que acolhe a participação de todos e ao mesmo tempo que tenha a intenção de reconstrução de sistemas sociais existentes em ordem à implementação de um progresso civilizacional. Em outras palavras,

[...] o homem deweyano só sobrevive se interagir continuamente com a natureza e com os outros homens, como símbolo dessa interdependência vital que existe entre eles. É através dessa interação contínua que este homem procura resolver situações vitalmente conflitantes para ele, isto é, situações que justamente impedem a continuidade do seu relacionamento com a natureza e com os outros homens (AMARAL, 1990, p. 89).

Deste modo, é primordial que haja uma favorável interação não somente entre os homens, mas, sobretudo, entre os homens e a natureza a fim de se alcançar o estabelecimento de uma estrutura democrática em que esta seja uma constante e uma realidade cada vez mais presente na condução do desenvolvimento e da defesa do bem comum. Nesse sentido, o elemento da vida em sociedade serve de parâmetro como forma de contribuir para o estabelecimento de um diálogo entre as diferentes pessoas, fomentar e corroborar a importância da sociedade enquanto estrutura orgânica que auxilia as relações entre os diferentes grupos.

Cara à tradição empírica, a dimensão da experiência passa a ser entendida em sua articulação com a vida prática e cotidiana dos indivíduos e das comunidades humanas. A experiência em Dewey significa algo diretamente relacionado com o mundo da vida (que é ao mesmo tempo individual e comunitária).

Isso fica melhor caracterizado quando associamos o processo educativo à vida em sociedade, pois esta é resultado de experiências de outras pessoas que contribuíram para consolidar a organização social, e que fundamentalmente, esteja disponível a constantes mudanças e reformulações.

Dizer que a educação é uma função social que assegura a direção e o desenvolvimento dos imaturos, por meio de sua participação na vida da comunidade a que pertencem, equivale, com efeito, a afirmar que a educação variará de acordo com a qualidade de vida que predominar no grupo. É particularmente verdade o fato de que uma sociedade que, não somente muda, mas que, também, para estimulá-la, faz da mudança um ideal, terá normas e métodos educativos diferentes dos

de outra que aspire meramente à perpetuação dos seus próprios costumes (DEWEY, 1979, p. 87).

É notório que de uma forma direta o ambiente social em que o indivíduo participa efetivamente modifica o aspecto formativo tendo em vista que no contato com o meio ele acaba por receber as influências que daí emergem. E, no influxo educativo o indivíduo procura responder aos fatores favoráveis ao seu crescimento.

Por esse motivo, a relação entre a experiência e o processo modelador em torno a uma atividade social exercida levará a que os mais jovens no contato com os mais velhos consigam assimilar as aspirações no que diz respeito a determinadas reações e interferir no meio que participa como agente de transformação.

Tal aspecto do papel transformador também ocorre em relação às crenças que as pessoas carregam consigo, pois

[...] o meio, o ambiente particular em que o indivíduo vive, leva-o a ver e a sentir mais uma coisa do que outra; leva-o a seguir certos planos com o fito de ter bom êxito em suas relações com os outros; reforça-lhe algumas convicções enfraquece-lhe outras, como condição para obter a aprovação de outras pessoas (DEWEY, 1959, p. 12).

Deste modo, a forma com que o indivíduo interage com o meio não passa despercebido, mas, ao contrário, atinge e devolve ao próprio meio a repercussão destas novas experiências adquiridas ou aprimoradas. Isso é possível de se observar na relação que temos com elementos da natureza e não passar de forma passiva por cada um de nós em detrimento de que “[...] um ser ligado a outros seres não pode desenvolver a própria atividade sem tomar em linha de conta a atividade dos outros” (DEWEY, 1959, p. 13).

Para que o aspecto da coletividade seja mais efetivo e consolidada para a consumação de uma sociedade intitulada democrática, esta deve também estar aberta à realidade que “os indivíduos que vivem agrupados comunicam uns aos outros seus sentimentos, seus desejos, seus objetivos e suas ideias, com o intuito de compartilhar as mesmas disposições afetivas e intelectuais” (CUNHA, 1994, p. 39).

Por outro lado, o mesmo autor adverte que, em contrapartida, em especial, no tocante à educação

[...] as palavras podem tornar-se desligadas do contexto cultural que as origina e que lhes atribui significado, caso a escola não esteja

preparada para permitir ao educando condições de atuação sobre os elementos compartilhados pelo grupo social [...] o que se deve evitar é incorrer no erro de tornar as palavras desarticuladas das ações práticas e do contato direto com as coisas que elas significam (CUNHA, 1994, p. 41).

Por este motivo, quanto ao aspecto educacional Cunha recorda que, para a concepção deweyana, “o ambiente escolar não é o único local onde ocorre o processo educativo” (CUNHA, 1994, p. 43). Contudo, “[...] o ambiente, seja ele o da escola ou não, jamais condicionará de modo automático o indivíduo” (CUNHA, 1994, p. 43).

Isto fica mais facilmente compreensível como nos explica Henning ao esclarecer a relação entre o ser humano e a natureza no certame das experiências e suas consequências resultantes para com o meio.

Ocorre que, no universo da vida os momentos presentes na interação entre os corpos são basicamente: 1) o agir ou a atividade; 2) o sofrer a ação; e, 3) a devolução ou retorno, pela reação daquele que sofreu a primeira ação – e assim, sucessiva, ampla e aleatoriamente. Contudo, no plano do humano essa experiência, de algum modo e com um grau considerável e gradativo de aprimoramento, permite o controle do processo ao agente, chegando este a formas sofisticadas da experiência para além do biológico. Assim se dá a reflexão, a previsão dos resultados da ação pelo alcance das suas consequências, a elaboração de um conhecimento mais bem construído sobre o mundo, disso resultante, possibilitando isso tudo a reconstrução da sua experiência original própria aos patamares mais simples e situados nos planos anteriores. Desse modo, no universo humano também encontramos os níveis mais elementares de experiências às quais se somam aquelas inerentes aos seres inteligentes, reflexivos, experimentais, capazes de criar a cultura, as relações comunicativas pela linguagem, a preservação e a reconstrução da própria experiência pela educação (HENNING, 2015, p. 52-53).

Dito de outro modo, a partir das diferentes relações e interações que o ser humano desenvolve no interior da sociedade, tanto as realidades individuais como as do âmbito comunitário, igualmente, lhes servirão como instrumento de criticidade perfazendo uma base para a preparação e o crescimento na dimensão intelectual em vista da solução de situações ou problemas vinculados ao interesse comum dos demais. Ao ter essa conscientização e observação da realidade, o ser humano procura aprimorar o significado que as experiências irão trazer para expandir o campo do seu conhecimento no contato com a natureza, como um todo.

Neste sentido, ao pensar a experiência enquanto um mecanismo de aprendizagem, fica muito mais claro que o ser humano busca encontrar um ponto de convergência entre o ambiente social comum e seu sistema de crenças.

[...] compreendemos que a experiência é um termo que, para o autor, não possui apenas uma significação, mas sim está atrelado a diversas significações. Um destaque que podemos mostrar diante disso é que a experiência não pode existir sem a natureza, pois é o convívio harmônico das duas que fará com que a experiência se constitua racionalmente como o “método” para alcançar a natureza, compreendendo-a de maneira mais profunda. Isso porque a teoria e a investigação científica só podem ser validadas se, além de tudo, estiverem conectadas à experiência e à natureza, considerando que, as teorias filosóficas devam ser formuladas com base nas experiências (SANTOS; HENNING, 2012, p. 38).

Por esta razão, o ser humano possui aptidões que o coloquem como mais preparado para eliminar quaisquer empecilhos em possíveis aspectos discordantes às aspirações no convívio entre o ser humano e a natureza, ainda que tal relação não seja de todo harmoniosa e equilibrada

Assim, compreendemos que a experiência humana é constituída nas diversas interações do homem com as coisas, as quais são naturalmente experienciadas. Portanto, no mundo, existem relações que conectam e afetam os seres vivos de diversas maneiras: estes seres se relacionam entre si e também se relacionam com as coisas e com os fenômenos, de maneira que acabam se encontrando numa condição íntima com a natureza (SANTOS; HENNING, 2012, p. 38).

Sendo assim, o ser humano se constitui como alguém que, ao relacionar-se com os demais seres da natureza, consegue apreender através dos diversos meios de convivência comunitária na sociedade (como a escola, igrejas e demais instituições civis e políticas) a busca incessante pelo interesse comum. Tudo isso para a promoção de uma sociedade rica em sua diversidade quanto a posturas políticas, costumes, tradições, aspirações e espécies de governo ou de influências que existem em um espaço público.

É importante destacar que, para aprimorar o aspecto da experiência, esta necessita se efetivar em contato com um ambiente adequado que permitirá expor e dar sentido aos mais diversos discursos e ideias como também vislumbrar como esse tipo de sociedade pode ser possível através de uma educação com ideal democrático, assunto a ser abordado no próximo capítulo.

## **CAPÍTULO 2 – A EDUCAÇÃO NA CONSOLIDAÇÃO DE UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA E A MEDIAÇÃO DA LINGUAGEM**

No capítulo anterior, expusemos a nossa compreensão acerca da linguagem em relação à experiência. Ainda, evidenciamos a problemática quanto à sua influência na consolidação da sociedade democrática, enfatizando a construção dessa modalidade político-social considerando a totalidade do corpo social, pois, envolvem valores que permitem a cada indivíduo manifestar-se e expor seus ideais e suas ideias, a partir da sua compreensão como ser natural e social.

Tendo em vista a busca por um modo de viver adequado e apropriado para que todos possam alcançar suas metas sustentados por suas aptidões e capacidades, o ser humano através da linguagem, seja ela verbal ou não, considera as experiências que, ao serem compartilhadas, possibilitam aumentar o nível de conhecimento com outras pessoas e, conseqüentemente, a preparação para novas situações que venham a ser encontradas.

Ao estudar o pensamento de Dewey pudemos observar que sua filosofia trouxe uma grande contribuição à discussão quanto aos conteúdos escolares e sua respectiva relação com o ambiente externo pois, entendemos que o filósofo

[...] trouxe o mundo para dentro da escola e reconstruiu dentro dos muros escolares a sociedade na qual os alunos viviam, propiciando a experiência de cada um deles em uma vivência o mais próximo possível da realidade que os cercava (LINS, 2015, p. 27).

Neste momento, o que iremos analisar será a forma com que a linguagem atua na mediação para o modo democrático de viver e como isto ocorre no interior do ambiente escolar. A relação entre a linguagem e a educação deve favorecer o crescimento intelectual a partir das experiências compartilhadas, tendo como aporte as disciplinas tomadas como ponte entre estas experiências e o conteúdo do ensino escolar. Também, enfatizamos nesse contexto, o papel do professor como mediador e colaborador na aquisição de um conhecimento mais prático às vivências trazidas em sala de aula. Nesse sentido, precisamos observar que

Quando a aquisição de conhecimentos e a aptidão intelectual técnica não influem a criar uma atitude mental social, a experiência vital ordinária deixa de ganhar maior significação, ao passo que, na mesma

proporção, o ensino escolar cria homens meramente “eruditos”, isto é, especialistas egoístas (DEWEY, 1959, p. 8-9).

As influências que determinados ambientes provocam no indivíduo, e mais especificamente, no interior do ambiente escolar, permitem entender que as palavras “[...] “ambiente” e “meio” denotam alguma coisa mais do que o lugar em que o indivíduo se encontra. Indicam a particular continuidade entre o meio e as próprias tendências ativas do indivíduo” (DEWEY, 1959, p. 12).

Ao fazermos menção da influência de determinados “meios” na vida social dos indivíduos, entre estes citamos o meio escolar, fica evidente que estando em contato com várias pessoas como professores e colegas de estudo “[...] é inevitável alguma participação na vida daqueles com quem o indivíduo se acha em contato, por essa participação o ambiente social exerce um influxo educativo ou formativo, independentemente de qualquer propósito intencional” (DEWEY, 1959, p. 18).

Além disso, precisamos salientar que “[...] as escolas continuam sendo o exemplo típico do meio preparado para influir na direção mental e moral dos que a frequentam (DEWEY, 1959, p. 20) e, por sua vez, cumpre à escola, “[...] proporcionar um ambiente simplificado [...] utilizando-se dos elementos adquiridos como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas” (DEWEY, 1959, p. 21).

Destacamos também que, através de uma educação intencional, por meio de matérias e métodos estabelecidos e apropriados a incentivar o crescimento na direção desejada, contribui para que as aptidões individuais sejam postas em vista do benefício da comunidade em geral. Dentre outros instrumentos possíveis para alcançarmos determinado fim de uma boa convivência e a máxima transformação da vida social, com a linguagem “[...] conseguimos participar largamente da passada experiência humana, dilatando e enriquecendo assim a experiência do presente (DEWEY, 1959, p. 41).

Por essa razão, também vemos que nosso filósofo destaca que “[...] o objetivo da educação é habilitar os indivíduos a continuar sua educação – ou que o objeto ou a recompensa da educação é a capacidade para um constante desenvolvimento” (DEWEY, 1959, p. 108). Contudo,

Uma vez que os objetivos ou fins se relacionam sempre com a natureza dos resultados, a primeira coisa a considerar-se para se saber se há fins ou objetivos é a continuidade intrínseca do trabalho ou atividade em questão. [...] Falar-se em objetivo ou fim da educação

quando quase todos os atos de um discípulo são impostos pelo professor, quando a única ordem na sequência de seus atos é a proveniente das lições marcadas e das direções dadas por outrem, é absurdo (DEWEY, 1959, 109-110).

Por isso, nosso intuito agora é o de analisar o papel da filosofia da educação em vista da sociedade democrática e a adequada preparação dos indivíduos para a vida social ainda que isso corresponda à educação, como recurso socializante, tornando os indivíduos mais aptos a lidar com as exigências do futuro.

## 2.1 A Educação tradicional *versus* a Educação progressista

A importância de uma boa formação humana que reverbera no trato das relações humanas é sentida no que diz respeito ao âmbito de uma Filosofia da Educação calcada em valores que permitam o desenvolvimento e o crescimento do aspecto intelectual e social no interior de um ambiente em destaque, o escolar.

Antes, porém, de adentrarmos no campo da Filosofia da Educação, se faz necessário empreender alguns apontamentos acerca da compreensão de Dewey quanto à educação tradicional e a educação progressiva, expressas nas obras *Experiência e educação* (1971) e *Democracia e Educação* (1959) que serão fundamentais para entender a educação enquanto um valioso instrumento de desenvolvimento e de crescimento intelectual e social para que os indivíduos possam estar melhor preparados para a vida em sociedade.

Dewey recorda que o modelo de base da educação tradicional tem como representante o filósofo Johan Friedrich Herbart (1776-1841), o qual preocupou-se unicamente na educação moral dos educandos mediante a adoção de hábitos de ação em conformidade com regras e padrões que, ao serem internalizados e institucionalizados, ditam regras de conduta. Por isso, notamos que a tarefa principal da educação tradicional é transmitir corpos organizados de informação e de formas existentes de habilitação, que constituem o material de instrução.

O filósofo observa ainda que “[...] o hábito de imposição externa, tão comum na escola tradicional, mais impedia do que promovia o desenvolvimento moral e intelectual do jovem” (DEWEY, 1959, p. 10-11), sobretudo, porque enfatizava a que os educandos deveriam adquirir habilidades por meio de exercícios automáticos que limitariam seu poder de julgamento e sua capacidade de agir com inteligência diante

de novas situações. Deste modo, tais exercícios tornam o processo de ensino enfadonho, desmotivado e sem possibilidade para a criatividade e a criticidade.

Deste modo, identificamos que, no certame da pedagogia tradicional

[...] o professor era tido como o detentor absoluto do conhecimento e dispendo do poder da informação que lhe possibilita submeter o aluno a um processo de seguimento contínuo de suas proposições. A mudança de foco na pedagogia que passa a valorizar o agir do aluno não significa a perda da autoridade legítima do professor nem a subversão dos acontecimentos escolares (LINS, 2015, p. 27-28).

Além disso, Dewey chama a atenção para o fato de que o professor, na modalidade de educação tradicional, cumpre a tarefa de selecionar e organizar os conteúdos e conseqüentemente, a escolha do método de ensino. Por este motivo, o professor podia ser visto como um instrumento que disseminava e transmitia os conhecimentos como também fortalecia determinadas regras de conduta. Deste modo, o professor fazia com que os educandos adquirissem os conhecimentos do passado como finalidade da educação tradicional pois, seu aspecto fundamental significava que o aprendizado era o ato de adquirir aquilo que foi produzido pelas gerações anteriores.

No entanto, essa perspectiva de educação tradicional traz consigo um problema com o qual se esquece de que o mundo está em constantes transformações, por isso é importante despertá-lo para o senso de direção e guia que a educação concerne para preparar o educando à vida adulta. Além disso,

O professor exercerá o papel difícil de alguém que oferece a mão ao aluno, mostra-lhe o mundo ao redor e ao mesmo tempo deixa que ele caminhe sozinho e busque a construção de seu próprio ser. Não é fácil aprender esse papel, contudo é preciso que em sua atuação o professor dê conta desta recomendação e se equilibre entre estes dois polos extremos, o que conduz e o que deixa o aluno se conduzir (LINS, 2015, p. 33).

Com essa reflexão, consideramos que de igual maneira o pensador reflete acerca da forma com que as estruturas podem contribuir ou não para um aperfeiçoamento das experiências trazidas para o interior da sala de aula e como os conteúdos dados em sala podem fazer uma ligação com essas experiências aprimorando o raciocínio e tornar clara as relações entre eles e a vida extraclasse,

pois “[...] caso não admitisse a maleabilidade da natureza humana, a tarefa educativa perderia totalmente o seu significado” (CUNHA, 1990, p. 79).

Por isso, é importante ressaltar que “[...] à educação cabe, então, propiciar um ambiente favorável no sentido de permitir a atualização máxima dessa natureza potencialmente sábia” (CUNHA, 1990, p. 79). Contudo, Dewey observa que, no âmbito da educação tradicional, o “[...] conteúdo da educação consiste de corpos de informação e de habilidades que se elaboraram no passado; a principal tarefa da escola é, portanto, transmiti-los à nova geração” (DEWEY, 1971, p. 4). Além disso, ele recorda que, dentro dessa estrutura orgânica, a educação do indivíduo está calcada em “[...] preparar o jovem para as suas futuras responsabilidades e para o sucesso na vida, por meio da aquisição de corpos organizados de informação e de formas existentes de habilitação, que constituem o material de instrução” (DEWEY, 1971, p. 4-5).

Além disso, cabe salientar que de um modo geral, “A finalidade da educação não deve se encerrar no interior de qualquer instituição formalmente criada para instruir, mas deve estar enraizada na necessidade de sobrevivência da coletividade” (CUNHA, 1994, p. 38-39). É por essa razão que a educação se torna um importante meio pelo qual os indivíduos fazem a experiência da vida em comunidade, principalmente, no meio escolar, sob o qual, ocorre a comunicação das experiências individuais e, conseqüentemente, o compartilhamento das mesmas viabiliza a empatia entre os membros da sociedade.

Cumpre-nos ressaltar, como nos diz Lins, que

O professor não é um mero funcionário de uma escola, seja particular ou uma instituição pública, mas é alguém que tem diante de si a tarefa de proporcionar o desenvolvimento da personalidade e das habilidades dos alunos que serão os adultos atuantes na sociedade (LINS, 2015, p. 35).

Gostaríamos de salientar que o papel exercido pelo professor no interior da escola constitui em uma importante ação de mediação ao partir de conteúdos analisados, estudados e discutidos permitindo, assim, que o mesmo professor ocupe uma característica de construir pontes entre o mundo da escola ao mundo da vida em sociedade. Ademais, a educação detém uma real necessidade de promover a compreensão, assimilação e conexão entre os diversos materiais de estudo e vincular tais conteúdos às variadas experiências e vivências pessoais dos educandos,

explicitada nas diferenças existentes entre a educação tradicional comparada à educação progressiva.

Desta forma, através das reflexões do filósofo busca-se compreender até que ponto a educação contribui de forma positiva para o processo de reconstrução e reorganização das experiências humanas. Ao educando são oferecidas as condições de se desenvolver plenamente, tendo em vista que, para Dewey, a sociedade como a conhecemos continua sua existência não só através da transmissão de ideias, discursos e pensamentos como também pela comunicação das mesmas, ou seja, a sociedade é sinal constante de transmissão e comunicação.

Por essa razão, Dewey explicita em sua obra *Experiência e educação* (1971), sua preocupação referente ao modo como no interior do ambiente escolar se desenvolve a transmissão de conhecimentos como meras informações deslocadas ou distanciadas da realidade fundante em si, ou seja, o filósofo chama atenção para o que é comunicado no ambiente escolar, pois necessita promover uma conexão à realidade exterior da instituição de ensino. O pensador ainda adverte para o fato de que neste esquema de educação tradicional, amplamente difundido e conhecido, ocorre uma imposição de padrões, matérias de estudo sobre aqueles que estão crescendo para a maturidade.

Para Dewey (1959, p. 05), a educação tradicional “[...] é, em essência, esquema de imposição de cima para baixo e de fora para dentro”. Desta maneira, percebemos que há uma ênfase quanto ao conteúdo para a educação tradicional. E tal conteúdo sendo imposto por uma autoridade externa, na figura do educador, não considera as mais variadas aptidões dos alunos e seus interesses, aspectos que devem ser reconhecidos como sendo importantes ao desenvolvimento integral do indivíduo sob a perspectiva da proposta progressiva.

Ao contrário da postura conservadora e rígida, o autor defende o ambiente escolar no uso e no atributo de sua função formadora em consonância com a atividade do professor, organizando

[...] a cultura na sociedade. Estes termos se encontram algumas vezes distanciados e em outras se confundem, no entanto, na perspectiva que temos aqui, devido às características da educação na filosofia de John Dewey, a cultura é a o conjunto de intuições, símbolos, hábitos e convenções que se realizam na sociedade. É devido a esta simbiose que o contexto sociocultural adquire uma importância fundamental para a ação do professor (LINS, 2015, p. 35).

No entanto, identificamos que há uma distância entre o que se impõe, os métodos de aprender e a exigência por um comportamento disciplinar que impede qualquer participação mais ativa dos alunos no desenvolvimento do que é ensinado.

Em face disto, observamos que Dewey expressou suas ideias a fim de aprimorar o ensino no interior do ambiente escolar, sem desmerecer ou desrespeitar os programas de conteúdos previamente estruturados, no entanto, seu posicionamento fora tomado de modo equivocado por alguns estudiosos. A contribuição de Dewey para aprimorar o conteúdo específico das matérias de estudo encontra-se na dimensão do cultivo dos conhecimentos para fora do ambiente escolar, ou ainda, a necessidade de haver íntima relação entre os processos de experiência real e a educação, segundo a filosofia de educação progressiva.

No entanto, Dewey reconhece que há uma crítica mordaz diante das suas ideias quanto ao modo de tratar a educação relacionando-a à vida prática. Ou seja, os críticos estranharam suas asserções de que os conteúdos expostos nas aulas pudessem ter uma conexão com o cotidiano dos educandos e, em assim procedendo, haver uma forma de compreensão mais clara e objetiva para o desenvolvimento natural e social do educando na sociedade democrática.

Este aspecto da relação educação e a realidade concreta existe na medida em que o estudante se encontra exposto diante de uma situação que envolva um problema real. E, posteriormente, imbuído de dados úteis à consecução do pensar o educando irá fazer uso de sua experiência prévia para o suprimento de recursos capazes de solucionar situações atuais. Contudo, pode acontecer de o ambiente escolar reagir de forma depreciativa a essa interação entre o estudante e os conteúdos explicitados a fim de que haja uma adequada assimilação e posterior reflexão e as possíveis respostas a problemas identificados com os conteúdos e correspondentes à realidade vivencial ou experimental do estudante.

Dewey explicita a base da educação progressiva nestes termos: “Considero que a ideia fundamental da filosofia de educação mais nova e que lhe dá unidade é a de haver relação íntima e necessária entre os processos de nossa experiência real e a educação (DEWEY, 1971, p. 8). Enfatiza, portanto, que a educação

[...] baseando-se na experiência pessoal, pode isto significar contatos mais numerosos e mais íntimos entre o imaturo e a pessoa

amadurecida do que jamais houve na escola tradicional e, assim, conseqüentemente, mais e não menos direção e orientação por outrem (DEWEY, 1971, p. 9).

Por essa razão, no âmbito da educação progressiva, em Dewey, notamos que nosso pensador substituiu a separação entre a experiência e a natureza “[...] pela fusão de ambas em um único conceito: experiência humana” (AMARAL, 1994, p. 55). Deste modo, não podemos aceitar que haja uma separação entre a experiência e o modo de ação, por meio da linguagem, a qual se torna instrumento de propagação do pensamento, como fruto da reflexão do indivíduo.

Não à toa que Dewey reconhece a importância da linguagem na transmissão de conhecimentos de uma pessoa a outra, mas, também, na identificação com os objetos e, assim, efetuar o mesmo a uma ação, que, irá conectá-los imediatamente. A fim de ampliar o modo pelo qual ocorre a aprendizagem em relação à linguagem é que o filósofo exemplifica a associação que uma criança faz com a palavra chapéu a fim de aprender não somente o seu significado, porém, de modo mais efetivo ao uso e às condições que fazem coincidir a uma situação.

Sendo assim, “Os sons da palavra chapéu ficariam completamente sem sentido, [...] se não fossem proferidos quando associados a um ato de que se participa com alguma outra pessoa” (DEWEY, 19859, p. 16), haja vista que “[...] a linguagem consiste em sons *mutuamente inteligíveis* [...] [bastando] para mostrar que sua significação exige que haja experiência compartilhada” (DEWEY, 1959, p. 16, grifo do autor e acréscimo nosso). Por isso, “A garantia para a igualdade de uso está na circunstância de que a coisa e os sons foram primeiro empregados em uma atividade conjunta como um meio de estabelecer conexão operante entre a criança e o adulto” (DEWEY, 1959, 14-15).

Deste modo, ao avaliamos o papel que o ambiente escolar deve proporcionar para uma efetiva direção no crescimento dos educandos, “Selecionando os aspectos mais fundamentais [promovendo] uma progressão, utilizando-se dos elementos adquiridos como meio de conduzi-los ao sentido e compreensão real das coisas” (DEWEY, 1959, p. 21, acréscimo nosso). Caso contrário, “Quando as palavras não entram como fatores em uma ação compartilhada – quer real, quer imaginariamente – elas obram como puros estímulos físicos, não tendo significação ou valor intelectuais” (DEWEY, 1959, p. 17).

Posteriormente, em se tratando da relação entre o ambiente escolar e os educandos, Dewey afirma que “[...] o meio social cria as atitudes mental e emocional do procedimento dos indivíduos, fazendo-os entregar-se a atividades que despertam e vigorizam determinados impulsos, que têm determinados objetivos e acarretam determinadas consequências” (DEWEY, 1959, p. 18).

Por sua vez, é preciso entender que a crítica feita por Dewey em relação à maneira com que a educação estava organizada, nos moldes tradicionais, não favorecia o crescimento intelectual do educando, mas, unicamente fortalecia um sistema que consistia na transmissão de fatos e informações a partir de eventos do passado sem que houvesse qualquer influência na realidade encontrada pelo educando ou no interior das relações humanas em seus variados grupos sociais, entre estes, o ambiente escolar. Nesse sentido, esse tipo de experiência não considera o princípio de continuidade, preconizado pelo autor, não se configurando como uma experiência educativa na acepção do termo.

Dewey critica a formação escolar em seu modo tradicional a partir do propósito que sustentava a formação do jovem única e exclusivamente para assumir as responsabilidades para obter sucesso na vida por meio de habilidades estimuladas e que tais capacidades atendessem apenas o escopo de atividades econômicas e mão de obra para atividades técnicas.

Com o intuito de combater a formação meramente técnica, percebemos que o pensamento de Dewey analisa a estrutura da educação tradicional e identifica que ela se distancia da ideia de relacionar as matérias de estudo com a sua utilidade no ambiente extraescolar. Assim, Dewey reforça a necessidade de alertar aos educadores que a partir do contato com os estudantes “[...] se formule a experiência para que seja comunicada” (DEWEY, 1959, p. 6) a tal ponto que faça perceber que “[...] para aqueles que dela participam, toda a prática social que seja vitalmente social ou vitalmente compartilhada é por sua natureza educativa” (DEWEY, 1959, p. 6).

Deste modo, Cunha (1994) entende que, para Dewey, o aprendizado genuíno que ocorre na relação do indivíduo e sua participação nas experiências compartilhadas terá, conseqüentemente, implicações de cunho político.

Posteriormente, Dewey entende que a linguagem se torna uma espécie de ponte que une a existência à essência e que, em caso contrário, esse hiato seria artificial. Tal afirmação ganha maior força exatamente no exemplo que o filósofo diz em sua obra *Experiência e Natureza* (1980): “Até a muda agonia de uma dor constitui-

se numa existência significativa quando puder ser designada e tornada discursiva; cessa de ser simplesmente opressiva e torna-se importante; ganha importância pelo fato de tornar-se representativa” (DEWEY, 1980, p. 30)

Além disso, para Dewey, a linguagem possui um papel transformador no que diz respeito à interação e às instituições sociais de tal modo que, associada às percepções, sentimentos e ideias fornece novos elementos de conhecimento. Como ele mesmo nos diz,

Por causa do conversar, dar e receber social, posturas orgânicas várias passam a constituir uma reunião de pessoas ocupadas em conversar, conferenciando umas com as outras, em trocar experiências diversas, em ouvir-se mutuamente, bisbilhotando, acusando e escusando. Através do falar, uma pessoa identifica-se com atos e feitos potenciais (DEWEY, 1980, p. 31).

Em virtude disto, reforçamos o quanto a educação se torna um importante elemento que expande nossos horizontes de conhecimento e por meio da troca de experiências, seja entre os educandos como também com o professor, pode vir a ocorrer uma nova experiência que ajude a vislumbrar a organização da sociedade democrática que se almeja viver. Tal empreendimento faz entender que

À educação importa a necessidade vital de reconstruir ou reorganizar ou reviver a experiência democrática, a única em conformidade com a experiência de viver. A democracia é uma forma pessoal de vida, controlada não apenas pela fé na natureza humana em geral, mas também pela fé na capacidade que os seres humanos possuem de julgar e agir inteligentemente, quando condições apropriadas lhes são fornecidas (AMARAL, 1990, p. 81).

Para Dewey, a educação é uma atividade que modela os seres na forma desejada de atividade social, e deste modo nos ajuda a compreender que a educação significa o processo de dirigir, de conduzir ou de elevar. Sob esse ponto de vista, há um risco a ser considerado em condicionar o ser humano a um determinismo que não lhe permitirá desenvolver-se e atuar com liberdade dentro de uma sociedade e nos grupos de contato e, assim, poderá haver uma forma de educação a ser oferecida ao jovem que, acarrete em ações educativas humanizadoras ou não, democráticas ou antidemocráticas.

Ou ainda, podemos entender que caso a escola não faça o seu papel de educar para a vida em sociedade, e no uso da linguagem enquanto “[...] elemento

condensador das significações culturais e, portanto, fator potencialmente relevante para o processo educativo” (CUNHA, 1994, p. 41), corre-se o perigo de tornar “[...] as palavras desligadas do contexto cultural que as origina e que lhes atribui significado” (CUNHA, 1994, p. 41). Assim, a escola não estaria preparada para “[...] permitir ao educando as condições de atuação sobre os elementos compartilhados pelo grupo social” (CUNHA, 1994, p. 41).

Com isso, deve-se buscar fortalecer que a educação deva ser vista como o instrumento de continuidade da vida social, cuja realização se dá a partir da ação dos adultos no processo de transmissão via comunicação, dada a importância da linguagem para a aquisição do conhecimento, sendo por essa razão, um importante recurso de reflexão e continuidade de valores e ideais pertencentes ao estrato social em que os mais jovens pertencem. Nesse contexto, Dewey afirma que

[...] a educação é a continuação da vida social que acontece por introjeção de valores que são transmitidos de geração a geração através da experiência e pelo processo de comunicação entre os grupos sociais. Dessa forma, educar significa transmitir às gerações mais novas os valores e as experiências vivenciadas socialmente, cuja base de transmissão efetua-se por meio da comunicação dos mais velhos para os mais novos, através dos procedimentos de pensar, de sentir e de agir humanamente (DEWEY, 1979, p. 10).

Portanto, é por meio da educação que os homens, relacionando-se uns com os outros, de várias formas, educam-se e se aperfeiçoam mutuamente, cujo inter-relacionamento confere à educação maior força e resultados mais eficazes.

No processo educativo, o indivíduo e o meio devem ser, portanto, dois fatores “harmônicos e ajustados”. O meio social ou o meio escolar, se bem compreendidos, devem fornecer as condições pelas quais o indivíduo libere e realize a sua própria personalidade.

Ainda assim, devemos estar cientes da diferença existente entre a prática de um hábito em comparação a uma experiência. Enquanto um hábito “[...] significa a capacidade de utilizar as condições naturais como meios para a realização de objetivos” (DEWEY, 1959, p. 49), por sua vez, a experiência se traduz como

[...] um processo ativo que prolongada no tempo e seu período ulterior revela uma determinada tensão ou disposição para com as coisas que possuam essa significação. Toda a experiência ou atividade assim

contínua é educativa, e toda a educação consiste em ter tais experiências (DEWEY, 1959, p. 85).

Há que se recordar que o hábito se traduz em uma experiência que modifica quem a faz e tal modificação afeta diretamente a qualidade das experiências subsequentes, pois, de algum modo é a pessoa que vai passar por essas novas experiências. Nesse sentido, a concepção ampla envolve a formação de atitudes tanto emocionais quanto intelectuais, envolve toda a nossa sensibilidade e modos de receber e responder a todas as condições que defrontamos na vida.

Para corroborar o que foi dito anteriormente, Amaral nos ajuda a compreender que na visão de Dewey o âmbito da experiência só será melhor aproveitado quando houver o estímulo ao interesse, seja no interior do ambiente escolar, seja fora dele.

Para Dewey, o interesse é condição especial para o desenvolvimento de qualquer atividade e prende-se a certas forças, impulsos da criança que carecem de desenvolvimento. Para que o desenvolvimento se dê, basta oferecer-lhe condições adequadas. O esforço não é contrário à satisfação desses impulsos, mas deve vir ao seu encontro (AMARAL, 1990, p. 80).

Em relação ao aluno, a sua capacidade de aprender, ou seja, o poder de reter algum conhecimento com que poderá transformar a experiência futura, é de sua natureza indefinida, pois o homem não aprende por uma necessidade que, satisfeita, faça desaparecer aquela capacidade. Aprender é uma função permanente do seu organismo. É a atividade pela qual o homem cresce, mesmo quando o seu desenvolvimento biológico de há muito se ache completo. Aprender, além de ser o modo de adquirir hábitos, pode tornar-se um hábito em si mesmo.

Na visão filosófica do autor, a finalidade da educação se confunde com a finalidade da vida. A educação é o processo de assegurar a continuidade das experiências e que estas venham proporcionar aos jovens “[...] adquirir hábitos melhores, de modo que a futura sociedade seja mais perfeita que as suas próprias sociedades atuais” (DEWEY, 1959, p. 85). A educação democrática é algo que desejamos que aconteça, porque julgamos que a vida democrática propicia o melhor para a experiência atual e futura da humanidade, por ser o único modo de vida que permite crescimento individual e comunitário.

A importância atribuída ao aspecto transformador da educação quanto ao convívio comunitário e a conscientização social na filosofia de Dewey fica mais claro como nos diz Café:

A reflexão que Dewey faz sobre a educação é uma constante procura de se conhecerem os fundamentos que clareiam e determinam a vida, no caminho de se educar, perante a continuidade e a diversidade entre os seres humanos. Assim, a educação passa ser aquela que ajuda a nortear a vida entre os seres conscientes e sociais (CAFÉ, 2013, p. 1).

A fim de expandirmos a compreensão sobre a vida em uma sociedade democrática cabe reforçar que a vida como a entendemos “[...] subentende costumes, instituições, crenças, vitórias e derrotas, divertimentos e ocupações” (DEWEY, 1959, p. 2) e que através da transmissão de ideias e de experiências a vida pode ser continuamente renovada, tanto nos seus aspectos físicos como também nos aspectos sociais. Por esse motivo, a comunicação das experiências e o conhecimento dos adultos aos mais novos expressa a relevância da educação, a qual contribui com a continuidade da vida característica de determinada comunidade.

Entendemos que a educação preconizada por John Dewey é essencialmente pragmática e instrumentalista, isto é, uma educação em que o conhecimento se torna uma experiência livremente aproveitável em outras experiências. Para este pensador, a experiência concreta da vida se apresenta sempre diante dos problemas que a educação poderia ajudar a resolver. Assim, a educação vista por Dewey como um importante instrumento para a vida carrega consigo a busca pelo crescimento do indivíduo que se traduz como vida reflexiva que deve ser exercitado constantemente.

Por isso, ele também reforça e destaca a importância de que a educação seja transmissão de costumes, ideias e atitudes dos mais velhos para os mais novos haja visto que isso será um cabedal importante para a continuidade da vida em comunidade.

Para Dewey a educação é considerada o instrumento que dá a continuidade à vida, que ajuda o homem a enfrentar as dificuldades da vida, no intuito de superá-las tanto no meio como na sociedade, para manter um bem estar. Com o desenvolver da sociedade, observava-se que, antes, os ideais e costumes, mensurados pela sociedade, giravam em torno dos mais velhos, considerados como os detentores de grande sabedoria. Agora, não desprezando a experiência de vida dos mais velhos, a educação habilitou este esforço a pessoas que passam por todo um itinerário formativo e a cada indivíduo que vai de

encontro à cultura. Essa educação prioriza muito a continuidade social do grupo que fundamenta o educar como questão essencial (CAFÉ, 2013, p. 2).

Como já temos discutido, por mais que haja uma crítica de Dewey quanto ao formato da educação tradicional, ele reconhece que sem essa educação formal seria impossível a transmissão de todos os recursos e conquistas de uma sociedade complexa. No entanto, a educação formal está calcada e fundamentada em matérias que abordadas no interior de uma sala podem estar distantes da realidade dos alunos. Por sua vez, sua proposta para a educação progressiva é a de que ela seja vista também sob o olhar das experiências trazidas pelos estudantes e a partir dos conteúdos formais e, assim, sejam melhor analisados para terem maior capacidade de compreensão e assimilação promovendo o desenvolvimento e o aprimoramento das experiências particulares a cada indivíduo. Cabe fazer uma ressalva que

Ao nos referirmos ao fato de que a escola prepara as pessoas não estamos voltando à tradicional ideia de que a criança não tem participação social e que a escola é o lugar no qual estas são acolhidas separadamente do que acontece ao redor. Em oposição a esta tendência que se encontra algumas vezes ainda nos dias de hoje, a escola é a vida da criança e não o lugar e o modo apenas de preparação da criança para uma vida que há de vir (LINS, 2015, p. 39).

Além disso, como já afirmamos anteriormente Dewey aponta a sua crítica quanto às formas de se ver a educação formal sob o risco de que a educação se transforme em um mero instrumento mecanicista consciente de que a aquisição de conhecimento e a aptidão intelectual técnica acabem por criar uma atitude mental rígida ao contrário de estimular uma experiência com um ganho de maior significação como contribuição para a vida em sociedade.

Por esse motivo, na sociedade democrática, de fato, a educação se encarregará de transmitir as coisas que as pessoas possuem em comum umas com as outras e que propiciam a vida em comunidade. Pois, a sociedade não é constituída apenas pelo convívio próximo entre as pessoas, e sim pelos fins que elas possuem em comum. Por exemplo, o desejo por uma justa relação entre as oportunidades e as aptidões que as pessoas possuem, a consolidação de uma sociedade que realmente faça acontecer a igualdade de direitos a todos que se encontram em uma situação de vulnerabilidade ou rejeição, uma educação de qualidade mais que quantidade, o

devido respeito às diferenças de raças, credos e posições políticas, em suma, uma comunidade que seja de fato democrática.

Assim, com o intuito de fazer com que o ambiente escolar, em específico, se torne um espaço apropriado para a formação da consciência da coletividade, em todos os momentos que sejam oportunos, há que se fazer menção quanto a uma experiência educativa, seja no interior da sala de aula, como também nos momentos de lazer.

O lazer educacional é um dos métodos, apontados por Dewey, em que a filosofia pode manifestar meios ou conduzir energias que ajudem, futuramente, nas soluções de profundos problemas da vida. A filosofia da educação é o caminho para mostrar, abertamente, os problemas de como formar uma consciência de bons hábitos morais, perante a vida social atuante (CAFÉ, 2013, p. 5).

Logo, para Dewey (1959, p. 6), a vida social é educativa tendo em vista que nela, por meio da comunicação, as pessoas estão constantemente adquirindo e compartilhando as experiências, gerando o sentimento da responsabilidade, obrigando-nos a falar e a pensar com cuidado e exatidão.

Procuramos ressaltar que a linguagem de um modo geral, enquanto instrumento de construção e expressão das nossas ideias, reflexões e atitudes deve, porém, levar, por exemplo, a criança para além da aquisição de certos modos visíveis e externos de ação, provocados por condições também externas. A criança deve associar-se à experiência comum, modificando seu estímulo interno de acordo com ela, e sentindo, como próprio, o sucesso ou o fracasso da atividade. “É na preparação do meio especial de educação – a escola – que podemos e devemos dispor as condições pelas quais a criança venha a crescer em saber, em força e felicidade (DEWEY, 1980, p. 121).

Assim, Dewey destaca que o que diferencia o ser humano em relação aos animais da natureza, a linguagem, constitui-se como instrumento de cooperação social como também serve na continuidade e extensão das significações aportadas na própria linguagem. Deste modo, vamos percebendo a importância da linguagem, pois, esta se manifesta no compartilhamento de ideias e experiências, estabelecendo uma transmissão física de pensamentos e conhecimentos de um indivíduo para outro, por meio de uma transmissão de sons, sinais e códigos reciprocamente inteligíveis – considerando que, na linguagem, esses sinais e códigos em relação às coisas abrangem as mesmas percepções, sentidos e valores para as pessoas.

Por essa razão, salientamos que em todo o processo educacional, seja no interior do ambiente escolar ou fora dele, através da comunicação se torna muito mais claro pensarmos na existência da sociedade e, sobretudo, na educação que sustenta, favorece e consolida a sua manutenção no contato entre as diversas pessoas, independentemente de suas convicções particulares.

Contudo, há um caminho a ser feito por meio da educação a fim de estabelecer de fato o ideal de uma sociedade democrática e Laércio Café recorda que Dewey, ao refletir sobre os fatores democráticos, comenta que

[...] os indivíduos vivem em comunidade por terem coisas, objetos, crenças, conhecimento e outros dispostos em comum. A comunicação e a transmissão são outros meios pelos quais todos têm as coisas em comum, devido à compreensão intelectual e emotiva com a finalidade de realização de todos. Mas a sociedade não é, totalmente, constituída por pessoas que desejam o bem estar de todos. Dentro da sociedade existem também pessoas que têm relações consideradas ainda não sociais, que usam outras pessoas para obter resultados vantajosos e rompem com o conceito de que todos vivem para uma finalidade comum (CAFÉ, 2013, p. 3).

Por isso, a fim de que se construa uma sociedade com ideais democráticos a todos é que um ambiente, como a escola, deve favorecer a reflexão sobre a sociedade que vivemos e como perpetuamos um modo de vida ou podemos redescobrir um novo para que todos tenham as mesmas oportunidades de desenvolvimento.

## 2.2 O papel da escola em um cenário democrático e a importância de uma atuação reflexiva e educativa dos professores

A partir do que foi exposto anteriormente, cumpre igualmente analisar o papel que ocupa o ambiente escolar no certame da educação para a vida. É importante ressaltar que existe no interior da escola o perigo permanente de que “[...] o cabedal da instrução formal se torne matéria do ensino nas escolas, isolado das coisas de nossa experiência, na vida prática (DEWEY, 1959, p. 9). Nesse sentido, julgamos importante ressaltar a importância de o educador manter uma constante reflexão sobre o seu agir pedagógico, tendo em vista a necessidade de uma ação educativa voltada ao desenvolvimento do educando de forma integral.

Exatamente, por este envolvimento do educador no processo formativo, é que Dewey se preocupa em reforçar esta responsabilidade ao afirmar que “[...]”

experiências, para serem educativas, devem levar a um mundo em expansão da “matéria de estudo”, concebida como sistema de fatos ou informações e ideias” (DEWEY, 1971, p. 93).

Para Dewey, a escola deve ser organizada a partir da realidade da criança, compreendendo as suas experiências, delineando as matérias de estudo a fim de que estas façam clarificar a compreensão e a ligação entre o pensamento e a ação como dimensões inseparáveis. Ou ainda, quando abordamos o princípio da interação, como já o discutimos no capítulo anterior, apenas queremos reforçar que “Qualquer experiência normal é um jogo entre os dois grupos de condições [condições objetivas e condições internas]. Tomadas em conjunto, ou em sua interação, constituem o que se chama uma situação” (DEWEY, 1971, p. 35 – acréscimo nosso). Talvez por esse motivo a crítica de Dewey se faça entender quando afirma que

[...] o erro da educação tradicional não estava na ênfase que dava às condições externas, que entram no controle da experiência, mas na quase nenhuma atenção aos fatores internos que também decidem quanto à espécie de experiência que se tem (DEWEY, 1971, p. 35).

A imersão a uma experiência de vida social para cada um de nós tem seu início no contexto do ambiente educacional como espaço privilegiado para aquisição de conhecimento e, conseqüentemente, para a construção de ideias, pensamentos e posturas que poderão vir a ter sua continuidade ao longo de toda a vida adulta.

A comentadora Maria Judith da Costa Lins traz a compreensão de Dewey quanto à relação entre a sociedade e a democracia com que Dewey compreende “[...] uma sociedade é um número de pessoas vivendo juntas porque estão trabalhando em linhas comuns, em um espírito comum e com referência a fins em comum” (LINS, 2015, p. 37).

Por essa razão, se faz necessário empreender uma análise de quanto a escola e também o professor, enquanto ambiente e indivíduo exercem influência sobre orientar e atender as necessidades dos educandos a fim de que como seres naturais e sociais possam exercer seu papel para a consolidação da sociedade democrática.

Com isso, temos presente que também caberá ao educador “[...] ser capaz de julgar quais atitudes são conducentes ao crescimento contínuo e quais se lhe são prejudiciais” (DEWEY, 1971, p. 30). Por esta razão, é que Dewey ressalta que há um perigo constante, a saber, no que diz respeito quanto ao fato de a instrução formal

encontrar-se distante e torne a matéria do ensino nas escolas, isolado das coisas de nossa experiência na vida prática.

Dewey enfatiza a importância do papel do professor em tomar as matérias de estudo e analisá-las como fatos observados, recordados, lidos, discutidos, e as ideias, que daí derivarem, desenvolverem um objetivo que seja o de provocar reações ou respostas a fim de dirigir o curso do educando. Assim, o filósofo entende que os estudos ou as matérias do programa têm muito a ver com a função de fornecer um ambiente estimulante que atenda à “[...] necessidade de um meio social para dar significação aos hábitos formados. Na educação não formal ou assistemática, a matéria de estudo é o próprio intercâmbio social” (1959, p. 199). Esta relação entre a matéria de estudo e seu respectivo intercâmbio serão expostos mais adiante, contudo, podemos adiantar que faz menção ao aspecto das significações que tais conteúdos podem e devem repercutir no ato do ensino nas escolas.

Com base nesse pressuposto, compreende-se a educação como um processo individual-social, de inter-relacionamento mútuo e contínuo e, sendo social, ela sempre se realiza envolvendo todos os elementos interessados e empenhados.

Dessa forma, “A educação para Dewey tem como sua missão fundamental a formação de uma sociedade democrática, e se concretiza por meio de escolas nas quais esse conceito seja vivenciado pelos alunos” (LINS, 2015, p. 37). Por essa razão, salientamos que

Nada mais atual do que a questão da democracia nas sociedades e o papel das escolas de formar cidadãos. Permanece, pois, em nossos dias o significado da escola no que se refere à desejada construção de uma sociedade democrática (LINS, 2015, p. 38-39).

Portanto, é por meio da educação que os homens, relacionando-se entre si, educam-se e se aperfeiçoam mutuamente, conferindo à educação maior força e resultados mais eficazes. Isto é reforçado no aspecto formativo da experiência escolar, no trato e nas relações humanas, pois, como afirmam Mendonça e Adaid (2018):

[...] a educação capacita o indivíduo a refletir sobre o mundo e sobre si mesmo, vindo a ser sujeito ativo de seus atos e não mero coadjuvante. Sendo assim, dotado desta ferramenta libertadora, na medida em que o educando se torna capaz de ressignificar, surge um

novo ser, melhor e mais evoluído, num processo de metamorfose (MENDONÇA; ADAID, 2018, p. 138).

Logo, para Dewey, a aprendizagem se dá pela experiência, num constante diálogo, isto é, a ação, a atividade do educando é fator indispensável para que haja aprendizagem. O educador é um elemento na formação e compreensão da educação e seu papel é muito importante, pois trata-se de um orientador na criação de experiências educativas – e não, simplesmente, um transmissor dogmático de verdades acumuladas.

A preocupação imediata e direta do educador é, então, com a situação em que a interação se processa “[...] lhe cabe o dever de determinar o ambiente que, entrando em interação com as necessidades e capacidades daqueles a que vai ensinar, irá criar a experiência educativa válida” (DEWEY, 1971, p 38-39).

Neste momento, fica a dúvida sobre o real alcance da educação e o papel que a escola exerce na consolidação e construção de pensamentos, formação e conscientização das pessoas. Ainda é preciso esclarecimentos quanto ao papel social que cada cidadão deve exercer igualmente a partir do que lhe é ofertado enquanto conteúdos e o seu uso em seus variados meios e situações adversas.

Como já reforçamos no tópico anterior, a educação deveria colaborar para um melhor desenvolvimento dos indivíduos e nos vários ambientes a que ele exerce sua participação. Dentre estes ambientes, a escola possui um atributo particular pois

A escola deve ser um lugar que esteja voltado para a crescente educação intelectual do indivíduo, formando uma comunidade dentro de outra comunidade. De maneira alguma, deve pressionar a criança ou jovem a algo que não fuja da sua realidade vivida ou a uma educação confinada em si mesma.

O processo de crescimento do indivíduo desenvolve-se pela reorganização e reconstrução da experiência, por meio de um processo em que a atividade educativa vem em resposta aos estímulos do organismo e do meio ambiente em que vive. A direção de nossas atividades é fornecida pelo meio social que determina o rumo das condições boas e ruins do processo educativo. Contudo, é o indivíduo quem dá as respostas das tendências existentes em si (CAFÉ, 2013, p. 6).

Por essa razão, enfatizamos que cabe à escola fazer o possível para que o educando faça uma boa reconstrução de suas experiências passadas, por meio da linguagem, a fim de que as experiências presentes sejam bem sucedidas. Além disso,

para Café (2013, p. 6), sociedade e escola devem desenvolver uma base para que o indivíduo construa sua própria personalidade. Deste modo, baseado no pensamento de Dewey, o indivíduo-criança se transformará em uma abertura para o mundo social, para o aprendizado e a continuidade da vida assim como também possuirá um papel primordial para a escola e para o ensino.

Para melhor corroborar tais reflexões, é que se apresenta as indagações com relação à dimensão formativa e conscientizadora da educação no interior do ambiente escolar. Ao que temos visto, a ênfase em ressaltar a carreira técnica pode fortalecer um aspecto com o qual a educação se torna refém de um determinado setor a fim de sanar e atender claramente a uma necessidade mercadológica e deixar a desejar em promover o crescimento intelectual, humano e vivencial de cada estudante. Conforme tal perspectiva, o educando estaria sendo conduzido para ser mais um instrumento de capacitação sem qualquer compromisso com o desenvolvimento das potencialidades criadoras do homem.

Por este motivo é que se necessita repensar o quadro dos conteúdos no ambiente escolar e a finalidade com que os professores estão formando seus alunos a fim de priorizar a capacidade de reflexão e assimilação de conteúdos que possam igualmente formá-los de forma mais adequada a uma vida em sociedade. A fim de que haja um melhor aproveitamento do que é ensinado compreendemos que uma interrelação entre as diferentes disciplinas e seu respectivo diálogo mediante uma proximidade de temas favorece uma melhor aprendizado e ligação dos próprios estudantes às temáticas estudadas e discutidas, pois, se faz importante relação entre o que é estudado ao que poderá ser observado e experimentado no cotidiano da sociedade.

Deste modo, temos em nossa reflexão a maneira com a qual o filósofo norte-americano entendia e expunha sua preocupação em relação a uma educação como motor de transformação da realidade e com a qual cada indivíduo seria capaz de promover, a partir de suas próprias potencialidades, o seu desenvolvimento com o incentivo do ambiente escolar.

A escola, que deve estar atenta aos processos que se desenvolvem fora dela, enfrenta problemas muito particulares numa sociedade diversificada; se a instituição escolar pretende servir como elemento de intercâmbio social, é imperioso que atenda a certos requisitos quanto à organização do conhecimento (CUNHA, 1994, p. 42).

Para reforçar esse papel de instrução e o devido cuidado para com a construção do pensamento e sua recorrente associação de ideias e atos, é que enfatizamos o papel de evitar reduzir a educação a uma necessidade mercadológica e sim comprometer em formar cidadãos conscientes de seu papel junto à sociedade. Está claro que não deve ser desmerecido o papel que o “trabalho” influencia na construção da sociedade que se almeja igualitária, solidária e democrática, no entanto, não se deve colocá-lo em um patamar de prioridade em relação à formação educacional plena em detrimento de uma situação específica. Conforme nos diz Dewey “[...] torna-se desnecessário dizer que uma certa quantidade de trabalho será sempre indispensável aos homens. Os seres humanos necessitam viver e a renovação dos recursos para a vida exige que trabalhem” (DEWEY, 1959, p, 276). Ainda assim, não quer dizer que a educação deva submeter-se a estreitar seu papel a uma função profissional e deixar de oportunizar momentos de lazer como um meio de descontração e relaxamento para o convívio com os demais entes queridos.

Assim, queremos salientar que

[...] a educação não se resume em uma simples preparação para a vida, mas na própria vida, que é impulsionada a sempre crescer. Logo o processo educativo não tem nenhum fim a não ser em si mesmo, que é educar e proporcionar nova educação num “processo de contínua reorganização, reconstrução e transformação da vida (CAFÉ, 2013, p. 7).

Para melhor compreender nossa reflexão, é preciso reforçar o cuidado com que se deve ter para a compreensão de qual é o lugar da educação no cenário social e político em especial em um cenário democrático. Assim precisamos levar em consideração “[...] as duas funções – conseguir-se um meio de vida pelo trabalho e desfrutar cultamente as oportunidades de lazer” mas que as mesmas “[...] fossem distribuídas igualmente entre os diversos membros de uma comunidade. Somente assim, não haveria o risco de “[...] conflito de instituições e fins educacionais necessários ao desenvolvimento dessas duas funções” (DEWEY, 1959, p. 275).

Com essa consideração, entendemos que a escola enquanto um ambiente propício ao crescimento intelectual natural deve pautar-se em cuidar para que os conteúdos a serem expostos respeitem a estrutura mental dos educandos a fim de que estes possam assimilar gradualmente elementos e aspectos das diversas culturas

e assim, os conhecimentos mais simples servirão de meio de condução aos saberes de um patamar mais elevado.

Dito isto, é importante ressaltar também que a função social que a escola exerce diretamente nos estudantes faz com que eles entrem em contato com a cultura a que pertencem e também com as demais para, assim, discernir situações que exijam reformulações e para agir em consonância com as necessidades de transformação, conforme diz Cunha (1994, p. 38). Isso reforça a ideia de que o aprendizado consistente e sólido se caracteriza quando a pessoa do educando participa ativamente em experiências vivenciadas em diversos grupos sociais e ao serem compartilhadas promovem um processo de reflexão acerca de situações de cunho intelectual, político, social e econômico.

Temos também que observar o intuito de se investir em uma educação que seja capaz de transformar as múltiplas realidades que são encontradas no cenário da escola em uma sociedade que se pressupõe intitular-se democrática, pois, segundo Cunha (1994)

O que define a essência da democracia é seu caráter de vida compartilhada; nesse sistema político, as necessidades individuais, muitas vezes divergentes, encontram seu ponto de convergência mediante os propósitos do trabalho cooperativo. Os interesses do indivíduo e as exigências sociais constituem aspectos complementares que dão significado e direção tanto ao comportamento do indivíduo quanto ao da sociedade. No pensamento deweyano, somente a democracia pode fornecer as condições imprescindíveis para o pleno desenvolvimento das potencialidades criadoras do homem (CUNHA, 1994, p. 35).

Deste modo, a crítica que também encontramos nos pensamentos de Dewey ressalta a incoerência quanto às diferentes conotações da formação seja ela dita liberal ou a uma formação dos indivíduos. O pensador adverte quanto ao modo como a educação é tomada na condução da formação dos indivíduos tendo em vista que, enquanto por um lado, existe uma educação que reforça os laçeres, esta deveria reforçar “[...] a eficiência e a fecundidade do trabalho”, por outro lado, o mesmo se pode dizer que a educação “[...] que visasse o trabalho útil deveria criar hábitos sentimentais e intelectuais que conduzissem a um nobre aproveitamento dos laçeres (DEWEY, 1959, p. 275).

Portanto, há que se fazer menção que, para o filósofo,

Se educação é desenvolvimento, ela deve progressivamente realizar as possibilidades presentes, tornando assim os indivíduos mais aptos a lidar mais tarde com as exigências do futuro. O desenvolvimento não é coisa que se torne completa em determinada ocasião; é um contínuo conduzir para o futuro. Se o ambiente na escola ou fora dela, fornecer as condições que ponham adequadamente em ação as aptidões do imaturo é certo beneficiar-se com isso o futuro, que é produto do presente (DEWEY, 1959, p. 60).

Em seguida, outro item a ser considerado no quesito dos quadros de conteúdos do ambiente escolar, estes dizem respeito ao entendimento quanto ao ambiente, no sentido deste não ser visto como único local do processo educativo, mas sim, que seja olhado como local privilegiado para a educação, especialmente organizado e racionalmente planejado para oferecer aos educandos um meio social simplificado que retrate a ampla e complexa sociedade maior.

Tal provocação se deve ao fato de que há que se cuidar com respeito ao que é ensinado e transmitido pelos educadores tendo em vista que, pode vir a ocorrer que os responsáveis na capacitação e formação educacional dos estudantes atuem

[...] utilizando técnicas de coação e, deste modo, conseguem inclinar os jovens na direção oposta à que naturalmente seguiriam; tais mestres esquecem-se, porém, de verificar as consequências dessa atitude. Temeroso diante de ameaças, o jovem pode ficar exposto a influências que o levarão à prática de atos muito piores do que aqueles que se desejou evitar (CUNHA, 1994, p. 44).

Isso acentua um risco à educação se levarmos em consideração que a mesma poderá visar resultados utilitários e, assim,

[...] sacrificar o desenvolvimento da imaginação, o apuro do gosto e a profundidade da atividade intelectual – valores culturais indubitavelmente – também no mesmo grau limitará a utilização daquilo que foi aprendido (DEWEY, 1959, p. 284).

Percebe-se, assim que, cabe ao certame do ambiente escolar trabalhar com o ponto crucial que diz respeito a combater o dualismo em uma sociedade democrática onde “[...] a educação liberal, que serve a uma vida autossuficiente de lazeres dedicados ao saber pelo saber, e a preparação utilitária e prática para as ocupações mecânicas, preparação desprovida de conteúdo intelectual e estético” (DEWEY, 1959, p. 286).

Torna-se igualmente interessante a provocação que Cunha (1994) faz ao dizer que as escolas se omitem de observar que o aprendizado que se efetiva nos meios extraescolares é eficaz justamente por se dar em clima de interação entre os agentes sociais. Além disso, recorda que, para Dewey,

[...] a escola deve ser um local de convivência entre jovens de raças, religiões e costumes dessemelhantes. Ao cumprir esta meta, a escola assume uma função adicional [...] de integrar e fortalecer a vida mental dos jovens, ajudando-os a discernir entre os ambientes e a encontrar seus próprios padrões de julgamento (CUNHA, 1994, p. 43).

Isso corrobora e consolida de igual maneira a importância com que a filosofia assume um aspecto educativo e instrutivo a esse caráter das relações com as diferentes visões de mundo existentes entre os jovens e as demais pessoas, mas, especificamente, no ambiente escolar, no qual os conteúdos filosóficos também colaboram para que o jovem na atribuição de suas capacidades intelectuais compreenda que

[...] o pensamento reflexivo tem uma função instrumental, isto é, que ele se origina no confronto com situações problemáticas e que sua finalidade é prover o homem de formas mais adequadas de comportamento para enfrentar estas situações (CUNHA, 1994, p. 35).

Com essa afirmação, Amaral ajuda a compreender que o que liga o indivíduo à sociedade é a inteligência que “[...] só poderá funcionar como um recurso social [...] porque está presa a uma atmosfera fortemente socializada (AMARAL, 1990, p. 77), haja vista que a inteligência, enquanto elemento socializante, de caráter profundamente atuante na natureza humana “[...] permite a cada ser dessa natureza refletir dentro de si o senso do todo, dessa integração que a tudo envolve “ (AMARAL, 1990, p. 78).

O referido aspecto da inteligência a que se refere Dewey em sua filosofia torna-se importante quando a questão é saber se a educação formal em contato com a experiência do educando promove ou retarda o crescimento de forma mais abrangente. Compreende-se, assim, somente quando a experiência se manifesta em determinada direção conduz a um crescimento contínuo correspondendo à definição de “educação como crescimento”, pois o conceito deve ter aplicação universal e não limitada e especial.

Ainda sobre o papel da escola enquanto ambiente propício de educação, corresponde entender que “educar é pôr o indivíduo em contato com a cultura a que pertence e, mais que isto, é prepará-lo para discernir situações que exijam reformulações e para agir em consonância com estas necessidades de transformação” (CUNHA, 1994, p. 38).

Urge compreender de modo enfático e claro que em um espaço como o escolar ali também ocorre a vida em comunidade e por si só, educativa, pois, ao fazer-se a experiência de vida em grupos sociais distintos cada qual comunica “[...] uns aos outros seus sentimentos, seus desejos, seus objetivos e suas ideias, com o intuito de compartilhar as mesmas disposições afetivas e intelectuais” (CUNHA, 1994, p. 39).

Existe também um alerta às afirmações daqueles que concebem a educação como preparação da pessoa à vida adulta, algo tão nocivo por enxergar nas crianças, por exemplo, indivíduos que estão em uma lista de espera. Ao contrário, deve-se entender que, para Dewey, se no presente a escola propiciar experiências duradouras e saudáveis para o desenvolvimento da criança, esta será capaz de lidar com o futuro, seja ele o que for.

Além disso, devemos entender a educação como uma atividade que por si só é construtiva quando possibilita o estabelecimento de relações antes não percebidas entre os fenômenos que cercam o educando, pois, a cada experiência que o educando interage permite a ele regular, orientar, e dirigir experiências posteriores. E, desta forma, ele saberá distinguir as experiências que são genuinamente educativas daquelas que são experiências descuidadas, ocasionais, ou meramente rotineiras.

Daí a importância de refletir acerca de tais eventos e formular o pensamento, pois as situações, se analisadas sob o ponto de vista como mera emissão de sons

[...] tornam-se linguagem apenas quando usados dentro de um contexto de auxílio e direção mútuos. Apenas estes últimos são fundamentalmente importantes quando se pretende considerar a transformação dos gestos orgânicos e dos gritos em nomes, coisas com significação, ou seja, a origem da linguagem” (DEWEY, 1980, p. 35).

Para reforçar o que foi dito anteriormente, corresponde também aos educadores no processo formativo desenvolver em seus alunos o hábito de pensar, tendo em vista que pode vir a acontecer que no ambiente escolar a aquisição de habilidades seja promovida de modo mecânico assim como o ato de escrever ou na

resolução de problemas matemáticos, e por sua vez, o que permanece indefinido é como “fazer pensar”, tarefa que acaba permanecendo no terreno obscuro das qualificações pessoais de cada professor.

Segundo Cunha (1994, p. 52), ao explicitar tal necessidade traz presente a intenção de Dewey ao fazer as correlações entre os conteúdos trabalhados e a necessidade de se promover o ato reflexivo para evitar que os alunos ao serem levados a um trabalho sem perceber o alcance e o significado do mesmo acabam estudando porque estão acostumados a obedecer e não porque compreendam o sentido da matéria, o nexos entre os assuntos, de forma interdisciplinar.

O mesmo comentador reforça o aspecto que uma atitude reflexiva igualmente

[...] requer experiências prévias suficientemente ricas para o suprimento de recursos capazes de solucionar situações atuais [...]. Os livros e as exposições feitas pelo professor, por exemplo, constituem importantes fontes indiretas, desde que não se encarreguem de apresentar soluções já prontas para o problema proposto (CUNHA, 1994, p. 54).

Compete ainda ter em consideração a necessidade de se observar que a tarefa educativa e seus objetivos necessitam de um programa de matérias que ofereça conhecimentos que representem resultados da experiência humana acumulada historicamente.

Por sua vez, caberá ao educador a responsabilidade pela escolha dos meios adequados para conduzir a atividade do aluno na direção do saber, e assim, também conhecer os aspectos do desenvolvimento humano, mas sem descuidar de manter domínio dos seus educandos sobre as matérias escolares.

Para melhor obter resultados quanto ao crescimento e desenvolvimento intelectual dos alunos, deve-se contar sobretudo com o papel do professor, pois é através do seu trabalho que serão desempenhados os planejamentos com relação aos conteúdos que melhor colaborem para as atividades em sala de aula e possibilitem a construção do conhecimento, desenvolvendo as habilidades criadoras dos estudantes haja vista que a educação é um processo social e como tal, “a interação do seres humanos, ou seja, a associação, não é diferente, quanto a origem, de outros modos de interação” (DEWEY, 1980, p. 34).

Também deve-se compreender a relação democrática que o ambiente escolar pode promover na condução das experiências enriquecedoras que podem ser

vivenciadas tanto pelos estudantes, quanto pelo professor. Tais experiências devem ser devidamente organizadas por este último ao qual caberá a responsabilidade pelo domínio e extensão dos conhecimentos sobre os quais irão basear-se as experiências construtoras de novos conhecimentos pois é sua tarefa planejar as condições ideais para que se dê o desenvolvimento pleno dos alunos.

Portanto, ainda que haja críticas quanto à compreensão deweyana sobre a estrutura social e esta acabe também por aplicar-se em certa medida ao ambiente escolar, não devemos nos esquecer que suas ideias sinalizam para uma educação como instrumento de transformação social participando no “jogo político” da democracia para que as oportunidades de crescimento individuais sejam respeitadas e preservadas. Recordamos que o ideal de democracia vislumbrado por Dewey diz respeito a uma estrutura liberal que valoriza a sociedade por completo e não se restrinja a um grupo ou parcela específica como erroneamente fora interpretada o filósofo. Porém, tomado pelas leituras feitas das obras fundantes da filosofia de Dewey, parece haver uma incompreensão do seu pensamento em relação à maneira com que o filósofo aborda criticamente sua preocupação com respeito à sociedade pós industrial.

Há que pensar também que Dewey se posicionava, nas palavras de Cunha (1994), conforme a seguinte linha de raciocínio:

Quanto à educação, cabe-lhe o importante papel de trabalhar com os indivíduos que se encontram submersos nessa situação dicotômica (individualismo da era pré-tecnológica e a ordem corporativista), principal obstáculo para o pleno desenvolvimento da democracia. A missão da escola não é simplesmente refletir a sociedade em que se insere sem participar ativamente de sua reconstrução. Esse processo numa sociedade em transição exige que os educadores façam escolhas, que assumam posicionamentos políticos e sociais; a neutralidade, nesse caso, significa o fracasso da democracia. Dewey não crê que as escolas sejam, elas próprias, as construtoras de uma nova ordem social, mas acredita que elas possam se aliar aos movimentos sociais em benefício de uma sociedade melhor no futuro (CUNHA, 1994, p. 71).

Deste modo, corroboramos da importância do ambiente escolar para o desenvolvimento dos educandos tendo em vista que isto se opera de forma contínua. E, se este mesmo ambiente conseguir “[...] fornecer as condições que ponham em ação as aptidões do imaturo é certo beneficiar-se com isso o futuro que é produto do presente [...]” (DEWEY, 1959, p. 60). Neste sentido, com Dewey, acreditamos que

“Sendo grande a necessidade de preparação para uma vida em contínua evolução, urge empregarem-se todas as energias para tornar-se a experiência presente a mais rica e significativa possível” (DEWEY, 1959, p. 60).

Por isso, nos apropriamos da reflexão de Lins que nos ajuda a concluir que

A escola continua a ser cobrada e instigada pela Sociedade em qualquer época, a qual espera que cidadãos nela sejam formados para a construção tensa e dinâmica da Democracia, ao mesmo tempo que deve proporcionar aos alunos o significado de sua vida naquela fase em que estão (LINS, 2015, p. 42).

Portanto, destacamos que, para um aprendizado mais efetivo às necessidades individuais e coletivas no interior de uma sociedade democrática, recordamos que, para Lins (2015, p. 43) é de extrema importância que a escola deva ter um corpo docente de profissionais que saibam como ensinar, o que ensinar e para quem ensinar como parte de sua preocupação. Isso, se tiver como intenção, a atuação e eficácia no quadro do desenvolvimento e crescimento de seus educandos. Nesse sentido, a educação para a vida não pode limitar-se a ficar presa em eventos do passado como uma história contada por um sonhador.

Por fim, a contribuição da filosofia da educação de Dewey, como nos ensina Lins (2015, p. 44), se deve à honestidade de suas preocupações com os alunos, os professores e a sociedade inteira, de tal modo que as suas ideias possam transcender no espaço e no tempo, sendo passíveis de adaptações para hoje.

### 2.3 Implicações das ideias deweyanas na vida escolar: um exercício reflexivo

Após termos discutido as diferenças substanciais entre as propostas de educação seja ela de cunho formal ou tradicional e a apresentada por Dewey, sobretudo na obra *Experiência e Educação* (1971), o intuito nesse momento é percorrer um caminho de reflexão mais abrangente no que tange à possibilidade de uma discussão mais adequada às matérias de estudo e o aporte da ciência e de outros conteúdos escolares que, por sua vez, incentivam uma capacidade crítica na formação humana em detrimento apenas do convívio entre as pessoas e sua adequada preparação para a vida adulta.

É importante destacar que o percurso realizado pelos educandos é constituído por um caminho onde encontramos vínculos que congregam muitas lendas, tradições,

canções e liturgias como sinônimo de significações relativas a um grupo social, que buscam ser mantidos de forma permanente.

Contudo, à medida que o tempo vai passando e os conhecimentos são transmitidos, “[...] torna-se necessário gravar sobre os mais novos do grupo [o conjunto das significações]” (DEWEY, 1959, p. 200, acréscimos nossos). Isto também ocorre de igual modo no ambiente escolar onde “[...] ideias e padrões provenientes da experiência passada, o conteúdo da vida social vai-se formulando mais definidamente para intuídos de ensino” (DEWEY, 1959, p. 200) colaborando para “[...] extrair significações [...] sistematizando-as em um arranjo coerente” (DEWEY, 1959, p. 200).

Em suma, Dewey quer “[...] patentear a conexão e mostrar o conteúdo e a função social dos principais elementos componentes do curso de estudo ou currículo” (DEWEY, 1959, p. 200-201), demonstrando então, tais significações. Porém, para que isso possa acontecer de uma forma mais adequada, cabe primeiramente ao professor expor o conhecimento da matéria do estudo, que supera o conhecimento comum dos alunos ao mesmo tempo que fornece subsídios desenvolvidos para promover-lhes atividades de fixação. Isto é, as matérias de estudos podem traduzir em certa medida as significações da vida social dos alunos que fazem parte dos elementos da cultura que se deseja perpetuar de forma coordenada.

À medida que o professor procura, por meio de sua atividade docente, expor os conhecimentos das ideias concebidas no passado como resultado de alguma atividade. Esta, por sua vez, interfere naquilo que o educador busca compreender quanto à significação das reações dos jovens a fim de que, posteriormente, possa lhes fornecer os estímulos necessários para resultarem em algo útil. Ou seja, entendemos que a matéria de estudo, quando organizada, deveria representar o mais proveitoso fruto das experiências dos educandos. Obviamente, que tal afirmação não significa uma abordagem perfeita ou uma “[...] sabedoria infalível, mas é o melhor do que se dispõe para novas experiências ulteriores, que poderão, ao menos por alguns aspectos, vir a ultrapassar as realizações encarnadas nos conhecimentos” (DEWEY, 1959, p. 201).

Ainda assim, é importante destacar que as várias disciplinas ou matérias, sob o ponto de vista do professor, representam recursos eficazes que diferem, claramente, das experiências trazidas pelos estudantes. Enquanto para o professor o conteúdo é algo que está em posse de seu domínio de atuação e aplicação, em contrapartida, para o estudante se torna algo novo a ser aprendido, absorvido e assimilado às suas

experiências particulares. Mesmo assim, o professor deve estar atento à atitude mental e reações dos educandos, para que haja uma interação adequada a fim de atender as necessidades e aptidões do aluno.

Tal aspecto se torna fundamental quando “[...] a atitude habitual do professor seja a de interesse pela interação da matéria com a experiência pessoal do aluno” (DEWEY, 1959, p. 202). Essa percepção da conectividade entre as matérias de estudos com a experiência do aluno é facilmente compreendida no exemplo dado por Dewey (1959, p. 202):

[...] a casa da criança é o centro coordenador dos seus conhecimentos geográficos. Seus passeios na localidade onde mora, as viagens fora desta, as histórias contadas por seus amigos, fornecem os elos que prendem uns aos outros os seus diversos conhecimentos [...]. Mas a geografia do geógrafo [...], é organizada sobre a base das relações dos fatos uns com os outros – e não das relações com a sua casa, os seus movimentos corporais e os seus amigos.

Dewey acentua que, enquanto para o geógrafo a matéria é abundante e cuidadosamente concatenada, para quem está aprendendo a mesma matéria é fluida, escassa e associada às suas ocupações pessoais. Por essa razão, o filósofo diz que

O problema do ensino é conservar a experiência do educando a envolver em direção àquilo que o experiente, o culto, o especialista já sabe. Daí a necessidade de que o professor conheça tanto a matéria como as necessidades e capacidades do estudante (1959, p. 203).

A fim de elucidarmos a importância de se compreender o desenvolvimento da matéria para o educando no ambiente escolar, cabe ressaltar um princípio de associação desses ensinamentos com ações básicas e preliminares ao convívio mais abrangente dos estudantes. Para Dewey, antes de haver um contato inicial com os conteúdos escolares, todos nós, em certa medida, temos alguns movimentos que nos preparam e nos ajudam a nos desenvolvermos enquanto seres naturais e sociais tais como andar, falar, escrever, ler, andar de bicicleta, tratar com as pessoas e assim por diante.

Contudo, o filósofo identifica que há uma resistência em atribuir a essas atitudes uma importância apropriada haja vista que, em cada ação que fazemos manifestamos o uso do corpo como também a manipulação de determinados materiais. Mas, justamente, por essa correlação é que Dewey alerta para que a

matéria educativa não seja isolada das necessidades e objetivos dos educandos, caso contrário, ela será simplesmente um mero objeto de adorno e decoração, ou ainda em casos mais depreciativos, meros conteúdos de memorização, mas sem uso respectivo no ambiente extraclasse.

Dito de outro modo, cada matéria de estudo, no usufruto das situações expostas em sala de aula faz com que o que seja ensinado, possa ser assimilado e usado em momentos do cotidiano de tal maneira que os estudantes possam observar, analisar e aplicar os conteúdos mais adequadamente no curso da vida. A atribuição dos conhecimentos escolares no contato com a realidade nos habilita à associação do saber que é ilustrada por Dewey por variados sinônimos como atenção, apreensão, bom senso ou juízo, discernimento, enfim resumido, pelo filósofo como: “[A] Sabedoria jamais perdeu sua conexão com a conveniente orientação da vida” (DEWEY, 1959, p. 204, acréscimo nosso).

À medida que crescemos e ganhamos mais contato com diferentes conteúdos e conseguimos fazer a adequada associação de diferentes disciplinas por tempos históricos como também com o pensamento em voga naquele momento, tudo isso faz com que conheçamos e nos familiarizemos melhor com as informações recebidas, a tal ponto que

As coisas que melhor conhecemos são aquelas que mais usamos, como cadeiras, mesas, pena, papel, roupas, alimento, facas e garfos, para mencionarmos algumas de uso comum – ou outras coisas específicas de acordo com as ocupações de cada um (DEWEY, 1959, p. 204-205).

Esse uso constante de determinados objetos faz com que estejamos familiarizados e tal atitude provoca “[...] um senso de harmonia ou de amizade, de desembaraço e clarividência – ao passo que as coisas com que não estamos acostumados a lidar são estranhas, alheias, frias, remotas” (DEWEY, 1959, p. 205). Ao considerar o processo de aquisição de conhecimentos e, igualmente, as respectivas relações de uso adequadas às situações, os nossos modos de agir interferem e subentendem no contato com as coisas e também com as pessoas. Para isto, devemos observar a forma de comunicação e os hábitos de sociabilidade na manutenção das relações interpessoais eficazes, haja vista que a troca de experiências nos ajuda a ampliar o cabedal de informações e, conseqüentemente, a atuar de um modo tal que passamos a traçar uma delimitação das experiências

particulares, buscando uma associação em empreendimentos comuns, disso resultando na assimilação de experiências e interesses nestas trocas de contato com outras pessoas.

O aspecto da comunicação e da associação humana é de tal natureza importante que carrega em si um valor pedagógico com respeito ao material informativo resultante desta troca de experiências, que acabamos de enfatizar. Esse mesmo peso é atribuído no papel do educando na medida em que os conteúdos forem úteis e aplicáveis em alguma sua situação particular. Contudo, observamos algo bastante curioso numa afirmação de Dewey e que se encaixa perfeitamente em nossos dias.

A extensão, nos tempos atuais, da área de intercomunicações; a invenção de aparelhos e instrumentos para se conhecerem as partes longínquas do céu e os acontecimentos antigos da história; o barateamento dos meios, como a imprensa, para registrar e divulgar informações – verdadeiras ou pretensas informações – criaram um imenso volume de matéria comunicada (DEWEY, 1959, p. 206)

Se atribuirmos essa afirmação à nossa realidade e a velocidade com que as informações chegam até nós, em pleno século XXI, identificamos como Dewey já alertava não só ao volume de informações recebidas, diariamente, como até mesmo à capacidade de se confiar fidedignamente nos meios de comunicação. Se naquele tempo era a imprensa quem divulgava as notícias, já com certa incerteza, o que diríamos, hoje, com a intensidade de informações conhecidas como *fake news*, por exemplo, a ponto que também somos confrontados a consultar a *internet* para, exatamente, tomarmos nota sobre a veracidade ou não de determinados fatos ou falas.

Retomando o aspecto do conhecimento no âmbito escolar devemos considerar como conhecimentos ou saberes “[...] os registros de conhecimentos, independentes de sua função como resultados de investigações e recursos para ulteriores investigações” (DEWEY, 1959, p. 206). Isto quer dizer que, para o filósofo, os “cursos de estudos” sendo compostos por variadas informações distribuídas em disciplinas continua a ser o princípio básico da organização dos programas, desde as escolas elementares até as universidades.

Contudo, Dewey recorda a queixa apresentada por parte dos educadores referente ao saber que já não colaborava para a formação do caráter, nem tampouco

para o saber da memória, ou ainda para o acúmulo de conhecimentos informativos pois, em se tratando de um saber de segunda mão, “[...] tende a tornar-se meramente verbal” (DEWEY, 1959, p. 207). Por este motivo,

[...] na proporção em que o comunicado não possa ser incorporado à experiência existente de quem aprende, converte-se em *simples palavras*, isto é, em puros estímulos sensoriais, desprovidos de significação; nesse caso ele atua para provocar reações maquinais, a habilidade de utilizar os órgãos vocais para repetir as coisas ensinadas, ou de usar as mãos para escrever ou para fazer “resumos” (DEWEY, 1959, p. 207).

Encontramos em Dewey uma afirmação que pode ser identificada a determinados cenários de nossa realidade brasileira quando diz que “Os conhecimentos informativos são materiais em que nos podemos basear como estabelecidos, certos, seguros, em uma situação duvidosa” (p. 208), se observarmos que alguns setores da sociedade civil manipulam informações para prejudicar, ofender ou duvidar de alguns conteúdos divulgados por diversos meios de comunicação que temos na atualidade.

Para entendermos como tal ocorrência acontece basta observar a quantidade de informações são lançadas nos mais variados meios de comunicação e em que medida se necessita atuar como um filtro para que não haja a manipulação da população e repercutir em atitudes que desmereçam e coloquem em xeque a credibilidade do conhecimento, seja ele científico ou não, mas que, seja feita uma varredura quanto à origem das mesmas informações e verificar sua credibilidade e veracidade.

É importante salientar que muitas pesquisas científicas alcançam um grau de confiança e respeito dado ao fato de que são realizadas mediante experimentos para o teste de determinadas hipóteses e descarte de possíveis erros ou equívocos através de critérios de verificabilidade. Ainda assim, a ciência com seus métodos e seus instrumentos criados pela humanidade nos leva a refletir quando ocorrem perigos devido a um uso inapropriado destes mesmos artifícios na pesquisa científica.

Por outro lado, de um modo geral, “O que distingue a ciência não é a simples organização e sim a *espécie de organização*, efetuada com métodos adequados, das descobertas já submetidas à prova” (DEWEY, 1959, p. 210, grifo do autor). Ou seja, Dewey entende que, assim como para um agricultor, com a sistematização dos

conhecimentos primários e garantir uma colheita satisfatória a partir da prática coordenada no campo, a ciência também está pautada em uma organização sobre a base das relações entre meios e fins, porém o faz com rigor e método.

Ao pautarmos a relação entre meios e fins veremos que, igualmente, no âmbito das condições de vida social nem todas as pessoas encontram-se preparadas para os desafios que a vida pode instigar em uma cadeia de reações. Por esse motivo, Dewey enfatiza que “O plano de um currículo deve tomar em conta a adaptação dos estudos às necessidades da vida atual em sociedade; a escolha deve ser feita com o fito de melhorar a vida que levamos em comum” (DEWEY, 1959, p. 211). Não à toa que, ele mesmo reforça um pensamento que diz “[...] que a educação deve primeiro ser humana e depois profissional”.

Isto nos leva a recordar o que temos observado quanto ao cuidado que a educação deve ter a partir dos conteúdos repassados, pois, se falamos em uma educação democrática, Dewey alerta que

A democracia não pode florescer quando os principais critérios para a escolha das matérias educativas são os fins utilitários estreitamente concebidos para as massas, e, quando se escolhem para a instrução mais elevada dos outros poucos, as tradições de uma classe instruída especializada (1959, p. 212).

Deste modo, o peso que assim constitui um adequado e igualitário programa de estudos deve contemplar para o educando “[...] situações cujos problemas sejam relevantes para a vida em sociedade e em que se utilizem as observações e conhecimentos para desenvolver a compreensividade e o interesse sociais” (DEWEY, 1959, p. 212).

Como forma de explicitar a grande contribuição que o ambiente escolar promove enquanto experiência de vida social e aprimorar as aptidões dos educandos, a escola recorre a espécies de atividades como brinquedos, jogos e ocupações construtivas que estimulam os impulsos naturais da criança fazendo com que o aprendizado se torne mais fácil. Quando isso ocorre percebe-se uma clara redução artificial entre a vida dentro e fora da escola e, assim, surgem motivos para dar atenção aos processos educativos constituindo-se em interesses intelectuais e sociais.

Deste modo, espera-se que dentro da escola possa acontecer, mediante o uso de jogos e de outros instrumentos educativos, o fortalecimento como também um

desenvolvimento mental e moral dos educandos como preparo para a vida adulta, sobretudo, se pensarmos que antes deve “[...] manter-se vívida uma atitude criadora e construtora, do que assegurar-se um perfeito resultado exterior” (DEWEY, 1959, p. 217). Para o filósofo,

Quanto mais humano for o desígnio, ou quanto mais se aproximar dos fins providos de interesse da experiência cotidiana, mais real será o conhecimento. Quando o intuito da atividade se limita a verificar a existência dessas qualidades, o conhecimento resultante será meramente técnico (1959, p. 218).

O peso que as atividades ocupam no interior da escola é tal que o equivalente educacional com as ocupações de jogos e outros meios de instrução e capacitação provocam a manifestação de aptidões dos educandos e habilidades de natureza social aplicáveis a situações extraescolares. Além disso, em face à ênfase que sempre observamos na filosofia de Dewey voltada à experiência, reafirmamos que, para ele, “[...] por mais trivial que à primeira vista possa parecer, é capaz de assumir ilimitada riqueza de significação, amplificando sua série de associações percebidas” (1959, p. 239).

Assim, as atividades escolares que devem ser desenvolvidas no âmbito de um conhecimento científico representam o papel da inteligência, no que tange o ato de planejar e regular novas experiências desenvolvidas sistemática e intencionalmente, e nesse percurso se faz presente o aspecto da vida humana vinculada aos processos da natureza.

Por isso, ele destaca que a tarefa da educação é fazer com que as atividades escolares se manifestem de tal maneira que, a partir de condições favoráveis ao desenvolvimento intelectual dos educandos, as relações entre os conteúdos e sua conectividade com o ambiente externo à escola sejam cada vez mais possíveis.

No próximo capítulo, iremos trabalhar algumas contribuições e reflexões a partir da filosofia de Dewey referentes a questões resultantes do evento da pandemia que atingiu diretamente a todas as pessoas no trato das relações sociais e, também, no modo como isso alcançou, direta ou indiretamente, a linguagem.

### **CAPÍTULO 3 – CONTRIBUIÇÕES DE DEWEY DIANTE DAS QUESTÕES RESULTANTES DA PANDEMIA: EFEITOS SOBRE A LINGUAGEM**

Após termos analisado conceitualmente o pensamento de Dewey e sua influência para um ordenamento mais condizente a uma construção de relações entre a educação, a linguagem e a experiência para uma fundamentação do modo de vida democrático, cabe também refletir, a partir do evento da pandemia no ano de 2020, como tais conceitos ressoaram em desvelar problemas sociais oriundos da concepção de sociedade intitulada democrática. No entanto, tal ideal de estrutura social não se configurou com totalidade se avaliadas as situações que a emergência sanitária evidenciou para os cuidados da população e as maneiras com que governos se detiveram e trabalharam e auxiliaram as pessoas a enfrentarem tal pandemia de maneira mais segura e eficaz assegurando igualmente qualidade de vida e segurança social.

Assim, nosso intuito não se traduz em dar respostas prontas a alguns dos problemas sociais que identificamos no decurso deste ano de 2020 e que mostraram não só a fragilidade da natureza humana, mas, sobretudo, a necessidade de uma eficiente capacidade governamental de apoio e controle das situações emergenciais com maturidade e agilidade em favor do coletivo e não unicamente da economia. Por isso, ao mesmo tempo que iremos apontar alguns estudos a partir do temor causado pela pandemia e de como ela também evidenciou falhas e desestabilidade na estrutura social brasileira, nos preocupamos em averiguar como podemos encontrar em Dewey algumas provocações que levem à reflexão mais que a uma resposta única.

Deste modo, os pontos elencados a serem trabalhados foram pensados a partir de questões latentes e presentes que levaram a um constante debate frente ao modo como a pandemia tem sido encarada e administrada pelas diversas autoridades civis e sanitárias e a repercussão que, a depender da forma como ela poderia ter sido melhor analisada faria com que a grande sociedade brasileira em sua diversidade regional e problemas sociais crônicos enfrentaria com maior segurança e firmeza tal evento.

Na sequência, iremos trabalhar, como dissemos anteriormente, com alguns elementos que julgamos pontuais para avaliarmos segundo a perspectiva deweyana em um âmbito socioeducacional.

### 3.1 Isolamento social

Como temos visto ao longo do ano de 2020, o mundo esteve envolto em torno de uma brusca alteração das rotinas diárias que foram ocasionadas em razão do evento da pandemia do Covid-19. Dentre as medidas adotadas por inúmeros governos, seja o brasileiro como de outros países, destacamos a adoção do isolamento social. Tal medida causou um grande impacto social e individual, seja no aspecto biopsicossocial como também em termos dos ânimos e das respostas comportamentais que modificaram a relação das pessoas mais próximas, tanto no campo profissional como também no campo familiar e das demais relações interpessoais.

É verdade que a pandemia exigiu uma readequação às normas de relações sociais, sobretudo, porque do ponto de vista ao analisarmos a realidade da sociedade brasileira, a pandemia revelou uma face obscura e indigesta das condições socioeconômicas que foram causadas à mercê das desigualdades que foram expostas de forma mais evidente nas regiões mais periféricas dos grandes centros urbanos.

É difícil dizer o que um evento atípico como a pandemia pode deixar como aprendizado a não ser o caráter de marginalização e forte estratificação social que ressaltou a necessidade de se reavaliar as políticas públicas para atender, assistir aos mais vulneráveis no acesso a essas mesmas políticas públicas tendo em vista que se compromete o desenvolvimento humano, social, educacional, e de modo particular, no âmbito da saúde.

O efeito do isolamento social foi de tamanha proporção se avaliarmos que esse momento da história está sendo bem desafiador para os sujeitos geradores de grande impacto na saúde física e mental, pois é um momento onde as pessoas tiveram que se distanciar dos seus ciclos gerando medo, solidão, incertezas e até problemas psicológicos como ansiedade, estresse e depressão. É importante destacar que o isolamento social buscou reduzir a transmissão do vírus e frear a rápida evolução da pandemia. Ainda na tentativa de conter o avanço da pandemia foram adotadas outras medidas na visão macro como fechamento total de escolas, universidades e templos religiosos, proibição de realização de eventos das mais variadas espécies, proibição de viagens interestaduais e até intermunicipais na tentativa de evitar aglomerações e, assim, evitando que a doença fosse disseminada de forma mais rápida e sem controle.

Contudo, cabe recordar que a medida adotada ainda que pareça de fácil assimilação, existe no Brasil um agravante que tem dificultado o processo de isolamento que são as desigualdades sociais e regionais, pois conta com uma população de pessoas pobres e extremamente pobres, e são essas pessoas que têm que sair de casa em busca da subsistência para si próprias e seus familiares aumentando o risco de contaminação e transmissão do novo Coronavírus.

Dessa forma, ao ser colocado em prática o isolamento social, durante a pandemia, acabou por aumentar as chances do aparecimento do sofrimento em grande parte da população, que é mediado por outras preocupações como: problemas ligados à economia, à divulgação desmedida de notícias, entre outras questões aplicadas à realidade de cada pessoa em seu cotidiano.

Por essa razão, se torna complexo pensar nas relações humanas sem a interação que é algo que, se pensarmos na filosofia de Dewey, constitui parte fundamental do processo de troca de conhecimentos, como também, é exatamente o meio social que interfere na maneira em que as pessoas lidam com as adversidades e, igualmente, expressam suas opiniões. Nesse sentido, podemos tomar em conta que “O meio social em que o indivíduo vive, move-se e manifesta sua atividade, esse é o agente constante e eficaz para orientar-lhe a atividade” (DEWEY, 1959, p. 30). Isto é, cada pessoa que sofre, direta ou indiretamente, no tocante às suas atividades cotidianas, no presente, tiveram uma forte quebra das interações entre seus familiares, colegas de trabalho e também em outros círculos sociais.

Contraditoriamente, estando limitados a circular em grandes aglomerações e em seus locais habituais de convívio social, as pessoas foram fortemente impactadas no aparecimento de algumas doenças como ansiedade, crises de pânico, baixa autoestima, entre outros problemas de comorbidade acentuados em pessoas com histórico familiar de doenças. Mas, se pensarmos o impacto que a pandemia também provocou nas crianças também se identificou que elas também ocasionaram crises de ansiedade, forte irritabilidade, consumo exagerado de comidas ricas em gorduras, entre outros efeitos que destacou a necessidade de se trabalhar os aspectos psicológicos do evento para que as crianças pudessem ter lidado de uma forma mais adequada com a pandemia.

O impacto do isolamento social entre as pessoas possui um forte significado pois, podemos entender que no certame das interações encontramos também a

questão do interesse em estabelecer relações e, assim, manifestar-se em favor da participação coletiva.

A certa distância está um homem a brandir desesperadamente os braços. Se nos conservarmos indiferentes, esses movimentos equivalem a uma remota mudança física que casualmente notamos. Se não nos despertar interesse, aquele brandir de braços nos será tão sem significação como os giros das asas de um moinho. Mas se nos despertar o interesse começaremos a participar da ação (DEWEY, 1959, p. 34).

Em outras palavras, Dewey quer dar a entender que “[...] os indivíduos vivem em um mundo [interagindo] em uma série de situações” (DEWEY, 1971, p. 36, acréscimo nosso). Isto quer dizer que

Os conceitos de situação e interação são inseparáveis um do outro. Uma experiência é o que é, porque uma transação está ocorrendo entre um indivíduo e o que, ao mesmo tempo, é o seu meio, podendo este consistir de pessoas com quem esteja conversando sobre certo tópico ou acontecimento, o assunto da conversa também constituindo parte da situação (DEWEY, 1971, p. 36).

A partir da realidade factual da pandemia vivida, se faz necessário que cada ação que venhamos a tomar em vista da realidade - que não só o país enfrenta, mas toda a humanidade - que é ameaçada por um vírus, deve nos fazer agir de um modo que favoreça a todos para a conservação da vida humana, independentemente de critérios sociais, econômicos, religiosos, filosóficos, mas única e exclusivamente, pelo bem da coletividade que se encontra à mercê de uma ameaça constante e imprevisível de se obter uma solução efetiva.

Além disso, é importante recordar, no presente momento, que é a pandemia do Covid-19, o fator mais urgente que implica em mudanças radicais nas vidas das pessoas gerando decorrências na esfera psicossocial ultrapassando, muitas vezes, a capacidade de enfrentamento daqueles que estão vivenciando tal situação. A partir da atitude de governadores e prefeitos em decretar o isolamento social, não se pode deixar de observar que ocorra um aumento das incidências de sintomas psicológicos levando em consideração a magnitude da problemática vivenciada, o grau de vulnerabilidade de ordem social, econômica e psicossocial, o tempo e a qualidade das ações psicossociais antes e durante a epidemia.

Entendemos que o isolamento forçado, em algumas situações particulares, pode conduzir a sentimentos de solidão. Entretanto, há que adotar medidas que inibam surgimento desse sentimento e os fatores de riscos ligados ao confinamento, e considerarmos que as pessoas estão em constante contato físico e que mediante essa interação ocorre a naturalidade de objeções e exposição de pensamentos. Porém, ao ter uma ruptura de contato, as pessoas se encontram cerceadas de uma forma de comunicação mais próxima e mais personalizada.

Contudo, as variadas formas de comunicação, entre elas, as redes sociais tiveram forte impacto para a continuidade da relação familiar e profissional, além de outros laços de afetividade, que fizeram reavaliar e rever o alcance que todos tenham acesso a essas tecnologias. Mas, ainda assim, nem todos possuíam as mesmas facilidades que uma grande maioria para manter contato com os familiares tendo em vista que alguns foram forçados a permanecer durante algum período da pandemia exatamente encarcerado no interior de sua casa, isolados para garantir a segurança da própria saúde e ter a oportunidade de poder reencontrar aos familiares e amigos.

Nesse sentido, ressalta-se a importância da construção das redes de contatos, embora seja processual e dinâmica, mas que envolve tanto a família como os amigos, os vizinhos, a comunidade, assim como, há as redes formais das organizações de saúde, assistência, educação, entre outras. A partir de todos os círculos sociais envolvidos, deverá ocorrer diferentes formas de redes de relações, tal como: as redes primárias, que são formadas pelas famílias e laços sociais mais estreitos, e, as redes secundárias, desenvolvidas no âmbito das organizações sociais, de modo a articular e fortalecer as relações interpessoais. Tudo isso pode se apresentar também na forma virtual que, em situação de pandemia, tem sido a modalidade mais aconselhada e aceita por um número maior de integrantes.

### 3.2 Educação escolar na modalidade remota

Outro ponto de extremo cuidado e atenção que observamos na filosofia de Dewey diz respeito à sua preocupação com a forma com que a educação é avaliada e identificada por modelos distintos de formação educacional. Como temos trabalhado ao longo dos capítulos anteriores, a educação é um importante recurso de preparação para a vida e isto parte desde as experiências primárias trazidas ao meio escolar. Posteriormente, tais experiências são aprimoradas e reconstruídas no ambiente

escolar, com o apoio e esclarecimentos do professor mediante determinados instrumentos e meio adequado de aprendizagem, como as matérias de estudo e atividades de investigação. Assim, o estudante pode obter uma melhor compreensão de determinados temas e assuntos a partir da troca interpessoal e comunicação, seja no ambiente interno ou externo da escola.

Como salientamos nos capítulos anteriores, a ênfase para o papel fundamental da educação está na dimensão com que as experiências podem contribuir ou não, em termos educativos, para a consolidação da maturidade do indivíduo e seu crescimento permanente, pois, para Dewey, “[...] experiência e educação não são termos [equivalentes], pois existem experiências que são deseducativas” (DEWEY, 1971, p. 14) e, em consequência desta possibilidade, podem produzir “[...] dureza, insensibilidade, incapacidade de responder aos apelos da vida” (DEWEY, 1971, p. 14). Por essa razão, o filósofo ressalta que é importante avaliar o princípio do “continuum experiencial” em que “[...] toda e qualquer experiência toma algo das experiências passadas e modifica de algum modo as experiências subsequentes” (DEWEY, 1971, p. 26). Em outras, palavras, “Cada experiência é uma força em marcha. Seu valor não pode ser julgado se não na base de para que e para onde se move ela” (DEWEY, 1971, p. 29).

Assim, podemos dizer que no setor educacional com o aparecimento inesperado da pandemia muitos setores foram atingidos, entre eles, o da educação escolar, exigindo uma adaptação inédita e uso intensivo de recursos audiovisuais a fim de manter o acesso à educação aos vários estudantes em seus variados níveis de escolaridade.

Como dissemos anteriormente, o distanciamento social impactou diretamente na vida de todos os brasileiros, especialmente na educação, causando o afastamento presencial de professores e alunos. Não se pode negar que a pandemia ocasionou que milhares de estabelecimentos de ensino estejam com suas atividades presenciais suspensas ou, em algumas exceções, com atividades extracurriculares semipresenciais. Apesar do fato ser terrível para muitos, e estar prejudicando o ensino e a aprendizagem, a suspensão das aulas é medida essencial para se evitar a propagação da contaminação, tendo em vista que a escola é um ambiente de natural contato. Por essa razão, tomando as medidas sanitárias necessárias, há a percepção coletiva das autoridades, gestores e professores de que a educação não pode parar

e surge, então, a necessidade da adaptação e da superação por parte de professores e alunos.

Como medida de assegurar a continuidade das atividades escolares, houve a necessidade de se adequar as aulas em um ambiente diferente do habitual por milhares de estudantes, sejam eles das redes municipal, estadual e no âmbito da educação superior, por meio do ensino à distância, melhor dizendo, remota. A primeira modalidade de ensino foi oficializada e empregada desde 2005 e ocorre quando a mediação didático-pedagógica nos processos de ensino e aprendizagem se faz com a utilização de meios tecnológicos e de comunicação, com pessoal qualificado, também com acompanhamento e avaliações compatíveis e que contribuam para alunos que estejam em lugares distintos e tempos diversos. Obviamente que esse recurso muitas vezes foi propagado a fim de favorecer a educação às pessoas que não possuíam condições de estarem presencialmente em uma instituição de ensino devido ao distanciamento regional e, também, foi projetado com a finalidade de favorecer aos interessados na educação fossem adaptados conforme às demandas pessoais de cada indivíduo, não somente por questão de localidade, mas também por questões profissionais enquanto fatores impeditivos para a educação presencial.

Porém, se avaliarmos as condições estruturais não só das escolas, mas também e, de modo especial, de professores e alunos, a pandemia evidenciou uma grave falha na melhoria de disseminação das disciplinas, matérias aos estudantes. Nesse sentido, tendo em vista que muitos dos estudantes das escolas públicas não possuem um celular com internet em velocidade considerada razoável para que possam ter acesso de qualidade às videoaulas que os Estados e municípios tiveram de organizar respeitando as etapas e conteúdo específicos a cada turma.

Em momentos como os que estamos vivenciando, em pleno século XXI, torna-se necessário repensarmos a educação e todos os seus processos. Vemos a educação sendo modificada pela adaptação, um tanto forçada, do professor e do estudante, através do uso de diversos programas, aplicativos, ferramentas que passaram a ser utilizadas na educação para a continuidade das atividades educacionais.

A preocupação pela educação é um dos elementos que constituem a filosofia de Dewey na centralidade de seu pensamento e no tocante a isto, observamos que o filósofo explicita em suas obras que a educação é um vetor de transformação das realidades existentes. Sobretudo, por ser um fator por excelência de transformação a

partir do lugar em que o educando se encontra, permite assim, que possa avaliar e reconstruir as suas experiências. Também, o ambiente social pode assim ser melhor compreendido, fazendo-o com que todos reflitam acerca das maneiras com que as situações vividas são confrontadas e as soluções forjadas em vista do atendimento às necessidades e em favor da coletividade. Por isso,

A educação é o processo da renovação das significações da experiência, por meio da transmissão, acidental em parte, no contacto ou no trato ordinário entre os adultos e os mais jovens, e em parte intencionalmente instituída para operar a continuidade social (DEWEY, 1959, p. 354).

Ao participarmos de uma estrutura social e de um modo de vida, espera-se que a sociedade em que vivemos se desenvolva com critérios para que haja um adequado e igualitário desenvolvimento humano. Sob esse ponto de vista, Muraro, pode nos ajudar a compreender a força que possui a educação para uma efetiva consolidação de vida democrática, a partir de três ideias fundantes presentes na filosofia de Dewey:

[...] primeira, a experiência de vida é o campo empírico de origem do pensamento, segunda, o ato de pensar implica em originalidade que é a transformação experimental de uma situação; terceira, aprender a pensar que é a principal função da educação e é condição de possibilidade para a vida democrática; terceira, a vida democrática não é repetição de fórmulas ou aplicação mecânica de conhecimentos memorizados, mas contínua reconstrução da experiência compartilhada na qual a experiência acumulada (conteúdos) são imprescindíveis (MURARO, 2012, p. 6)

Em virtude do momento em que vivenciamos ao longo de 2020, ficou claro que o isolamento social causado pela Covid-19 pode ter oportunizado muitas pessoas à condição de reflexão e ao pensamento da necessidade mais efetiva de se considerar um ser social e histórico, pensante e capaz de encontrar uma saída para a situação da pandemia mediante recursos e instrumentos a fim de colaborar para com a manutenção da vida e da existência humana tão fragilmente ameaçada. Mas, nos preocupamos, em contrapartida, com a pauperização a que muitas escolas estão submetidas, não podendo realizar o que o nosso autor apontou como sendo o papel da escola<sup>3</sup>. Além disso, a questão da desigualdade social em nosso país, por exemplo,

---

<sup>3</sup> Consultar nesta dissertação à página 67, no item intitulado “O papel da escola em um cenário democrático e a importância de uma atuação responsável e educativa dos professores”.

constituiu-se num fator impeditivo para o usufruto, em muitos casos, do bom trabalho que muitas escolas se esforçam em realizar.

Como os noticiários diários explicitaram a dura realidade das instituições de ensino, a educação em modalidade remota acabou por evidenciar a necessidade de uma forte reestruturação para atender a demanda dos estudantes com o acesso a uma base de informações, sobretudo, com acesso à internet para democratizar a todos conteúdos adequados a complementar e reforçar o que fora ensinado por meio de videoaulas, mas, também, a exigência de uma qualidade ímpar para atrair a atenção e a didática para com os alunos.

Além disso, o contato mais exigente com a demanda pelas novas tecnologias, uma vez que algumas pessoas não detinham um domínio claro desses recursos, causou em muitas pessoas um certo sentimento de estranhamento. Aos que nunca haviam tido a necessidade de utilizar de recursos audiovisuais ficou o aprendizado gradativo e, de certo modo, impositivo, tornando muitos professores novos aprendizes dessas tecnologias de informação e comunicação para a continuidade das atividades escolares. Contudo, a tecnologia expôs a urgência para acelerar uma capacitação dos professores para uso de novas tecnologias quanto ao preparo em regime remoto das aulas para garantir a mesma qualidade dos conteúdos e assistência aos alunos que sentiram o impacto e maiores dificuldades no acompanhamento das aulas na modalidade remota.

Deste modo, entendemos que é natural que a educação pós-pandemia irá passar por um certo “estranhamento” entre o presencial e o EAD ou ensino em modo remoto. Por isso, há de se considerar que a volta aos moldes de ensino presencial será gradual, com o retorno gradativo dos alunos para a sala de aula, havendo a necessidade da continuação do emprego de tecnologias. Ficamos a pensar o que Dewey diria sobre essa situação inédita. A nosso ver, uma educação voltada, em primeiro lugar, à formação humana, sem desconsiderar os aspectos profissionais mais avançados, preocupando-se com os excessos tecnológicos seriam aspectos que estariam em sua agenda.

---

Como nos recorda Dewey, em sua obra, *Experiência e educação*: “[...] educar significa transmitir às gerações mais novas os valores e as experiências vivenciadas socialmente, cuja base de transmissão efetua-se por meio da comunicação dos mais velhos para os mais novos, através dos procedimentos de pensar, de sentir e de agir humanamente” (DEWEY, 1979, p. 10).

Por essa razão, o impacto causado pela modalidade de ensino remoto faz pensar no quanto as comunidades educativas necessitam ser acompanhadas de perto a fim de atender as demandas que a educação cada vez mais lembra que as condições socioeconômicas das localidades das escolas reverberam igualmente nas condições socioeconômicas dos estudantes. Sobretudo, porque se levarmos em consideração a forma com que a vida social de algumas comunidades locais se encontra envolvidas também na dinâmica em que a estrutura educacional é reflexo do cuidado que as autoridades de cunho político deveriam adotar com maior atenção para com a manutenção das comunidades educativas.

### 3.3 Democracia

Dentre as grandes preocupações que encontramos na filosofia de Dewey diz respeito à efetivação de um modo de viver que favorecesse a todas as pessoas, independentemente de sua condição, sexo, raça, credo, enfim, toda e qualquer característica humana. Dewey apontava para a possibilidade de que a sociedade alcançasse um grau de comprometimento com a democracia como um estado de vida adequado para a realização e concretização da vida humana em processo de crescimento.

A democracia, para o autor, mais do que uma forma de governo, é uma forma de vida associada; de experiência conjunta e mutuamente comunicada. Isto fica mais explícito ao tomarmos a seguinte afirmação na obra *Democracia e Educação*: “[...] uma sociedade é democrática na proporção em que prepara todos os seus membros para com igualdade aquinhoarem de seus benefícios e em que assegura o maleável reajustamento de suas instituições por meio da interação das diversas formas da vida associada” (DEWEY, 1959, p. 106).

Deste modo, o filósofo preocupa-se que tal sociedade deve adotar um tipo de educação que propicie aos indivíduos um interesse pessoal nas relações e direção sociais e hábitos de espírito que permitam mudanças sociais sem ocasionar desordens. Ou seja, construir ou aprimorar a sociedade democrática por intermédio da educação.

Por essa razão,

A crença de Dewey era que, à medida que a escola formasse pessoas diferentes, estaria contribuindo para a mudança da sociedade. Se a estrutura interna da escola e as matérias de estudos, com seus respectivos conteúdos, fossem orientadas para um modelo democrático, a sociedade reproduziria esse modelo. Neste sentido, a educação passou a ser vista como via de desenvolvimento social e como instrumento de equalização (GALIANI; MACHADO, 2004, p. 22).

Assim, entendemos que Dewey, ao ter um contato direto com as realidades de seu tempo, era um homem bastante sensível ao lado trágico da vida humana, muitas vezes ameaçada por desigualdades estruturais de ordem econômica e social, mas sustentava que está em nossas mãos conquistar uma vida mais satisfatória. Isso pode ser feito de forma inteligente pelo uso de processos que produzam resultados desejados, que ajudem a resolver os problemas enfrentados por muitas pessoas e que diminuam os aspectos indesejados transformados em obstáculos para o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade.

Quando abordamos a problemática enfrentada por toda a humanidade, no que diz respeito à pandemia, entra em ação o processo de se analisar o problema em evidência e gerar “[...] a investigação reflexiva, operação que necessariamente é original na medida em que leva a reconstruir as crenças e solucionar a situação problemática, produzindo, assim, o conhecimento” (MURARO, 2012, p. 5). Dewey já afirmou que pensa na escola como uma sociedade em miniatura, pois, através dela, os estudantes podem fazer a experiência de realidades que são encontradas no convívio maior entre os diferentes grupos em suas comunidades. Pois é preciso pensar que, no interior de uma sociedade democrática, “[...] a condução da solução dos problemas pressupõe a mediação do diálogo. Defende aqui a prática da discussão – troca de ideias, experiências entre os componentes da classe – como o mais fidedigno pré-requisito (MURARO, 2012, p. 9).

Por esse motivo, o autor, aqui em destaque, defende que a democracia mais que uma forma de governo, trata-se de uma forma de vida associada em que haja a abertura para uma experiência conjunta, ampla e mutuamente comunicada entre os cidadãos. E tal modo de vida de sociedade democrática “[...] está baseada na comunicação, cooperação e livre interação entre todos os indivíduos envolvidos nos problemas e não no uso da força para solucionar os conflitos (MURARO, 2012, p. 10).

Além disso,

A ideia de sociedade democrática só se pode aplicar [...] a todos os membros quando há mútua cooperação entre os homens e quando existem convenientes e adequadas oportunidades para a reconstrução dos hábitos e das instituições sociais por meio de amplos estímulos decorrentes da equitativa distribuição de interesses e benefícios, ou seja, uma sociedade verdadeiramente democrática (SCHMIDT, 2009, p. 140).

Deste modo, só é possível pensar em uma vida social democrática se esta for um esforço e empenho voluntário. Ainda que, à luz do contexto pessoal de Dewey, sua vida tenha se desenvolvido em um ambiente propício (família, religião, escola, universidades, governo) o caminho para se alcançar a democracia não é fácil. Por isso, entendemos que a defesa que Dewey faz pela educação seja por considerar que esta ajuda a desenvolver os hábitos e atitudes democráticos. Desta forma, a democracia e a educação constituem o equilíbrio da balança da vida social.

Quanto à pandemia, o aspecto da democracia não foi totalmente contemplado com respeito à dignidade humana, haja vista que as posições contrárias de alguns governantes deixaram que as ideologias aflorassem as oposições e isso repercutisse na forma com que as políticas públicas de saúde fossem administradas de um modo que o problema foi deixado à mercê da incapacidade de se estabelecer um diálogo que levasse em consideração a valorização da vida humana, não encarando como meros mecanismos de manipulação de informações ou declarações absurdas, ou ainda, em casos mais inescrupulosos, um trampolim eleitoral antecipado, totalmente inadequado.

Como exemplo, podemos refletir acerca da participação das pessoas no durante o período da corrida eleitoral, onde, ainda que, em plena pandemia, os candidatos promoveram atos de aglomeração nas regiões de muitas cidades evidenciando atitudes de contradição em discursos e ações. Além disso, a manipulação de informações ressaltou a forte polarização que manifestava as posturas e ideologias políticas. Diante do exposto, como pode haver a defesa da democracia quando o interesse da população a fim de serem garantidas as condições para que variados setores e problemas vivenciados pelas pessoas fossem solucionadas com plano político que atenda às demandas sociais, econômicas, entre outras?

Por isso,

Dewey, assim, defende a democracia como único meio eficiente e pacífico de mudança social e acredita que o capitalismo poderia ser mais justo, mais humano e mais solidário. A democracia defendida por ele deveria acontecer no âmbito econômico, político e social, dependendo, para que se efetivasse de uma assimilação consciente e da vivência democrática. Esta ocorreria por meio de um sentimento que duraria para sempre e cabe à educação o papel fundamental, como agente formadora, no desenvolvimento deste sentimento (GALIANI; MACHADO, 2004, p. 24).

### 3.4 O cuidado com a disseminação de *Fake News*

Com o advento da pandemia, a comunidade humana, especialmente, em nosso país, viu-se novamente confrontada a rever não somente a forma de contato, como também, a forma de comunicação entre as pessoas. As informações, por princípio, foram sendo divulgadas a fim de garantir uma melhor adequação e preparação para o que estava acontecendo em todo o mundo.

A História atesta e confirma que as ditas formas de comunicação, desde a pré-história, remontam desde os desenhos realizados no interior das cavernas à moderna conversação via era da *internet*, especialmente potencializada na pandemia. Tal fato histórico é comprovado pela própria inteligência humana: a comunicação é inerente ao instinto do *homo sapiens* e não existe sociedade organizada no mundo que não utilize os códigos da fala e da linguagem.

Quando observamos a dimensão da linguagem na filosofia de Dewey, esta se apresenta como instrumento de disseminação e estabelecimento de diálogos que venham contribuir para uma construção sólida e comunitária quanto ao modo democrático e também para que cada pessoa, partícipe da vida social, tenham a oportunidade de expor suas ideias, posturas e, assim, “[...] o meio social cria as atitudes mental e emocional do procedimento dos indivíduos fazendo-os entregar-se a atividades que despertam e vigorizam determinados impulsos, que têm determinados objetivos e acarretam determinadas consequências” (DEWEY, 1959, p. 18).

Ao longo do ano de 2020, muitas informações e notícias foram postadas nas mídias sociais, o que conduziu a diversos compartilhamentos, criando uma rede com conteúdo e pseudoinformações, conhecidas como *Fake News*. Em tempos de avanços tecnológicos, estas notícias falsas são veiculadas nas redes sociais, de forma rápida e multiplicada entre a população, que, em linguagem metafórica, pode-se

entender como um vírus que contamina a comunicação e promove ações e comportamentos contrários às orientações das autoridades técnicas no campo da saúde. Além disso, o ataque à democracia se torna refém dessa atitude nociva em pulverizar *Fake News* sem qualquer fundamentação o que acarreta, exclusivamente, no aumento da polarização política que divide a sociedade comprometendo os cuidados necessários para com a população.

Enquanto a disseminação de notícias se espalha, em torno de especulações, temos de voltar nosso olhar para o ser humano e sua complexa engenhosidade no que diz respeito ao aspecto emocional e o racional para lidar com a variedade de informações e a sua veracidade a fim de que não incorra em distribuir falsas verdades, utilizando-se de coerência operacional dos sistemas argumentativos que construímos na linguagem, para defender ou justificar nossas ações.

No entanto, observamos que em vários momentos cruciais da sociedade brasileira, foram utilizados

“[...] nomes de autoridades da área do conhecimento articuladas às instituições de pesquisa renomadas, mas com uma linguagem possível de entendimento voltada para os leigos no campo da pesquisa ou de um leitor desavisado. [Assim, as pessoas], ao consumirem e compartilharem sem a devida averiguação da concretude da informação, tomam condutas equivocadas de quem plantou a Fake News, fazendo cumprir a aplicação da técnica AIDA (Atenção, Interesse, Desejo, Atitude), quiçá, pelo uso de óculos especiais para ter o efeito de real na pseudoinformação” (NETO, M. *et al*, 2020, p. 5, acréscimos nossos).

O risco iminente do contágio de Covid-19 levou algumas pessoas a tomarem uma série de medidas para assegurar a continuidade de suas atividades, seja em regime *home office* ou em regime de escalas. A pandemia e a pulverização de falsas informações favoreceram um surto viral contaminado o senso comum e evaporando a segurança de toda a sociedade de um dia para o outro. Por essa razão, a partir do momento que inúmeras comunicações e declarações foram sendo veiculadas pelos diferentes meios de comunicação, o evento da pandemia fez alterar nossos relacionamentos interpessoais e repensar o contato entre as pessoas de nosso convívio e adotar uma postura segundo a qual a melhor maneira de sermos solidários uns com os outros, seria isolarmo-nos uns dos outros e nem sequer nos tocarmos, transformando-se em uma estranha comunhão de destinos.

Com o compartilhamento das *Fake News*, as evidências científicas passaram a ser questionadas no campo da política por alguns governantes, o que expõe a população à propagação de condutas inadequadas. Isto colocou a segurança sanitária das populações, não só no Brasil como em outros países cujos governantes duvidavam das necessidades de cuidados sanitários a fim de se evitar uma propagação e um grande número de mortos em virtude do Covid-19. Tal situação, certamente, provocou em muitas pessoas a angústia, o desequilíbrio emocional, as crises de ansiedade, a depressão, e inúmeros outros problemas de saúde derivados da veiculação em massa de falsas informações, desconstruídas com o aporte científico. Nada mais contrário à posição deweyana frente à Ciência e à investigação que, para ele, significa o aporte mais confiável para a conquista do “pensamento reflexivo”, a melhor maneira de se pensar.

A atitude de questionar a eficácia da ciência ao buscar uma solução segura para amenizar os impactos sanitários da pandemia além de irresponsável deixa as pessoas cada vez mais vulneráveis e dissemina atitudes comprometedoras para com a comunidade humana que vive o momento delicado para sua manutenção e sobrevivência.

Infelizmente, a pandemia do Covid-19 não é a primeira ameaça, mas se tornou tão ou mais devastadora que outras que a antecederam, como, por exemplo, a gripe espanhola, no início do século XX. Em relação ao vírus, em plena pandemia, ao possuir característica adaptável e flexível, sendo possível o seu contágio ocorrer em qualquer humano, independentemente de classe, idade, condições físicas, psicológicas ou educacionais, provocou impactos em grande escala, entre os quais o alto número de desempregos, fechamento temporário de estabelecimentos comerciais, academias, escolas, universidades e fez gerar para parte dos estudantes uma educação tecnológica advinda desse desenvolvimento técnico-econômico. Tal educação é considerada flexível por grande parte das instituições de ensino, mas ausente da presença humana e da troca de percepção concreta da realidade entre as pessoas em situação de debate, discussão, diálogo, investigação coletiva, frequentemente utilizando *práxis* distorcidas.

Enquanto inúmeros discursos são construídos e tecidos por diversas autoridades, “Os debates culturais, políticos e ideológicos do nosso tempo têm uma opacidade estranha que decorre da sua distância em relação ao cotidiano vivido pela

grande maioria da população, os cidadãos comuns (SANTOS, 2020, p. 10). Deste modo, ao termos contato com a realidade desta pandemia,

“[...] a luz dos mercados empalidece, e da escuridão com que eles sempre nos ameaçam se não lhe prestarmos vassalagem emerge uma nova claridade. A claridade pandémica e as aparições em que ela se materializa. O que ela nos permite ver e o modo como for interpretado e avaliado determinarão o futuro da civilização em que vivemos” (SANTOS, 2020, p. 10).

Por isso, há que se recordar que as *Fake News* são temporárias para determinados assuntos, mas frequentes na variedade. Ainda assim, elas atraem aos que as disseminam, mas possuem sobrevida curta, tal como o fazem os comunicadores em seus diversos meios de propagação das notícias e informações até que outro assunto seja mais interessante para a indústria e/ou comércio das informações, visando aos leitores estimular a formação de opinião pública e o uso desenfreado das redes sociais como seus ávidos consumidores.

Deste modo, é importante destacar o papel que a educação pode contribuir para minimizar os impactos negativos que a disseminação de falsas informações possam manipular as pessoas e fazer assim que elas venham a tomar atitudes contrárias àquelas recomendadas por várias autoridades sejam elas políticas, científicas e, sobretudo, no âmbito da formação do pensamento crítico. Assim, reforçamos que, sem o cuidado que a educação oferece para ajudar a formar o senso crítico dos alunos e de seus familiares, os efeitos nocivos da pandemia poderiam ser muito mais perigosos e desestabilizadores.

É preciso ter cuidado para com a velocidade da disseminação de *Fake News* que percorrem as diferentes mídias e, como elas, por sinal, ocasionar influência quanto à forma de como o processo democrático de diferentes países (sejam eles grandes potências mundiais ou de periferia) se constitui. Isso parece uma servidão empreendida pela disseminação veloz de informações e pelo uso vicioso das mídias, potencializando a submissão e a dominação tornando, por sua vez, que os indivíduos sejam feitos reféns avaliados em um certo grau de desempenho e eficácia.

Em contraposição a essa atitude, por sua vez, o acesso igualitário a bens e serviços sociais e a construção de uma sociedade pautada pela discussão e por um formato de colaboração que propicie a resolução de problemas coletivamente, bem como a definição e a busca de objetivos em conjunto, acabem por se tornarem meras

abstrações, quase uma ilusão. A educação, contudo, é apontada como a forma de superar esses limites, uma maneira de se pensar e planejar, com esperança, um futuro com mais justiça e igualdade, especialmente em momentos extremos.

Por isso, é importante sempre lembrar que diante do momento de atenção que estamos vivenciando, uma adequada educação para a formação de pensamento crítico, faça entender que

[...] o interesse em comum e a valorização de diferentes formas de participação na construção da ordem social democrática como fatores de regulação social, aliadas à cooperação e ao ajuste social a demandas novas, são cruciais para a democracia. Essa experiência comunitária de trocas e negociações em busca de um progresso social, baseado não somente em um formato governamental, mas também em uma experiência coletiva demandaria uma articulação com a educação (ESTORMOVSKI; VENZON, 2020, p. 21).

Assim, a disseminação de informações em tempos atuais exige de cada pessoa um alto grau de cuidado para que não se pulverize e se contamine como um vírus as informações que atacam não somente a própria democracia, como também, a todas as pessoas que podem ser influenciadas de modo errôneo no recebimento de tais dados.

Dewey, além de batalhar para o encorajamento da democracia através de uma visão ampla deste modo de vida que defende, a associa com a educação, igualmente democrática, nos termos que já explicitamos, tendo como meta a realização de um sistema social pautado no pleno compartilhamento dos avanços de uma sociedade verdadeiramente progressiva. Para isso, a educação deve apoiar-se na investigação dos problemas que encontramos em nosso caminho de vida comum e que dificultam ou até impedem o nosso processo de desenvolvimento. As lições do método científico são a resposta de que o autor precisava para inibir uma tradição escolar pautada na imposição de verdades, no dogmatismo, nas formas de se pensar através de uma lógica formal distante da vida. O resultado desses procedimentos de operacionalizar os problemas constituiria um corpo de conhecimento confiável, mas jamais paralisado no tempo, devendo ser constantemente questionado, revisado e, se preciso, alterado a partir de nova testagem de hipóteses e verificação. Nada estaria fora desse procedimento gerador de um pensamento reflexivo, crítico e transformador. E tais ensinamentos seriam o eixo principal para a elaboração dos objetivos educacionais construídos a partir do entendimento antropológico dos imaturos enquanto seres da

interdependência e intercomunicação, da plasticidade humana que lhes permite maior flexibilidade e adaptação ao mundo em mudança, dos homens e mulheres curiosos, inteligentes e investigativos que se desenvolvem juntos, se instados num ambiente efetivamente democrático.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A necessidade de se compreender a dimensão da linguagem a que estivemos empenhados foi possível a partir de um percurso realizado mediante a compreensão de conceitos que estavam correlacionados com a linguagem, como a educação e a democracia. Para isto, foi preciso entender que a dinâmica de uma sociedade que está sendo consolidada gradativamente a um modo de vida democrático e que, enquanto indivíduos sociais, somos seres que estamos em contato uns com os outros permanentemente. Deste modo, estabelecemos relações interpessoais com as quais expomos nossas ideias, nossas ideologias, nossas posturas políticas, credos religiosos e outras demandas de cunho particular e recebemos do outro, nosso interlocutor, igual bagagem.

Está claro que para se alcançar uma sociedade democrática parte-se da necessidade da dinâmica das relações pessoais a que estamos sujeitos no circuito de convivência. Além disso, é importante recordar que nosso processo de amadurecimento e desenvolvimento humanos são respostas aos estímulos externos que temos em nossa vida, desde a infância e a participação em momentos comunitários ou familiares, como as nossas experiências e as associações feitas a partir de significados que trazemos como fruto da nossa interação social.

Durante o estudo percebemos a presença da linguagem desde a manifestação dos primeiros balbuciar de palavras, nossas ideias, associações entre um objeto e o seu significado, ou seja, a comunicação como fonte de aprimoramento das experiências. Uma parte importante no aspecto da nossa formação educacional, desde a base no interior do seio familiar e, posteriormente, no âmbito social das relações interpessoais e em seus variados grupos organizados, sejam eles, civis, religiosos, científicos, escolares e outras expressões da vida em uma comunidade política, buscamos estabelecer um modo de viver em uma sociedade democrática, se inspirados em autores como Dewey.

Nesse sentido, a linguagem que estivemos analisando colabora para a construção de todo o material simbólico que o educando traz de sua vivência, quando se encontra no ambiente escolar. Sobretudo, em todos os ambientes que sejam propícios à manifestação das suas experiências, para a promoção de um sentido em sua subjetividade, a respeito da vida individual e coletiva, percebemos a necessidade de pautarmos a importância da linguagem.

Ao abordar a dimensão da vida individual e coletiva, a democracia que Dewey desejava enfatizar em uma sociedade em que existisse interação entre os seres humanos, constituindo-se num modo de vida mais ativo e contínuo, tinha em vista a realização do bem comum. Quando abordamos a relação do homem com a sociedade, há que se atentar para o fato de que, com a convivência entre a família, a escola, grupos religiosos, políticos e outros setores pertencentes à sociedade, o indivíduo será preparado para agir em um processo de contínuo desenvolvimento, tendo como objetivo a capacidade aumentada para assumir gradualmente as responsabilidades de acordo com as diferentes fases do desenvolvimento humano tornando-o mais apto a lidar com as exigências do futuro. Mas, educação é vida, é o processo de viver, e não o processo de esperar por um futuro em que se possa desfrutar do resultado de uma formação em preparo.

O papel que a democracia exerce junto a cada um de nós, enquanto seres sociais, diz respeito ao caráter de vida compartilhada, participativa e responsável, haja vista que nesse sistema político, as necessidades individuais, por mais divergentes que sejam, encontram seu ponto de convergência mediante os propósitos do trabalho cooperativo. Por isso, devemos ter em mente que o ideal de uma sociedade vislumbrada e desejada por Dewey carrega consigo um sistema de valores pertinentes a este modo de viver em sociedade, que regem a ação coletiva dos indivíduos e tornam a vida melhor num modo democrático de viver.

Contudo, para que se alcance o ideal de vida no interior da sociedade democrática, caberá ao homem dotado de sua inteligência permitir que se estabeleça entre os seres humanos a comunicação livre e plena entre os indivíduos, conferindo realidade à opinião comum, à vida social, portanto, estabelecer a necessidade de uma combinação entre a inteligência humana e da vida comunal, no terreno da democracia.

Em se tratando da democracia, esta é uma consolidação que é realizada mediante o uso da linguagem enquanto direciona seu uso em vista da promoção da interação social, como valioso instrumento que possui uma funcionalidade de dirigir o

diálogo entre as pessoas. Desta maneira, quando todas as pessoas se encontram confrontadas com situações que exigem o exercício da reflexão, como foi o evento da pandemia, além das incertezas que o evento gerou trouxe consigo a necessidade de se reavaliar as posturas e também as informações disseminadas que ora confundem, falseam, ora contribuem para encarar a realidade de uma situação como a deste ano de 2020.

Em todo o processo analisado, a partir da filosofia de Dewey, compreendemos que a educação como alicerce fundante do processo de amadurecimento das pessoas, seja em um ambiente escolar como em variados grupos a que a pessoa pertença, as associações realizadas entre um objeto e uma situação específica podem colaborar para a formação das ideias expressas por meio da linguagem que ajudam a exprimir o pensamento, as posturas, sejam elas convergentes ou divergentes. Posteriormente, a democracia é uma realidade que perpassa na intencionalidade de um modo de vida em que todos tenham as mesmas oportunidades de se desenvolver de forma igualitária.

Por fim, ao analisar a forma com que a filosofia de Dewey pode ser utilizada para observar e estudar a pandemia, descobrimos que essa perspectiva pode nos ajudar a entender os cuidados e riscos que o uso desmedido da linguagem na disseminação das *Fake News*, nos impedindo que o ideal democrático seja efetivado pois, promove uma confusão na assimilação das informações veiculadas pelos diferentes veículos de comunicação. Ademais, tais prejuízos também atingem os argumentos seja de defesa ou contestação das normas sanitárias que foram demonstradas a fim de garantir que toda a humanidade possa garantir sua sobrevivência e, também, o direito à vida como um direito fundamental para um modo de vida democrático.

## REFERÊNCIAS

AMARAL, Maria Nazaré de Camargo Pacheco. **Dewey: filosofia e experiência democrática**. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo, 1990.

ARAUJO, Inês Lacerda. **Subjetividade e linguagem são mutuamente excludentes?** *Princípios*, Natal, v. 14, n. 21, jan./jun. 2007, p. 83-103.

\_\_\_\_\_. **O conceito pragmatista de filosofia de John Dewey**. *Revista Redescrições – Revista online do GT de Pragmatismo e Filosofia Norteamericana. Ano I, número 1, 2009*, p. 1-16.

BARALDI, Sandro Adrian. **Dewey: a educação como instrumento para a democracia**. 2013. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2013.

BERG, Juliana; VESTENA, Carla Luciane Blum; ZWIEREWICZ, Marlene; COSTA-LOBO, Cristina. **Pandemia 2020 e Educação**. *Revbea*, São Paulo, v. 15, n. 4. p. 470-487, 2020

CABRA, Guilherme Perez. **Educação e Democracia: Perspectiva emancipatória a partir da Filosofia social de John Dewey**. *Quaestio Iuris* vol. 10, n. 02, Rio de Janeiro, 2017. p. 844-866 DOI: 10.12957/rqi.2017.25969

CABRAL, Caio Cesar. **Dewey e as relações entre natureza e experiência no ato investigativo**. *COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia*, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 12, nº. 2, julho-dezembro, 2015, p. 170-178

\_\_\_\_\_. **A teoria da linguagem de Dewey e o contexto cultural da investigação humana**. *COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia*, ISSN 1809-8428, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 14, nº. 1, janeiro-junho, 2016, p.18-31

CAFÉ, Laércio de Jesus. **Teoria da Experiência, contribuições de Dewey para a Filosofia da Educação**. *Revista AvePalavra*. WWW2.UNEMAT.BR/AVEPALAVRA

CUNHA, Marcus Vinicius da. **John Dewey: uma filosofia para educadores em sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 1994.

DEWEY, John. **Como pensamos**. Trad. de Haydée Camargo Campos. 4. ed. São Paulo: Companhia Editorial Nacional, 1979.

\_\_\_\_\_. **Democracia e educação**: Introdução à Filosofia da Educação. Trad. de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1959.

\_\_\_\_\_. **Experiência e educação**. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

\_\_\_\_\_. **Experiência e natureza**. Trad. de Murilo Otávio Rodrigues Paes Leme. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

\_\_\_\_\_. **Vida e Educação**. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Abril Cultural, 1980.

ESTORMOVSKI, Renata Cecilia; VENZON, Juliana. **A democracia e a escola em um cenário pandêmico: a materialização das políticas educacionais diante da Covid-19**. In: PURIFICAÇÃO, Marcelo Maximo; PESSOA, Maria Teresa Ribeiro; CATARINO, Elisangela Maura (orgs). **Aspectos históricos, políticos e culturais da educação brasileira**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

FERREIRA, Nicholas Gabriel Minotti Lopes. **O papel da experiência na filosofia de John Dewey**. Revista Filogênese. vol. 4, n. 2, 2011.

FERNANDES, José Pedro Matos; ARAUJO, Alberto Filipe; DEL DUJO, Angel Garcia. **Democracia, inteligência e (boa) educação, na perspectiva de John Dewey**. Educ. Pesqui. São Paulo, vol. 44. nov. 2017.

GALIANI, Claudemir; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Algumas reflexões sobre as propostas educacionais de John Dewey para uma sociedade democrática.** Cadernos de História da Educação - n. 3 - jan./dez. 2004, p. 17-25

GONZALEZ-MONTEAGUDO, José. **John Dewey y la pedagogía progresista.** In: J. Trilla (Coord.). *El legado pedagógico del siglo XX para la escuela del siglo XXI.* Barcelona: Graò, 2001, 15-39.

HENNING, Leoni Maria Padilha. **Notas sobre a experiência qualitativa.** *Filosofia e Educação.* Campinas, vol. 7, n. 2. p. 47-74. jun-set. 2015.

KONZEN, José Oto. **Naturalismo ético, formalização do pensamento e educação em John Dewey.** Inter-Ação. Goiânia, v. 37, n. 2, p. 287-306, jul./dez. 2012.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa. **A Filosofia da Educação de John Dewey: reflexões e perspectivas atuais para a escola brasileira.** *Filosofia e Educação.* Vol. 7, n. 2. Campinas, SP. jun-set, 2015, p. 19-46.

LINS, Maria Judith Sucupira da Costa; OLIVEIRA, Talita Adão Perini de. **Contribuições do Pragmatismo e da Filosofia da Linguagem para a prática da ética na educação.** Rev. Eletrônica Pesquiseduca. v. 09, n. 17, p. 40-56. jan.-abr.2017.

MAURANO, Laura Maria dos Santos. **Formação de professores sob a ótica da concepção de experiência de Dewey.** 2016. 113 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2016.

MURARO, Darcísio Natal. **A importância do conceito no pensamento deweyano: relação entre pragmatismo e educação.** 2008. 228 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de São Paulo, São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. **Democracia como forma de vida – as relações entre as ideias de Paulo Freire e Dewey.** IX ANPED SUL. Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul. 2012.

\_\_\_\_\_. **Democracia e educação: aproximações entre as ideias de John Dewey e Paulo Freire.** Cognitio-Estudios: Revista Eletrônica de Filosofia. São Paulo: CEP/PUC-SP, v. 9, n. 2, jul-dez, 2012, p. 205-226.

\_\_\_\_\_. **Filosofia da experiência e formação humana para John Dewey.** Perspectiva. Florianópolis, v. 35, n. 2, p. 520-545, abr/jun. 2017.

\_\_\_\_\_. **Relações entre a filosofia e a educação de John Dewey e de Paulo Freire.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 38 n. 3. jul./set. 2013.

\_\_\_\_\_. **Filosofia e Educação na Perspectiva de Dewey e Freire.** Revista Fundamentos. vol. 1, n. 1, 2018.

MENDONÇA, Samuel; ADAID, Felipe Alves Pereira. **Experiência e Educação no pensamento educacional de John Dewey: teoria e prática em análise.** Revista Prometeus. Ano 11 n. 26 – jan. – maio, 2018, p. 135-150.

NETO, Mercedes; GOMES, Tatiana de Oliveira; PORTO, Fernando Rocha; RUSSO, Ricardo de Mattos; FONSECA, Mary Hellem Silva Fonseca; NASCIMENTO, Julia. **Fake news no cenário da pandemia de Covid-19.** Cogitare enferm. 2020. Acesso em 15 de outubro. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5380/ce.v25i0.72627>.

NICOLODI, Elaine. **A importância da relação aprendizagem, experiência e interação em Dewey: versos e contraversos na educação.** Revista Eletrônica de Educação da Faculdade Araguaia, 4: 144-156.

OLIVERA, Maria Alejandra. **John Dewey y Matthew Lipman: un análisis sobre el rol docente en la constitución de comunidades de investigación educativas y democráticas.** 2018. 131 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidad Nacional del Centro de la Provincia de Buenos Aires, Argentina, 2018.

ORLOSKI, Erick. **John Dewey: uma fricção entre o pensamento reflexivo e a experiência.** UNESP. p. 342-356

OZMON, Howard A. **Fundamentos filosóficos da educação**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PAGNI, Pedro Angelo. **Dimensão estética, linguagem e comunicação na experiência educativa: divergências entre Dewey e Adorno**. Educ. e Filos. Uberlândia, v. 23, n. 46, p. 169-188, jul./dez. 2009

PASSINI, Carlos Giovani Delevati; CARVALHO, Élvio de; ALMEIDA, Lucy Hellen Coutinho. **A educação híbrida em tempos de pandemia: algumas considerações**. Observatório Socioeconômico da COVID-19. Santa Maria. 2020.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: da formação humana à construção do sujeito ético**. Revista Educação & Sociedade. vol. 22 n.76. Campinas. 2001

SANTOS, Boaventura de Souza. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Ed. Almedina, 2020.

SANTOS, Marcela Calixto dos; HENNING, Leoni Maria Padilha. **Experiência e natureza: lições deweyanas à prática docente na escola pública brasileira**. *Revista Redescrições* – Revista online do GT de Pragmatismo Ano 4, n. 1, 2012.

SANTOS, Marcela Calixto dos. **A experiência na relação professor-aluno: uma análise reflexiva a partir das contribuições teóricas de John Dewey e Paulo Freire**. 2014. 226 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

SCHMIDT, Ireneu Aloísio. **John Dewey e a educação para uma sociedade democrática**. Contexto & Educação, Ijuí: Editora Unijuí, ano 24, n. 82, jan-jul, 2009, p. 135-154.

SOUZA, Rodrigo Augusto de. **A concepção de linguagem em John Dewey**. COGNITIO-ESTUDOS: Revista Eletrônica de Filosofia, São Paulo: CEP/PUC-SP, vol. 13, nº. 1, janeiro-junho, 2016, p.14-24

TEIXEIRA, Anísio. **A pedagogia de Dewey**. In: DEWEY, John. **Vida e educação**. Trad. de Anísio Teixeira. São Paulo: Editora Nacional, 1971.

TIBALLI, Elianda Figueiredo Arantes. **Pragmatismo, experiência e educação em John Dewey**. GT: Didática / n.04.

TRINDADE, Christiane Coutheux. **Educação, Sociedade e Democracia no pensamento de John Dewey**. 2009. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

\_\_\_\_\_. **Ética e educação em John Dewey: o homem comum e a imaginação moral na sociedade democrática**. 2014. 165 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

WESTBROOK, Robert; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Trad. de José Eustáquio Romão e Verone Lane Rodrigues. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.